



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella,
Bairro Ininga, Teresina, Piauí, Brasil; CEP 64049-550
Telefones: (86) 3215-5525/3215-5526

E-mail: assessoriaufpi@gmail.com ou comunicacao@ufpi.edu.br

BOLETIM DE SERVIÇO

Nº 1260 - Setembro/2025
Resoluções - Nº 888 e 889/2025
(CEPEX/UFPI)

Teresina, 19 de setembro de 2025



Ministério da Educação
Universidade Federal do Piauí
Gabinete da Reitoria

RESOLUÇÃO CEPEX/UFPI Nº 888, DE 18 DE SETEMBRO DE 2025

Aprova o novo Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Matemática - PPGMAT, vinculado ao Centro de Ciências da Natureza, do *Campus* Universitário Ministro Petrônio Portella, da Universidade Federal do Piauí.

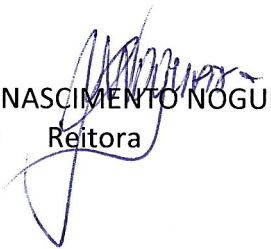
A REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI e PRESIDENTE DO CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – CEPEX, no uso da atribuição que lhe confere o art. 15, *caput*, inciso XXI, do Regimento Geral da UFPI, de acordo com o que consta do processo nº 23111.034433/2024-08 da UFPI, e tendo em vista decisão do mesmo Conselho em reunião de 15 de setembro de 2025,

RESOLVE:

Art. 1º Fica aprovado o novo Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Matemática - PPGMAT, vinculado ao Centro de Ciências da Natureza, do *Campus* Universitário Ministro Petrônio Portella, da Universidade Federal do Piauí, conforme documento anexo.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data da sua publicação.

Teresina, 18 de setembro de 2025


NADIR DO NASCIMENTO NOGUEIRA
Reitora



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA**



Regimento Interno do PPGMAT - UFPI

NADIR DO
NASCIMENTO
NOGUEIRA:182571353
72

Assinado de forma digital
por NADIR DO NASCIMENTO
NOGUEIRA:18257135372
Dados: 2025.09.19 11:14:55
-03'00'

Estabelece adequações do Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Matemática da Universidade Federal do Piauí norteadas pela Resolução CEPEX/UFPI Nº 658, de 22 de Abril de 2024.

ESTABELECE:

CAPÍTULO I

DA NATUREZA E OBJETIVOS

Art. 1º A Universidade Federal do Piauí (UFPI) manterá no Centro de Ciências da Natureza (CCN) o Programa de Pós-Graduação em Matemática, regido pelo Estatuto, Regimento Geral e normas da Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFPI, bem como por este Regimento Interno.

Art. 2º O Programa, com a oferta dos Cursos de Mestrado e Doutorado Acadêmicos, terá Matemática como Área de Concentração e 3 (três) Linhas de Pesquisa:

- I. Análise;
- II. Geometria e Topologia;
- III. Matemática Aplicada.

Parágrafo Único. O Programa de Pós-Graduação em Matemática, nos níveis de Mestrado e Doutorado, conferirá aos concludentes os graus de Mestre em Matemática e de Doutor em Matemática, respectivamente.

Art. 3º O Programa tem por objetivo preparar recursos humanos com qualificação para a docência e para a pesquisa em Matemática Pura ou Aplicada, dando-lhes, desse modo, condições para que possam desempenhar o exercício do magistério superior com maior eficiência e desenvolver com capacidade a pesquisa nos diversos ramos do conhecimento matemático.

CAPÍTULO II

DA ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-ADMINISTRATIVA

Art. 4º Integram a organização didático-administrativa do Programa de Pós-Graduação em Matemática:

- I. o Colegiado do Programa, como órgão deliberativo;
- II. a Coordenação do Programa, como órgão executivo;
- III. a Secretária do Programa, como órgão de apoio administrativo.

Art. 5º A constituição e atribuição dos órgãos responsáveis pela organização didático-administrativa do Programa são as definidas pelos órgãos competentes da UFPI, através das normas em vigor.

§ 1º O Colegiado do Programa será constituído pelo Coordenador, como seu presidente, por todos os docentes do programa, da categoria permanente, e um representante discente.

§ 2º O mandato do representante discente será de um ano, permitida apenas uma recondução.

Art. 6º A Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Matemática - PPGMAT será composta pelo Coordenador e Subcoordenador.

§ 1º O Coordenador e Subcoordenador serão eleitos entre os docentes da categoria permanente do PPGMAT, as chapas serão apresentadas em reunião ordinária realizada para este fim e a chapa eleita será aquela que obtiver a maioria simples de votos, conforme determina o Art. 8º da Resolução Nº 658, de 22 de abril de 2024, do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão da Universidade Federal do Piauí.

§ 2º O mandato da coordenação do PPGMAT será de 02 (dois) anos consecutivos. A reeleição é permitida uma única vez.

Art. 7º Nas faltas e nos impedimentos do Coordenador do PPGMAT, suas funções serão exercidas, para todos os efeitos, pelo Subcoordenador.

§ 1º Nas faltas e nos impedimentos do Coordenador e do Subcoordenador simultaneamente, a função de coordenador será exercida pelo docente permanente do PPGMAT mais antigo no magistério da Universidade;

§ 2º. Em caso de impedimento permanente ou na renúncia do Coordenador e do Subcoordenador, o coordenador em exercício deverá convocar novas eleições em até 30 dias. O mandato da chapa eleita corresponderá ao período restante do mandato original.

CAPÍTULO III

COMISSÃO DE BOLSA

Art. 8º A Comissão de Bolsa será composta pelo Coordenador do Programa, por dois docentes permanentes vinculados a diferentes linhas de pesquisa do Programa e por um representante discente.

Parágrafo único: O mandato dos representantes docentes do colegiado será de 01 (um) ano, renovável por igual período, uma única vez.

Art. 9º A comissão de Bolsa se reunirá semestralmente, ou sempre que necessário, para decidir sobre distribuição das bolsas atribuídas ao Programa a qual estará norteadas pelos critérios estabelecidos na Portaria do PPGMAT Nº1, de 16 de março de 2020.

CAPÍTULO IV

DO CORPO DOCENTE E DA ORIENTAÇÃO

Art. 10 O Corpo Docente do Programa será constituído por professores, portadores do título de Doutor ou Livre Docente, nas áreas de abrangência do Programa, distribuídos nas seguintes categorias:

- I. docentes permanentes, constituindo o núcleo principal de docentes do programa;
- II. docentes e pesquisadores visitantes;
- III. docentes colaboradores.

Art. 11 Integram a categoria de docentes permanentes os docentes assim enquadrados, declarados e relatados anualmente pelo programa, e que atendam a todos os seguintes pré-requisitos:

- I. desenvolvam atividades de ensino na pós-graduação ou graduação;
- II. participem de projetos de pesquisa do programa;
- III. orientem alunos do programa, sendo devidamente credenciados como orientador pelo programa de pós-graduação e pela instância para esse fim considerada competente pela instituição;
- IV. tenha vínculo funcional-administrativo com a instituição ou, em caráter excepcional, consideradas as especificidades de áreas, instituições e regiões, se enquadrem em uma das seguintes condições especiais:
 - (a) quando recebam bolsa de fixação de docente ou pesquisadores de agência federais ou estaduais de fomento;
 - (b) quando, na qualidade de professor ou pesquisador aposentado, tenham firmado com a instituição termo de compromisso de participação como docente do programa, conforme estabelece a Resolução 214/12-CEPEX;
 - (c) quando tenham sido cedidos, por instituição conveniada, por acordo formal, para atuar como docente do programa;
 - (d) a critério do PPG, quando o docente estiver em afastamento longo para a realização de estágio pós-doutoral, estágio sênior ou atividade relevante em Educação, Ciência e Tecnologia e Inovação e não atender ao estabelecido pelos incisos I e II deste Artigo, desde que atendidos os demais requisitos fixados.

Art. 12 Integram a categoria de docentes visitantes os docentes ou pesquisadores com vínculo funcional-administrativo com outras instituições, brasileiras ou não, que sejam liberados, mediante acordo formal, das atividades correspondentes a tal vínculo para colaborarem, por um período contínuo de tempo e em regime de dedicação integral, em projeto de pesquisa ou atividade de ensino no programa, permitindo-se que atuem como orientadores e em atividades de extensão.

Parágrafo Único. Enquadram-se como visitantes os docentes que atendam ao

estabelecido no caput deste artigo e tenham sua atuação no programa viabilizada por contrato de trabalho por tempo determinado com a instituição ou por bolsa concedida, para esse fim, pela própria instituição ou por agência de fomento.

Art. 13 Integram a categoria de colaboradores os demais membros do Corpo Docente do Programa que não atendam aos requisitos para serem enquadrados como docentes permanentes ou como visitantes, incluídos os bolsistas de pós-doutorado, mas que participem de forma sistemática do desenvolvimento de projetos de pesquisa ou atividades de ensino ou extensão ou da orientação de estudantes, independentemente do fato de possuírem ou não vínculo com a instituição.

Art. 14 Critérios para credenciamento e recredenciamento de membros do corpo docente, e distribuições de orientações no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Matemática da Universidade Federal do Piauí serão estabelecidos em portaria própria.

Art. 15 Todo aluno regular do Programa terá um orientador escolhido pelo Colegiado, preferencialmente dentre os docentes do corpo permanente, podendo ser substituído, caso seja de interesse de uma das partes, com anuência do Colegiado do Programa.

Parágrafo Único. Compete ao orientador:

- I. elaborar, juntamente com o orientando, seu programa de estudo;
- II. opinar sobre o cancelamento de disciplina ou sobre o trancamento de matrícula;
- III. aconselhar o(a) discente quanto à escolha do tema da Dissertação ou Tese;
- IV. orientar a Dissertação ou Tese em todas as fases de sua elaboração;
- V. encaminhar à Coordenação do Programa o projeto de Dissertação ou de Tese;
- VI. presidir a sessão de defesa de Dissertação ou Tese;
- VII. sugerir à Coordenação do Programa os nomes de docentes para integrarem as comissões de julgamento de Dissertações ou de Tese;
- VIII. encaminhar à Coordenação do Programa, cópia da Dissertação ou da Tese, para agendamento de defesa.

Art. 16 Por proposta do orientador e a juízo do Colegiado, poderá haver um coorientador.

CAPÍTULO V

DA QUANTIDADE DE VAGAS OFERTADAS PELO PROGRAMA

Art. 17 A quantidade de vagas ofertadas pelo Programa, em cada processo de seleção, será sugerida pela Coordenação para a aprovação pelo Colegiado.

Art. 18 Para o estabelecimento do número de vagas, o Colegiado levará em consideração, entre outros, os seguintes dados:

1. a capacidade de orientação, obedecendo-se a relação pertinente de orientandos

por orientador, segundo as normas da CAPES, incluídos os estudantes de outros Programas ou remanescentes de períodos anteriores;

2. o fluxo de discentes;
3. a previsão de titulações efetivas no ano e até o início do ano letivo seguinte para o qual as vagas serão propostas;
4. a existência efetiva de projetos de pesquisa e de infraestrutura física.

CAPÍTULO VI

DA INSCRIÇÃO, DA SELEÇÃO E DA MATRÍCULA

Art. 19 As inscrições para a seleção de ingresso no Programa serão abertas mediante Edital de Seleção elaborado pela Comissão de Seleção escolhida pelo Colegiado do Programa.

§ 1º O Edital de Seleção determinará o prazo de inscrição, a documentação exigida para cada candidato efetuar sua inscrição, a quantidade de vagas ofertadas e as normas que regem o processo seletivo e deverá ser aprovado pelo Colegiado do Programa;

§ 2º O Edital de Seleção será elaborado segundo o que dispõe o Regulamento da Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFPI e os demais dispositivos legais em vigor.

§ 3º Poderão participar do processo de seleção para o curso de mestrado os candidatos portadores de diploma de curso de graduação em matemática ou áreas afins, diploma este que deve ser proveniente de curso reconhecido pelo órgão competente, ou concludentes que na data da matrícula institucional tenham concluído o curso de graduação.

§ 4º Poderão participar do processo de seleção para o curso de doutorado os candidatos portadores de diploma de Mestre em Matemática ou áreas afins, diploma este que deve ser proveniente de curso reconhecido pelo órgão competente, ou concludentes que na data da matrícula institucional tenham concluído o curso de mestrado.

Art. 20 O candidato aprovado e selecionado deverá efetuar suas matrículas institucional e curricular nos períodos estabelecidos pelo calendário acadêmico da UFPI.

§ 1º Os candidatos aprovados e selecionados deverão, no ato da matrícula institucional, apresentar a documentação determinada no Edital de Seleção.

§ 2º A não efetivação da matrícula institucional no prazo fixado implica na desistência do candidato em matricular-se no Programa, perdendo todos os direitos adquiridos pela aprovação no processo seletivo.

Art. 21 O aluno regular deverá renovar sua matrícula curricular a cada semestre letivo, no período fixado pelo calendário acadêmico da UFPI.

CAPÍTULO VII

DO CORPO DISCENTE

Art. 22 O corpo discente será constituído por alunos regulares e especiais.

§ 1º Aluno regular é aquele que foi aceito no processo de seleção ou que tenha sido transferido de outra instituição, de acordo com o Artigo 25 deste Regimento, e está regularmente matriculado no Programa;

§ 2º Aluno especial é aquele que não se encaixa na descrição do § 1º, mas está inscrito em disciplinas isoladas;

§ 3º A Coordenação definirá os critérios e procederá a seleção dos alunos especiais, em consonância com as normas em vigor definidas pelos órgãos competentes da UFPI;

§ 4º A inscrição de alunos especial em disciplina do Programa fica condicionada à disponibilidade de vagas;

§ 5º O aluno especial que, posteriormente, for aceito no processo de seleção para ingressar no Programa como aluno regular, poderá solicitar aproveitamento das disciplinas cursadas, obedecendo o limite estabelecido no Artigo 30 deste Regimento.

CAPÍTULO VIII

DO TRANCAMENTO E CANCELAMENTO DE MATRÍCULA

Art. 23 Será permitido ao aluno cancelar matrícula em uma disciplina ou substituir disciplina ou atividade por outra, obedecendo ao calendário acadêmico da Pós-Graduação e à vista de parecer favorável do orientador ou do Colegiado do Programa.

§ 1º Será permitido ao aluno regular efetuar o trancamento/cancelamento em disciplina, durante o primeiro ano letivo, desde que o mesmo permaneça matriculado em pelo menos uma disciplina obrigatória ofertada no semestre letivo da solicitação;

§ 2º O trancamento/cancelamento só poderá ser feito uma vez na mesma disciplina, exceto por motivo de doença, devidamente comprovado, pela Perícia Médica da UFPI.

Art. 24 Será permitido ao aluno, por motivo de doença, devidamente comprovado pela Perícia Médica da Universidade, o trancamento do curso pelo período máximo de até doze meses, não sendo o período do trancamento computado para efeito de integralização curricular.

CAPÍTULO IX

DA TRANSFERÊNCIA

Art. 25 Poderão ser admitidas transferência de alunos, segundo as normas específicas vigentes na UFPI, a critério do Colegiado, desde que haja vaga e disponibilidade de Orientador.

Parágrafo Único. O aluno transferido deverá cumprir os prazos mínimo e máximo, previstos nesta norma, de permanência no Programa para a obtenção do Grau de Mestre ou Doutor em Matemática.

CAPÍTULO X

DA ESTRUTURA ACADÊMICA

Art. 26 O número mínimo de créditos para a integralização do Curso de Mestrado é 32 (trinta e dois), assim distribuídos:

- I. 18 (dezoito) créditos obtidos cursando as disciplinas obrigatórias: Análise no $\mathbb{R}^n$ (6 créditos), Análise Complexa (4 créditos), Estruturas Algébricas (4 créditos) e Geometria Diferencial (4 créditos);
- II. apresentação oral e defesa de Dissertação, corresponde a 6 créditos;
- III. a complementação dos créditos será feita cursando disciplinas da Estrutura Acadêmica do Curso, elencadas no quadro Grupo II do Anexo I, a critério do aluno e em comum acordo com o seu orientador.

Art. 27 O número mínimo de créditos para a integralização do Curso de Doutorado é 60 (sessenta), assim distribuídos:

- I. pelo menos 24 (vinte e quatro) créditos obtidos dentre as disciplinas: Análise Funcional (6 créditos), Variedades Diferenciáveis (6 créditos), Equações Diferenciais Parciais I (6 créditos), Geometria Riemanniana (6 créditos) e Otimização I (6 créditos);
- II. apresentação oral e defesa de Tese, correspondem a 12 (doze) créditos;
- III. o estágio à docência corresponde a 2 créditos para mestrado e 4 créditos para doutorado;
- IV. a complementação dos créditos será feita cursando disciplinas da Estrutura Acadêmica do Curso, elencadas no quadro Grupo II do Anexo I, a critério do aluno e em comum acordo com o seu orientador.

Art. 28 A atividade de Estágio à Docência é obrigatória para os alunos regulares bolsistas do Programa e será realizada de acordo com as normas em vigor.

Art. 29 A verificação do rendimento acadêmico será feita por disciplina, abrangendo sempre os aspectos de assiduidade e eficiência, ambos eliminatórios por si mesmos.

§ 1º A critério do professor, a avaliação da eficiência far-se-á por um ou por mais dos seguintes meios de aferição: provas, exames, trabalhos, projetos;

§ 2º A verificação de que trata este artigo será expressa, em resultado final, por meio de notas na escala de zero a dez com, no máximo, uma casa decimal;

§ 3º Considerar-se-á aprovado o aluno que obtiver nota mínima igual a 7,0 (sete) e frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento).

Art. 30 O aluno regular poderá solicitar aproveitamento de disciplina cursada na UFPI ou em outras Instituições de Ensino Superior, segundo as normas específicas vigentes na UFPI. O mérito da solicitação será julgado pelo Colegiado do Programa, ouvido o orientador do aluno.

§ 1º O número máximo de créditos que podem ser aproveitados é 18 (dezoito), para o Curso de Mestrado, e 24 (vinte e quatro), para o Curso de Doutorado;

§ 2º Só poderão ser aproveitados o máximo de 10 (dez) créditos, para o Curso de Mestrado, e 12 (doze), para o Curso de Doutorado, obtidos na condição de aluno especial;

§ 3º O número máximo de créditos que podem ser aproveitados é 18 (dezoito), para o Curso de Mestrado, e 24 (vinte e quatro), para o Curso de Doutorado, para alunos transferidos;

§ 4º O aproveitamento de estudos tratado no *caput* deste artigo somente poderá ser feito quando as disciplinas tiverem sido concluídas há, no máximo, quatro anos.

CAPÍTULO XI

DO EXAME DE PROFICIÊNCIA

Art. 31 Qualquer uma das três línguas: Espanhol, Francês ou Inglês, poderá ser considerada para satisfazer a obrigatoriedade de proficiência em língua estrangeira para o Mestrado.

Art. 32 Aos alunos do Doutorado é obrigatório demonstrar proficiência em, pelo menos, duas línguas estrangeiras. Sendo uma proficiência obrigatória em língua inglesa e a outra em qualquer língua diferente da língua pátria do candidato.

Art. 33 Os Exames de Proficiência serão realizados de acordo com as normas em vigor, definidas pelos órgãos competentes da UFPI.

CAPÍTULO XII

DO EXAME DE QUALIFICAÇÃO

Art. 34 A Qualificação, obrigatória para todos os alunos regulares do Mestrado, será realizada em duas etapas.

§ 1º A primeira etapa, denominada Exame de Conhecimento, será escrita e deverá ser realizada até 12 (doze) meses após o ingresso do aluno no curso, tendo como objetivo avaliar os conhecimentos obtidos pelo aluno nas disciplinas Análise no R^n e Análise Complexa (primeiro semestre) ou Estruturas Algébricas e Geometria Diferencial (segundo semestre);

§ 2º O Exame de Conhecimento será aplicado duas vezes ao ano, no máximo quarenta e cinco dias após o término de cada semestre letivo, podendo o aluno optar em qual ocasião irá submeter-se. A prova escrita será elaborada e aplicada por uma comissão composta por três docentes do Programa, proposta pela Coordenação e aprovada pelo colegiado;

§ 3º O aluno que não obtiver êxito no Exame de Conhecimento terá direito somente a uma nova oportunidade, no prazo máximo de trinta dias após a realização do primeiro exame;

§ 4º O resultado do julgamento do Exame de Conhecimento será expresso por uma das seguintes avaliações: Aprovado (Ap) ou Não Aprovado (NAp).

§ 5º A segunda etapa, denominada Exame de Qualificação (Pré-Projeto), será realizada até 18 (dezoito) meses após o ingresso do aluno no curso, na qual o discente deverá apresentar à banca seu Projeto de Dissertação. O aluno que não obtiver êxito nesta etapa terá direito somente a uma nova oportunidade, no prazo máximo de um mês após a realização;

§ 6º As bancas examinadoras do Exame de Qualificação (Pré-Projeto), designadas pelo Coordenador, serão constituídas pelo orientador do discente, como presidente, e por mais dois membros titulares e um suplente, integrantes do corpo docente do próprio PPGMAT-UFPI, de outro PPG da UFPI ou convidado de outra instituição, todos com titulação de Doutor.

§ 7º O resultado do julgamento do Exame de Qualificação (Pré-Projeto) será expresso por uma das seguintes avaliações: Aprovado (Ap) ou Não Aprovado (NAp).

Art. 35 A Qualificação, obrigatória para todos os alunos regulares do Doutorado, será realizada em duas etapas.

§ 1º A primeira etapa, denominada Exame de Áreas, será escrita e deverá ser realizada até 18 (dezoito) meses após o ingresso do aluno no curso, tendo como objetivo avaliar os conhecimentos obtidos pelo aluno em duas linhas de pesquisa do programa de acordo com o Anexo III.

§ 2º A primeira etapa será aplicada duas vezes ao ano, no máximo quarenta e cinco dias após o término de cada semestre letivo, podendo o aluno optar em qual ocasião irá submeter-se. A prova escrita será elaborada e aplicada por uma comissão composta por três docentes do Programa, proposta pela Coordenação e aprovada pelo colegiado;

§ 3º A segunda etapa, denominada Exame de Qualificação Oral, deverá ser realizada na forma de defesa do Projeto de Tese até 24 (vinte e quatro) meses após o ingresso de aluno no curso. O aluno que não obtiver êxito nesta etapa terá direito somente a uma nova oportunidade, no prazo máximo de um mês após a realização;

§ 4º As bancas examinadoras da segunda etapa, designadas pelo Colegiado do Programa, serão constituídas pelo orientador do aluno, como presidente, e por mais dois membros titulares e um suplente, integrantes do corpo docente do próprio Programa, de outro Programa da UFPI ou convidado de outra instituição.

CAPÍTULO XIII

DO DESLIGAMENTO

Art. 36 Além dos casos previstos no Regimento Geral da UFPI e no Regulamento da Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFPI, será desligado do Programa o aluno que:

- I. apresentar requerimento à Coordenação solicitando seu desligamento;
- II. for reprovado por duas vezes em uma mesma disciplina;
- III. for reprovado uma vez em duas disciplinas distintas;
- IV. não obtiver aprovação em qualquer etapa de Qualificação dentro do prazo que lhe é de direito, de acordo com os Artigos 34 e 35;
- V. não comprovar integralização curricular no prazo regimental.

Art. 37 Os tempos mínimo e máximo de permanência no Programa para a obtenção do Grau de Mestre são, respectivamente, de 12 (doze) e 24 (vinte e quatro) meses.

Parágrafo Único. Se autorizado pelo Colegiado, mediante justificativa e anuência do orientador, será concedido ao aluno mais 6 (seis) meses de permanência no Programa para conclusão do curso.

Art. 38 Os tempos mínimo e máximo de permanência no Programa para a obtenção do Grau de Doutor são, respectivamente, de 24 (vinte e quatro) e 48 (quarenta e oito) meses.

Parágrafo Único. Se autorizado pelo Colegiado, mediante justificativa e anuência do orientador, será concedido ao aluno mais 12 (doze) meses de permanência no Programa para conclusão do curso.

CAPÍTULO XIV

DOS TÍTULOS

Art. 39 A elaboração do Trabalho de Dissertação ou Tese obedecerá às normas dispostas no Regimento Geral dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFPI.

Parágrafo Único. O Trabalho de Dissertação ou Tese será elaborado de acordo com o modelo fornecido pela Coordenação do Programa.

Art. 40 Ao concluir o Trabalho de Dissertação, e cumpridas as exigências constantes neste Regimento e normas da Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFPI, o orientador do mestrando irá sugerir à Coordenação do Programa a composição da Banca Examinadora.

§1º A Banca Examinadora, proposta pela Coordenação e aprovada pelo colegiado, será composta por três examinadores e um suplente, sendo, no mínimo, um dos docentes integrantes de outra Instituição;

§2º A Banca Examinadora será presidida pelo Orientador do Aluno;

§3º Os examinadores, bem como o suplente, deverão ser portadores do título de doutor ou equivalente.

Art. 41 Os membros da Banca Examinadora da Defesa de Dissertação deverão atribuir ao mestrando uma das seguintes menções: Aprovado (Ap) ou Não Aprovado (NAp).

§1º Será considerado aprovado o aluno que receber a menção “Ap” pela Banca Examinadora;

§2º Nos casos em que sejam sugeridas modificações na dissertação pelos membros da banca examinadora, o aluno deverá efetuar as mudanças dentro do prazo máximo de sessenta dias corridos e somente após o cumprimento dessa exigência poderá solicitar o seu diploma de Mestre;

§3º Qualquer documentação comprobatória de conclusão do mestrado será emitida, pela Coordenação, somente após a entrega dos exemplares da versão final da dissertação.

Art. 42 Para obter o Grau de Mestre, o aluno deverá, dentro do prazo regimental, ter satisfeito as exigências do Regimento Geral da UFPI, normas da Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFPI e do presente Regimento.

Parágrafo Único. A UFPI outorgará o título de Mestre em Matemática aos mestrandos do programa que tenham cumprido os dispositivos de que trata o *caput* deste artigo.

Art. 43 Ao concluir o Trabalho de Tese e cumpridas as exigências constantes neste Regimento e normas da Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFPI, o orientador do doutorando irá sugerir à Coordenação do Programa a composição da Banca Examinadora.

§1º A Banca Examinadora, proposta pela Coordenação e aprovada pelo colegiado, será composta por cinco examinadores e dois suplentes, sendo, no mínimo, dois dos docentes integrantes de outra Instituição;

§2º A Banca Examinadora será presidida pelo Orientador do Aluno;

§3º Os Examinadores, bem como os suplentes, deverão ser portadores de título de doutor ou equivalente.

Art. 44 Os membros da Banca Examinadora da Defesa de Tese deverão atribuir a doutorando uma das seguintes menções: Aprovado (Ap) ou Não Aprovado (NAp).

§1º Será considerado aprovado o aluno que receber a menção “Ap” pela Banca Examinadora;

§2º Nos casos em que sejam sugeridas modificações na tese pelos membros da banca examinadora, o aluno deverá efetuar as mudanças dentro do prazo, máximo, de sessenta dias corridos e somente após o cumprimento dessas exigências poderá solicitar o seu diploma de Doutor;

§3º Qualquer documentação comprobatória de conclusão do doutorado será emitida, pela Coordenação, somente após a entrega dos exemplares da versão final da dissertação.

Art. 45 Para obter o Grau de Doutor, o aluno deverá, dentro do prazo regimental, ter satisfeito as exigências do Regimento Geral da UFPI, normas da Pós-Graduação Stricto Sensu da UFPI e do presente Regimento.

Parágrafo Único. A UFPI outorgará o título de **Doutor em Matemática** aos doutorandos do programa que tenham cumprido os dispositivos de que trata o *caput* deste artigo.

CAPÍTULO XV

DAS DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Art. 46 Os casos omissos neste Regimento serão resolvidos, preliminarmente pelo Colegiado do Programa, cabendo recursos às instâncias superiores da UFPI, conforme legislação interna vigente.

Art. 47 O presente regimento entrará em vigor na data de sua aprovação pelo CEPEX.

Art. 48 Tornar sem efeito a Resolução Nº 087/18 CEPEX/UFPI.

ANEXO I

ESTRUTURA ACADÊMICA

GRUPO I

DISCIPLINAS E ATIVIDADES OBRIGATÓRIAS

MESTRADO		
Disciplina	Créditos	Carga Horária
Análise no R^n	6	90 h
Análise Complexa	4	60 h
Estruturas Algébricas	4	60 h
Geometria Diferencial	4	60 h
Atividade	Créditos	Carga Horária
Defesa de Dissertação	6	90 h
Exame de Qualificação	0	Não se aplica
Estágio à Docência	2	30 h
DOUTORADO		
Disciplina	Créditos	Carga Horária
Análise Funcional	6 M/D	90 h
Variedades Diferenciáveis	6 M/D	90 h
Equações Diferenciais Parciais I	6 M/D	90 h
Geometria Riemanniana	6 M/D	90 h
Otimização I	6 M/D	90 h
Atividade	Créditos	Carga Horária
Defesa de Tese	12	180 h
Exame de Qualificação	0	Não se aplica
Estágio à Docência	4	60 h

GRUPO II

DISCIPLINAS ELETIVAS

Disciplina	Créditos	Carga Horária
Acompanhamento discente - Mestrado	2 M	30 h
Acompanhamento discente - Doutorado	4 D	60 h
ANÁLISE		
Equações Diferenciais Ordinárias	4 M/D	60 h
Equações Diferenciais Parciais II	4 M/D	60 h
Introdução às Equações dispersivas não-lineares	4 M/D	60 h
Análise Harmônica	4 M/D	60 h

Espaços de Sobolev e Aplicações às EDPs	4 D	60 h
Equações Diferenciais Parciais Elípticas	4 D	60 h
Medida e Integração	4 M	60 h
Teoria de Semigrupos e Aplicações	4 D	60 h
Teoria do Controle	4 M/D	60 h
Teoria dos Pontos Críticos	4 M/D	60 h
Teoria Espectral	4 D	60 h
Tópicos de Análise I	4 M/D	60 h
Tópicos de Análise II	4 D	60 h
Seminário de Análise I	4 D	60 h
Seminário de Análise II	4 D	60 h
GEOMETRIA E TOPOLOGIA		
Dinâmica Hiperbólica	4 M/D	60 h
Geometria de Subvariedades	4 D	60 h
Análise Geométrica	4 M/D	60 h
Teoria Ergódica	4 M/D	60 h
Topologia Geral	4 M/D	60 h
Topologia Algébrica	4 M/D	60 h
Subvariedades Mínimas	4 D	60 h
Tópicos de Geometria Diferencial	4 D	60 h
Tópicos de Geometria I	4 M/D	60 h
Tópicos de Geometria II	4 D	60 h
Seminário de Geometria I	4 D	60 h
Seminário de Geometria II	4 D	60 h
MATEMÁTICA APLICADA		
Álgebra Linear Computacional	4 M/D	60 h
Análise Numérica	4 M	60 h
Biomatemática	4 M	60 h
Lógica Fuzzy	4 M	60 h
Elementos de Otimização	4 M	60 h
Otimização II	4 D	60 h
Otimização Vetorial	4 D	60 h
Introdução à Teoria da Regularização	4 M/D	60 h
Métodos em Otimização Convexa e não Convexa	4 D	60 h
Programação Linear	4 M/D	60 h
Tópicos de Otimização	4 M/D	60 h
Tópicos de Matemática Aplicada	4 M/D	60 h
Seminário de Otimização	4 D	60 h
Seminário de Matemática Aplicada	4 D	60 h

ANEXO II

EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS

GRUPO I

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

MESTRADO

Análise no $\mathbb{R}^n$: Topologia do espaço euclidiano. Caminhos no espaço euclidiano. Funções reais de n variáveis. Aplicações diferenciáveis. Integrais Múltiplas. Integrais de superfície: teorema de Stokes.

Bibliografia:

1. Lang, S.: Undergraduate Analysis. New York. Springer-Verlag. 1983.
2. Lima, E. L.: Análise no espaço $\mathbb{R}^n$. Coleção Matemática Universitária. Rio de Janeiro, IMPA. 2004.
3. Lima, E. L.: Curso de Análise vol.2. Projeto Euclides. Rio de Janeiro, IMPA. 1989.
4. Lima, E. L.: Análise Real vol.2. Coleção Matemática Universitária. Rio de Janeiro, IMPA. 2004.
5. Spivak, M.: O Cálculo em Variedades. Coleção Clássicos em Matemática. Editora Ciência Moderna. Rio de Janeiro. 2003.

Análise Complexa: Números complexos. Funções analíticas: séries de potências, fórmula integral de Cauchy. Séries de Taylor e de Laurent. Singularidades. Teorema de resíduos e aplicações. Aplicações conforme. Teorema da representação conforme de Riemann. Funções harmônicas. Fórmula de Poisson.

Bibliografia:

1. Ahlfors, L.: Complex Analysis. New York. Mc-Graw Hill, 1966.
2. Cartan, H.: Elementary theory of analytic functions of one or several complex variables. Dover Publications, New York, 1995.
3. Conway, J. B.: Functions of one Complex Variable. Spring-Verlag. Berlin. 1978.
4. Knopp, K.: Theory of functions, part I and II. Dover, New York, 1996.
5. Markushevich, A. I.: Theory of functions of a complex Variable, second edition. MAS, New York, 2005.
6. Stein, E. and Shakarchi, R.: Complex Analysis. Princeton Lectures in Analysis, No 2. Princeton University Press, 2003.

Estruturas Algébricas: Anéis euclidianos, inteiros de Gauss. Anéis fatoriais, critério de Eisenstein, lema de Gauss. Polinômios simétricos, algoritmo de Newton. Resultante, teorema de Bezout. Módulos sobre domínios principais, forma canônica de Jordan. Teorema da base de Hilbert. Teorema dos zeros de Hilbert. Grupos, grupos quocientes. Teorema de Lagrange. Grupos finitos com dois geradores. Grupos de permutações. Teorema de Sylow. Teorema de Jordan-Hölder. Grupos solúveis. Teoria de módulos finitamente gerados.

Bibliografia:

1. Artin, M.: Algebra. Prentice-Hall. New Jersey. 1991.
2. Garcia, A. e Lequain, Y.: Álgebra: Um Curso de Introdução. Projeto Euclides. Rio de Janeiro, IMPA. 1988.
3. Garcia, A. e Lequain, Y.: Elementos de Álgebra. Projeto Euclides. Rio de Janeiro, IMPA. 2003.
4. Jacobson, N.: Lectures in Abstract Algebra, Vol. I. Van Nostrand. New York. 1951.

Geometria Diferencial: Curvas planas; Desigualdade isoperimétrica. Curvas no espaço: curvatura e torção, Triedro de Frenet, teorema de existência e unicidade de curvas. Superfícies no R^3 : primeira forma fundamental e área. Aplicação normal de Gauss; direções principais, curvatura de Gauss e curvatura média, linhas de curvatura. Geometria intrínseca, exemplos clássicos de superfícies. Derivada covariante, o teorema Egregium; curvatura geodésica; equações das geodésicas, cálculo de geodésicas em superfícies; a aplicação exponencial, o teorema de Gauss-Bonnet. Outros tópicos.

Bibliografia:

1. Araújo, P. V.: Geometria Diferencial. Coleção Matemática Universitária. IMPA. Rio de Janeiro, 1998.
2. Do Carmo, M. P.: Geometria Diferencial de Curvas e Superfícies. Textos universitários, SBM. Rio de Janeiro, 2005.
3. Lima, Elon Lages: Curso de Análise vol 2. Projeto Euclides, IMPA. Rio de Janeiro, 2000.
4. O' Neill, B.: Elementary differential geometry, 2ed. New York: Academic Press, 1971.

DOUTORADO

Análise Funcional: Espaços vetoriais normados. Espaços de Banach. Espaço quociente. Espaços de Lebesgue, Teorema de Fischer-Riesz, Reflexividade e Separabilidade, Convolução e Regularização, Densidade de funções suaves. Operadores lineares e seus adjuntos. Teorema de Hahn-Banach. Teorema da limitação uniforme. Teorema do gráfico fechado. Teorema da aplicação aberta. Topologia fraca. Teorema de Banach-Alaoglu. Espaços reflexivos. Espaços de Hilbert. Conjuntos ortonormais. Teorema da representação de Riesz. Operadores compactos. Teoria espectral de operadores compactos auto-adjuntos.

Bibliografia:

1. Bachman, G. and Narici, L.: Functional Analysis. Academic Press, New York. 1966.

2. Botelho, G., Pellegrino, D. e Teixeira, E.: Fundamentos de Análise Funcional, Coleção Textos Universitários, SBM, 2015
3. Brezis, H.: Functional Analysis, Sobolev Spaces and Partial Differential Equations. New York, Springer, 2011.
4. Conway, J.: A Course in Functional Analysis. Springer. 1985.
5. Kolmogorov, A. N. and Fomin, S. V.: Introductory real analysis. Prentice-Hall, Inc., Englewood, N.J.. 1970.
6. Oliveira, C. R.: Introdução à Análise Funcional. Publicações Matemáticas. Rio de Janeiro, IMPA. 2005.

Variedades Diferenciáveis: Variedades diferenciáveis: definições, exemplos, variedade com bordo, fibrado tangente. Elementos da teoria de grupos de Lie. Aplicações diferenciáveis: imersões, submersões, mergulhos. Partições da unidade. Teorema do Mergulho de Whitney. Tensores e métricas Riemannianas. Homotopia. Formas diferenciais. Orientação. Integração em variedades: Teorema de Stokes. Cohomologia de De Rham. Distribuições e o Teorema de Frobenius.

Bibliografia:

1. Guillemin, P. e Pollack, A.: Differential topology. New Jersey: Prentice-Hall, 1974.
2. Lee, John: Introduction to smooth manifolds. Graduate Texts in Mathematics, Springer. 2002.
3. Lima, Elon Lages: Curso de Análise vol 2. Projeto Euclides, IMPA. Rio de Janeiro, 2000.
4. Tu, L.: An Introduction to Manifolds. Springer Second Edition. 2010.
5. Warner, Frank: Foundations of differentiable manifolds and Lie groups. Scott. Foresman, New York, 1971.

Equações Diferenciais Parciais I: Equação de Laplace: funções harmônicas, princípio do máximo, regularidade, teorema de Liouville, solução fundamental, desigualdade de Harnack, funções de Green, métodos da energia. Espaços de Sobolev: teoremas de densidade, mergulhos e compacidade. Equação do Calor: solução fundamental, problema de valor inicial, propriedade do valor médio, princípio do máximo, estimativa das derivadas, método da energia. Equação da Onda: fórmula de d'Alembert, soluções no plano e no espaço, métodos da transformada de Fourier e da energia.

Bibliografia:

1. Evans, L. C.: Partial Differential Equations. Graduate Studies in Mathematics vol. 19, American Mathematical Society, 1998.
2. Gilbarg, D., Trudinger, N.S.: Elliptic Partial Differential Equations of Second Order, Springer-Verlag, Berlin Heidelberg, 1998.
3. Iório Jr, R. e Iório, V.: Equações Diferenciais Parciais, uma introdução. Projeto Euclides. Rio de Janeiro, IMPA. 1988.
4. John, F.: Partial Differential Equations. Third edition. Springer-Verlag. New York, 1978.
5. Jost, J.: Partial Differential Equations (Graduate Texts in Mathematics). Springer, 2002.
6. Medeiros, L. A.; Ferrel, J. L. e Biazutti, A. C.: Métodos clássicos em equações diferenciais parciais. Instituto de Matemática, UFRJ, 2000.

Geometria Riemanniana: Métricas Riemannianas. Conexões. Geodésicas. Curvaturas. Derivação covariante de tensores. Campos de Jacobi. Imersões isométricas. Variedades Riemannianas completas: Teorema de Hopf-Rinow, Teorema de Hadamard. Espaços de curvatura constante. Variações do comprimento de arco. Teorema de comparação de Rauch.

Bibliografia:

1. do Carmo, M.P.: Geometria Riemanniana. Projeto Euclides, IMPA. Rio de Janeiro, 1979.
2. Gallot, S.; Huylin, D. e Lafontaine, J.: Riemannian Geometry. Berlin, Springer-Verlag, 1987.
3. Jost, J.: Riemannian Geometry and Geometric Analysis. 3rd Edition, Springer-Verlag, Milan, 1998.
4. Lee, John: Riemannian Manifolds: An Introduction to Curvature. Graduate. Texts in Mathematics, Springer. 1997.
5. Petersen, Peter: Riemannian Geometry. University of California. Graduate Texts in Mathematics. Springer. 1997.
6. Sakai, T.: Riemannian Geometry. A.M.S., Mathematical Monographs, vol. 149.

Otimização I: Condições de otimalidade para problemas sem restrições. Métodos para otimização irrestrita (métodos de descida e busca linear, o método do gradiente, o método de Newton, métodos quase-Newton, métodos de direções conjugadas). Conjuntos convexos. Teoremas de separação. Teoremas de alternativa. Funções convexas. Método subgradiente e método do ponto proximal. Condições de otimalidade no caso das restrições de igualdade e desigualdade (condições de Karush-Kuhn-Tucker, condições de segunda ordem). Elementos da Teoria de Dualidade. Teoria de Operadores Monótonos.

Bibliografia:

1. Bazaraa, M. S., Sherali, H. D. and Shetty, C. M.: Nonlinear programming: Theory and algorithms. 3rd ed. Wiley-Interscience, John Wiley & Sons, Hoboken, Nj, 2006.
2. Bertsekas, D. P.: Nonlinear programming, Belmont, Mass: Athena Scientific, 1995.
3. Izmailov, A. and Solodov, M.: Otimização, volume 1: Rio de Janeiro, IMPA, 2005.
4. Luenberger, D. G. and YE, Y.: Linear and Nonlinear Programming. Fourth Edition, Stanford University, 2016.
5. Nesterov, Y.: Introductory Lectures on Convex Optimization: A Basic Course, 87 Applied Optimization, Springer Science & Business Media, 2003.
6. Peressini, A.L.; Sullivan, F.E., UHL, J.J., JR: The mathematics of nonlinear programming. Undergraduate Texts in Mathematics. Springer-Verlag, New York, 1988.
7. Rockafellar, R.T.: Convex Analysis. Princeton Univ. Press, 1970.

Grupo II

Disciplinas Eletivas

Acompanhamento discente Mestrado: disciplina que visa a integralização dos estudos e poderá ser feita em outros Programas ofertados pela UFPI ou outras IES credenciadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), desde que seja de interesse ao desenvolvimento da Dissertação do(a) discente.

Acompanhamento discente Doutorado: disciplina que visa a integralização dos estudos e poderá ser feita em outros Programas ofertados pela UFPI ou outras IES credenciadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ou ainda para discente que estejam realizando doutorado sanduíche, desde que seja de interesse ao desenvolvimento da Tese do(a) discente.

ANÁLISE

Equações Diferenciais Ordinárias: Teorema de existência e unicidade. Dependência diferenciável das condições iniciais. Equações lineares. Exponencial de matrizes. Classificação dos campos lineares. Forma canônica de Jordan. Equações lineares não autônomas: solução fundamental e teorema de Liouville. Equações lineares não homogêneas. Equações com coeficientes periódicos, teorema de Floquet. Estabilidade e instabilidade assintótica de um ponto singular de uma equação autônoma. Funções de Lyapounov. Pontos fixos hiperbólicos. Enunciado do teorema de linearização de Grobman-Hartman. Fluxo associado a uma equação autônoma. Conjuntos limites. Campos gradientes. Campos Hamiltonianos. Campos no plano: órbitas periódicas e Teorema de Poincaré-Bendixon. Órbitas periódicas hiperbólicas. Equação de Van der Pol.

Bibliografia:

1. Arnold, V.: Equations Differentielles Ordinaires. Moscou, Ed. Mir. 1974.
2. Doering, C. I. e Lopes, A. O.: Equações Diferenciais Ordinárias. Coleção Matemática Universitária. Rio de Janeiro, IMPA. 2005.
3. Figueiredo, D. G. e Neves, A. F.: Equações diferenciais aplicadas. Coleção Matemática Universitária. Rio de Janeiro, IMPA. 2005.
4. Hirsch, M. and Smale, S.: Differential Equations, Dynamical Systems and Linear Algebra. New York, Academic Press. 1974.
5. Pontryagin, L. S.: Ordinary Differential Equations. Reading, Mass., Addison-Wesley. 1969.
6. Sotomayor, J.: Lições de Equações Diferenciais Ordinárias. Projeto Euclides. Rio de Janeiro, IMPA. 1979.

Equações Diferenciais Parciais II: Métodos de Compacidade: Teoremas de Compacidade: de Aubin Lions e de Simon e aplicações à Equação da Onda não Linear, Equações de Navier Stokes, Equações de Schroedinger, Modelos de Kirchhoff para Vibrações não Lineares; Métodos de Monotonia: Equações Parabólicas Monótonas, Métodos de Monotonia e Operadores

Hiperbólicos não Lineares, Problema Estacionário, Variantes do Problema de Navier Stokes; Métodos de Ponto Fixo: Teoremas do Ponto Fixo: de Banach, de Schauder, de Kakutani, de Schaefer e aplicações às Equações Parabólicas não Lineares e Problemas Elípticos Quasilineares.

Bibliografia:

1. Brezis, H.: Functional Analysis, Sobolev Spaces and Partial Differential Equations. New York, Springer, 2011.
2. Evans, L. C.: Partial Differential Equations. Graduate Studies in Mathematics vol. 19, American Mathematical Society, 1998.
3. Kesavan, S.: Topics in Functional Analysis and Applications, Wiley Eastern Limited, 1989.
4. Lions, J.L.: Quelques Méthodes de résolution des problèmes aux limites nonlinéaires, Dunod Gauthier-Villars, 1969
5. Medeiros, L.A., Miranda, M.M.: Introdução aos Espaços de Sobolev e as Equações Diferenciais Parciais, IM-UFRJ, 1993.

Introdução às Equações Dispersivas Não-Lineares: Transformada de Fourier: nos espaços das funções integráveis, de Schwartz, das funções quadrado integráveis, das distribuições temperadas. Teoremas de Riez-Thorin, de Stein, de Marcinkiewicz. Desigualdades de Young e Hausdorff-Young e Hardy-Littlewood-Sobolev. Espaços de Sobolev. Espaços de Bourgain. Equação de Schrodinger linear: efeitos regularizantes globais e locais. Equação de Schrodinger não linear: teoria local e global e formação de singularidades. Equação de Korteweg-de Vries generalizada: teoria local e global. Aplicações.

Bibliografia:

1. Cazenave, T.: Semilinear Schrödinger equation, Courant Lectures Notes 10, AMS, 2003.
2. Linares, F., Ponce, G.: Introduction to Nonlinear Dispersive Equations, Springer, 2009.
3. T. Tao, Nonlinear Dispersive Equations, Local and Global Analysis, CBMS Regional Conferences Series in Mathematics, 106, AMS, 2006.

Análise Harmônica: Transformada de Fourier. Noções fundamentais da teoria de variáveis reais: a função maximal. Interpolação de operadores. Integrais singulares. Transformadas de Riesz: integrais de Poisson. Esféricos harmônicos. Séries de Fourier múltiplas. A teoria de Littlewood-Paley e multiplicadores. Espaços de Hardy.

Bibliografia:

1. Duonadikoetxea, J.: Fourier Analysis, Graduate Studies in Mathematics, vol. 29, AMS, Providence, RI, 2001.
2. Grafakos, L. Classical Fourier Analysis, Graduate Texts in Mathematics, 249, Springer, 2004
3. Stein, E. – Harmonic Analysis, Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 1993.

Espaços de Sobolev e Aplicações às EDPs: Noção de distribuição de Schwartz. Propriedades elementares dos Espaços de Sobolev $W^{m,p}$. Traço de funções de H^m . Imersões de Sobolev. Teorema de Lax-Milgram. Problemas de Dirichlet. Problemas de Neumann. Método de Feado-Galerkin-Lions. Equações parabólicas. Equações hiperbólicas.

Bibliografia:

1. Adams. R.A.: Sobolev Spaces, Academic Press, N.Y., 1975.
2. Brezis, H.: Functional Analysis, Sobolev Spaces and Partial Differential Equations. New York, Springer, 2011.
3. Evans, L. C.: Partial Differential Equations. Graduate Studies in Mathematics vol. 19. American Mathematical Society, 1998.
4. J.L-Lions, Quelques méthodes de résolution des problèmes aux limites non linéaires, Dunod, 1969.
5. Medeiros, L.A. & Milla Miranda, M, Introdução aos Espaços de Sobolev e às equações diferenciais parciais, IM-UFRJ 2011
6. Schwartz, L. Généralization de la Notion de Fonction, de Dérivation et de Transformation de Fourier et Application Mathématiques et Physiques, Annales Univ. Grenoble 21 (1945), 57-74.

Equações Diferenciais Parciais Elípticas: A equação de Laplace, representação de Green, problema de Dirichlet, método das funções subharmônicas, princípio do máximo, desigualdade de Harnack, equação de Poisson, potencial newtoniano, problema de Dirichlet para a equação de Poisson, soluções clássicas, Teoria de Schauder, Teoria de De Giorgi-Nash-Moser: teoria de regularidade de DeGiorgi, Método de iteração de Moser. Espaços de Sobolev, espaços $W^{k,p}$, teoremas de densidade e mergulhos, resultados de compacidade, soluções generalizadas, regularidade, problema de autovalores, soluções fortes. Equações totalmente não-lineares, soluções no sentido da viscosidade, princípio do máximo de Alexandro, desigualdade de Harnack, Teoria $W^{2,p}$ para soluções no sentido da viscosidade.

Bibliografia:

1. Evans, L. C.: Partial Differential Equations. Graduate Studies in Mathematics vol. 19, American Mathematical Society, 1998.
2. Gilbarg, D., Trudinger, N.S.: Elliptic Partial Differential equations of Second Order, Springer-Verlag, Berlin Heidelberg, 1998.
3. Fanghua Lin, Qing Han.: Elliptic Partial Differential Equations, American Mathematical Society 2000.

Medida e Integração: Conjuntos e funções mensuráveis. Medidas. Integração de funções positivas mensuráveis e Integração de funções reais. Teoremas de convergência. Diferenciação e Integral de Lebesgue. Espaços de Banach e operadores lineares sobre espaços vetoriais normados. Tipos de convergência. Teoremas de decomposição; Teorema de Radon-Nikodyn. Teorema de representação de Riesz. Teoremas de Fubini e de Tonelli.

Bibliografia:

1. Bartle, R.: The elements of integration and Lebesgue measure. New York. John Wiley and Sons. 1995.
2. Folland, G. B.: Real Analysis, Modern Techniques and their applications. John Wiley and Sons. 1984.
3. Isnard, C.: Introdução à medida e integração. Projeto Euclides. Rio de Janeiro, IMPA. 2007.
4. Royden, MN.: Analysis. New York. The MacMillan. 1963.
5. Rudin W.: Real and Complex Analysis. Mac-Graw Hill. 1966.

Teoria de Semigrupos e Aplicações: Semigrupos: fortemente contínuos, compactos, analíticos. O teorema de Hille-Yosida. O teorema de Lumer e Phillips. Os teoremas de aproximação de Trotter-Kato. Aplicações: Equação de difusão linear. Equação de ondas lineares. Sistema termoelástico linear. Equação de difusão não linear.

Bibliografia:

1. H. Brezis, Functional analysis, Sobolev spaces and partial differential equations, Springer, 2010.
2. K.-J. Engel & R. Nagel, A short course on operator semigroups, Springer, 2005.
3. A. Friedman, Partial differential equations, Dover Publications, Inc. 1997.
4. J. A. Goldstein, Semigroups of linear operators and applications, Oxford University Press, 1995.
5. A. M. Gomes, Semigrupos de operadores lineares e aplicações às equações de evolução, IM-UFRJ, 2007.
6. Z. Liu & S. Zheng, Semigroups associated with dissipative systems, Chapman & Hall/CRC, London, 1999.
7. A. Pazy, Semigroups of linear operators and applications to partial differential equations, Springer, 1983. 2nd ed. 2008.

Teoria do Controle: Controlabilidade de sistemas lineares. Equações Parabólicas: Desigualdade de Carleman para equação do calor, desigualdade de observabilidade, controlabilidade aproximada e nula para a equação do calor. Equações Hiperbólicas: Desigualdade de Carleman para equação da onda, desigualdade de observabilidade, controlabilidade aproximada e nula para a equação da onda, Método HUM. Técnicas de controlabilidade para alguns sistemas não lineares.

Bibliografia:

1. Coron, J.-M.: Control and Nonlinearity, Mathematical Surveys and Monographs Volume 136, American Mathematical Society, 2007.
2. Fernandez-Cara, E.: Some Results Concerning the Control of Parabolic PDEs, Universidad de Sevilla, 2008.
3. Fursikov, A.; Imanuvilov, O.: Controllability of evolution equations: lecture notes, Vol 34, Seoul National University, Korea, 1996.
4. Medeiros, L. A.; Miranda, M. M.; Lourêdo, A. T.: Introduction to exact control theory method HUM, EDUEPB, Campina Grande, Paraíba, 2013.
5. Puel, J. P.: Global Carleman inequalities for the wave equations and applications to controllability and inverse problems. Cours Udine Mod1-06- 04-542968, Udine, 2011.
6. Zuazua, E.: Controllability of Differential Equations, 3rd cycle, Castro Urdiales (Espagne), 2006.

Teoria do Ponto Crítico: Pontos Críticos via Minimização. O Teorema da Deformação. O Teorema do Passo da Montanha. O Teorema do Ponto de Sela. Pontos Críticos com Vínculos Naturais. Aplicações Pontos Críticos na Presença de Simetria. O Princípio Variacional de Ekeland. Princípio de Minimax Geral, Teoria de Lusternik-Schnirelman. Multiplicidade na teoria Continuação. O Lema de Concentração Compacidade de Lions e aplicações.

Bibliografia:

1. Costa, D.G.: An Invitation to Variational Methods in Differential Equations (Birkhuser Advanced Texts/Basler Lehrbcher), 2007.
2. Figueiredo, D.G.: The Ekeland variational principle with applications and detours. Tata Institute of fundamental research, Bombay, 1989.
3. Ghoussoub, N.: Duality an perturbation methods in critical point theory. Cambridge University Press, 1993.
4. Willem, M.: Minimax Theorems, Birkhauser, Boston, Besel, Berlim, 1996.
5. Kavian, O.: Introduction à la théorie des points critiques: et applications aux problèmes elliptiques (Mathématiques et Applications), 1994.
6. Rabinowitz, P.H.: Minimax Methods in Critical Point Theory With Applications to Differential Equations (Cbms Regional Conference Series in Mathematics), 1986.

Teoria Espectral: Operadores lineares limitados e não limitados. Operadores integrais, operadores de multiplicação e operadores diferenciais. O teorema de extensão para operadores limitados. A transformada de Fourier em $L^1(\mathbb{R}^n)$, $S(\mathbb{R}^n)$ e $L^2(\mathbb{R}^n)$. Distribuição de Schwartz, distribuições temperadas e distribuições de suporte compacto. Os espaços de Sobolev $H^s(\mathbb{R}^n)$. Aplicações às equações de evolução, lineares e não lineares. Operadores fechados, fecháveis, simétricos e auto-adjuntos. Resolvente e espectro. A transformada de Cayley. O teorema espectral para operadores auto- adjuntos nas formas de integrais espectrais, de operador de multiplicação e de cálculo funcional. O teorema de Stone.

Bibliografia:

1. Hille, E.: Methods in Classical and Functional Analysis. Reading, Mass., Addison-Wesley Pub. Co.,1972.
2. Kolmogorov, A.N., Fomin, S. V.: Introductory Real Analysis, Dover Publ., Inc. Translated from the seconde russian edition, 1970.
3. Reed, M., Barry, S.: Methods of Modern Mathematical Physics vols. I e II. New York: Academic Press, 1972-1978.
4. Riesz, F., SZ-Nagy, B.: Functional Analysis, Frederick Ungar Publ.Co. Translated from the second french edition, 1955.
5. Rudin, W.: Real and Complex Analysis. New York, McGraw-Hill, 1966.
6. Stone, M.: Linear Transformations in Hilbert Space and their Applications to Analysis, Amer. Math. Soc. Colloq. Publ., vol. 15, 1932.
7. Thayer, J.: Operadores Auto-adjuntos e Equações Diferenciais Parciais. Rio de Janeiro, Projeto Euclides, IMPA, 1987.

Tópicos de Análise I: Tópicos avançados escolhidos pelo professor responsável pela disciplina. O conteúdo é variável e abrange resultados de pesquisas recentes.

Bibliografia:

1. Escolha do professor responsável pela disciplina.

Tópicos de Análise II: Tópicos avançados escolhidos pelo professor responsável pela disciplina. O conteúdo é variável e abrange resultados de pesquisas recentes.

Bibliografia:

1. Escolha do professor responsável pela disciplina.

Seminário de Análise I: Tópicos avançados escolhidos pelo professor responsável pela disciplina. O conteúdo é variável e abrange resultados de pesquisas recentes.

Bibliografia:

1. Escolha do professor responsável pela disciplina.

Seminário de Análise II: Tópicos avançados escolhidos pelo professor responsável pela disciplina. O conteúdo é variável e abrange resultados de pesquisas recentes.

Bibliografia:

1. Escolha do professor responsável pela disciplina.

GEOMETRIA E TOPOLOGIA

Dinâmica Hiperbólica: Ponto fixo hiperbólico e linearização topológica. Teorema da variedade estável e λ lema. Teorema de Kupka-Smale. Conjuntos hiperbólicos: folheações estável e instável; exemplos: ferradura, solenóide, difeomorfismo derivado de Anosov, atrator de Plykin. Persistência e estabilidade de conjuntos hiperbólicos; lema de sombreamento. Estabilidade de difeomorfismos globalmente hiperbólicos (Anosov). Filtração e decomposição espectral dos difeomorfismos axioma A. Teorema da ω -estabilidade. Ciclos e exemplos de sistemas ω -instáveis. Estabilidade de ligação transversal de selas. Comentários sobre as conjecturas da estabilidade e da ω -estabilidade. Closing Lemma e questões correlatas. Elementos de teoria das bifurcações.

Bibliografia:

1. Brin, M. and Stuck, G.: Introduction to Dynamical Systems, Cambridge University Press, 2002.
2. Katok, A. and Hasselblatt, B.: Introduction to Modern Theory of Dynamical Systems, Cambridge University Press, 1995.
3. Melo, W., Van Strien, S.: One-Dimensional Dynamics, Springer-Verlag, 1993.

4. Palis, J., De Melo, W.: Introduction to Dynamical Systems, Berlin, Springer-Verlag, 1982. Versão Original: Projeto Euclides, IMPA, 1987.
5. Palis, J., Takens, F.: Hyperbolicity & sensitive chaotic dynamics at homoclinic bifurcations, Cambridge University Press, 1993.
6. Shub, M.: Global Stability of Dynamical Systems. New York, Springer-Verlag, 1987.

Geometria de Subvariedades: As equações fundamentais e o teorema fundamental das imersões isométricas. Imersões umbílicas e mínimas. Hipersuperfícies convexas. Subvariedades com curvatura não positiva. Redução de codimensão. Imersões isométricas entre espaços de curvatura seccional constante. Rigidez isométrica local. Rigidez isométrica global. Composição de imersões isométricas. Subvariedades conformemente euclidianas. Imersões conformes. Outros Tópicos.

Bibliografia:

1. Dajczer, M. et al.: Submanifolds and Isometric Immersions, Houston, Publish or Perish, 1990.
2. Do Carmo, M.: O Método do Referencial Móvel. Rio de Janeiro, III ELAM, IMPA, 1976.
3. Rodriguez, L.: Geometria das Subvariedades. Rio de Janeiro, Monografias de Matemática, IMPA, 1976.
4. Spivak, M.: A Comprehensive Introduction to Differential Geometry, Berkeley, Publish or Perish, 1970-75.
5. Xin, Y.: Minimal Submanifolds and Related Topics. World Scientific 2003.

Análise Geométrica: Teoremas de comparação: Teoremas de comparação de campos de Rauch, de Toponogov, de Bishop-Gromov, teorema de comparação do hessiano e do laplaciano, teorema de comparação de autovalores e teorema de comparação de Cheng. Estimativas de autovalor para o operador Laplaciano. Tópicos de análise em variedades.

Bibliografia:

1. Cheeger, J., Ebin, D.G.: Comparison Theorems in Riemannian Geometry, North Holland, Amsterdam, 1975.
2. Grigoryan, A.: Heat Kernel and Analysis on Manifolds, AMS/IP studies in advanced mathematics, 2009.
3. Jost, J.: Riemannian Geometry and Geometric Analysis. Universitext, Springer, 2011.
4. Li, P.: Geometric Analysis. Cambridge Studies in Advanced Mathematics-vol. 134, Cambridge University Press, 2012.
5. O'Neill, B.: Semi-Riemannian Geometry with applications to relativity, academic Press, 1983.
6. Petersen, P.: Riemannian Geometry. Springer, 2ª edição, 2006. (Graduate Texts in Mathematics).
7. Pigola, P., Rigoli, M. and Setti, A.G.: Vanishing and Finiteness Results in Geometric Analysis. Birkhauser Verlag, 2008.
8. Schoen, R., Yau, S.-T.: Lectures on Differential Geometry. Conference Proceedings and Lecture Notes in Geometry and Topology-Vol 1, International Press, 1994.

9. Struwe, M.: Variational Methods, Applications to Nonlinear Partial Differential Equations and Hamiltonian Systems, vol 34. Springer, 1996.

Teoria Ergódica: Teorema de Recorrência de Poincaré e teorema ergódico de Birkhoff. Existência de medidas invariantes para transformações contínuas. Transformações ergódicas e misturadoras. Transformações unicamente ergódicas. Decomposição ergódica de medidas invariantes. Entropias

Bibliografia:

1. Katok, A., Hasselblat, B.: Introduction to Modern Theory of Dynamical Systems. Cambridge, 1995.
2. Mañé, R.: Ergodic Theory and Differentiable Dynamics. Berlin, Springer-Verlag, 1987.
3. Oliveira, K., Viana, M.: Fundamentos da Teoria Ergódica, 1ª edição, Rio de Janeiro, 2014.
4. Walters, P.: Introduction to Ergodic Theory. Springer-Verlag, USA, 2000.

Topologia Geral: Espaços topológicos e funções contínuas. Conexidade e compacidade. Enumerabilidade e axiomas de separação. Teorema de Tychonoff. Espaços metrizável e paracompacidade. Espaço métrico completo e Espaço de funções. Espaços de Baire e teoria das dimensões. Grupo Fundamental. Teorema de Seifert-Kampen. Espaços de recobrimento. Homologia.

Bibliografia:

1. Bredon, G.: Topology and Geometry. Springer. 1993.
2. Lee, J.: An Introduction to Topological Manifolds. Springer. 2011.
3. Lima, E.: Espaços de Recobrimento. Projeto Euclides. IMPA - Brasil.
4. Lima, E.: Elementos de topologia geral. Textos Universitários. Editora SBM. 4ª edição, 2024
5. Munkres, J.: Topology. Springer. Second edition. 2014.

Topologia Algébrica: Grupo fundamental. Espaços de recobrimento. CW-Complexos. Homologia singular. Axiomas de Eilenberg-Steenrod. Sequências de Mayer-Vietores. Aplicações: Teorema da Invariância de dimensão; Teorema da separação de Jordan generalizado. Homologia de uma variedade. Característica de Euler. Cohomologia.

Bibliografia:

1. Hatcher, Allen.: Algebraic Topology. Cambridge University Press. 2002.
2. Lee, John.: Introduction to Topological Manifolds. Graduate Texts in Mathematics. Springer. 2000.
3. Mercuri, Francesco; Piccione, Paolo e Tausk, Daniel, V.: Notes on Morse Theory. 23º Colóquio Brasileiro de Matemática. Rio de Janeiro. IMPA. 2001.
4. Pitombeira, João Bosco.: Topologia Algébrica. 8º Colóquio Brasileiro de Matemática. Rio de Janeiro. IMPA. 1971.

Subvariedades Mínimas: Subvariedades mínimas de uma variedade Riemanniana como pontos críticos do funcional volume. Fórmulas da primeira e segunda variação do volume.

Exemplos clássicos em formas espaciais e variedades Kähler. Estabilidade e estimativas de curvatura de Schoen e Colding-Minicozzi. Aplicações para a compacidade de famílias de superfícies mínimas estáveis. Teoria global de superfícies mínimas em 3-variedades homogêneas. Outros tópicos.

Bibliografia:

1. Colding, T. e Minicozzi, W.P.: An Excursion into Geometric Analysis, Surveys in Differential Geometry, International Press, 2004.
2. Fang, Y.: Lectures on Minimal Surfaces in R^3 , Proceedings of the Centre for Mathematics and its Applications, Australian National University, volume 35, 1996.
3. Lawson, B.: Lectures on Minimal Submanifolds, Berkeley, Publish or Perish, 1980.
4. Osserman, R.: A Survey of Minimal Submanifolds, 1st ed., New York, Van Nostrand, 1969. New York, 2nd ed., Dover Publ, 1988.

Tópicos de Geometria Diferencial: Geometria de fibrados principais e vetoriais. Conexão, curvatura e paralelismo em fibrados; Tensores e espinores. Operadores diferenciais elípticos em variedades. Espaços funcionais; Elipticidade; Operadores de Laplace e Dirac. Método de Bochner. Problemas variacionais e equações elípticas semi-lineares e quase-lineares. Aplicações harmônicas; Subvariedades mínimas; Ação de Einstein-Hilbert; O funcional de Yamabe. Equações parabólicas em variedades. Equação e núcleo do calor; Fluxos geométricos: fluxo pela curvatura média, fluxo de Ricci.

Bibliografia:

1. Aubin, T.: Some nonlinear problems in Riemannian geometry, Springer-Verlag, Heidelberg, 1999.
2. Chow, Lu e Ni.: Hamilton's Ricci Flow, AMS, Providence, 2004.
3. Grigoryan, A.: Heat Kernel and Analysis on Manifolds, AMS/IP studies in advanced mathematics, 2009.
4. Neto, A.: Tópicos de Geometria Diferencial, SBM, 2014.
5. Petersen, P.: Riemannian geometry, Springer-Verlag, New York, 1996.
6. Schoen, R. e Yau, S.-T.: Lectures in differential geometry, International Pres, 1999.

Tópicos de Geometria I: Tópicos avançados escolhidos pelo professor responsável pela disciplina. O conteúdo é variável e abrange resultados de pesquisas recentes.

Bibliografia:

1. Escolha do professor responsável pela disciplina.

Tópicos de Geometria II: Tópicos avançados escolhidos pelo professor responsável pela disciplina. O conteúdo é variável e abrange resultados de pesquisas recentes.

Bibliografia:

1. Escolha do professor responsável pela disciplina.

Seminário de Geometria I: Tópicos avançados escolhidos pelo professor responsável pela disciplina. O conteúdo é variável e abrange resultados de pesquisas recentes.

Bibliografia:

1. Escolha do professor responsável pela disciplina.

Seminário de Análise Geometria II: Tópicos avançados escolhidos pelo professor responsável pela disciplina. O conteúdo é variável e abrange resultados de pesquisas recentes.

Bibliografia:

1. Escolha do professor responsável pela disciplina.

MATEMÁTICA APLICADA

Álgebra Linear Computacional: Análise matricial. Decomposição em valores singulares. Sensibilidade de sistemas de equações lineares. Decomposição QR. Métodos para problemas de quadrados mínimos lineares. Análise de sensibilidade. Métodos iterativos clássicos para sistemas lineares. Introdução a Métodos baseados em subespaços de Krylon.

Bibliografia:

1. Bhtia, R.: Matrix analysis. New York: Springer, 1996.
2. Demmel, J. W.: Applied Numerical Linear Algebra. Philadelphia: SIAM, 1997.
3. Golub, G. H.; Van Loan, C. F.: Matrix computations. 3rd. Ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.
4. Greenbaum, A.: Iterative Methods for Solving Linear Systems. Philadelphia: SIAM, 1997.
5. Horn, R. A.; Johnson, C. R.: Matrix analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
6. Meyer, C. D.: Matrix analysis and applied linear álgebra. Philadelphia: SIAM, 2000.
7. Trefethen, L. N.; Bau, D.: Numerical Linear Algebra. Philadelphia: SIAM, 1997.
8. Wathins, D. S.: Fundamentals of matrix computations. New York: J. Wiley, 1991.

Análise Convexa: Conjuntos e funções convexas: Preliminares, Conjuntos convexas, Funções convexas, Interiores Relativos de Conjuntos Convexos, Função distância. Subdiferencial: Separação convexas, Cone normal de conjunto convexas, Lipschitz Continuidade de funções convexas, Subgradiente de funções convexas, Regras básicas de cálculo do subdiferencial, Subgradiente de funções suporte e função supremo, Função conjugada de Fenchel, Derivadas direcionais. Consequências notáveis de Convexidade: Caracterização da diferenciabilidade, Teorema de Carathéodory e Lema de Farkas, Teorema de Radon e Teorema de Helly, Cone tangente de conjunto convexas. Aplicações à Otimização: Existência de minimizadores em problemas de otimização, Condições de otimalidade, Subgradiente e Proximal método, O Problema de Fermat-Torricelli.

Bibliografia:

1. Borwein, J. M.; Vanderwerff, D. – Convex functions: constructions, characterizations and counterexamples. Encyclopedia of mathematics, Cambridge, 2009.
2. Ekeland, I.; Témam, R; Convex Analysis and Variational Problems, Classics in applied mathematics, SIAM, 1999.
3. Florenzano, M.; Le Van, C.; Finite Dimensional Convexity and Optimization. Springer, 2001.
4. Rockafellar, T.; Convex Analysis, Princeton University Press, 1972.
5. Van Tiel, J.; Convex Analysis, Na Introduction Test, John Wiley & Sons, 1984.

Análise Numérica: Introdução à Teoria dos Erros. Raízes de Equações não Lineares. Interpolação Polinomial. Derivação e Integração Numérica. Equações Diferenciais Ordinárias de Primeira Ordem.

Bibliografia:

1. Atkinson, K. E.: An Introduction to Numerical Analysis, 2nd edition. Wiley. 1989.
2. Campos Filho, F. F.; Algoritmos Numéricos, 2ª. Edição. Editora LTC. 2007.
3. Forberg, Carl-Erik. Introduction to numerical analysis. Reading: Addison Wesley, 1966.
4. Penny, John. Numerical methods using MATLAB. New York. Ellis Horwood, 1995.
5. Stoer, J. and Bulirsch, R.; Introduction to Numerical Analysis. Springer-Verlag. 2002.

Biomatemática: Modelos populacionais Contínuo para espécies isoladas. Modelo populacional discreto para espécies isoladas. Modelos de interação entre espécies. Formação padrão espacial com sistemas de difusão de Reação.

Bibliografia:

1. Murray, J. D.: Mathematical Biology, Vol 1. Springer, 2002.
2. Murray, J. D.: Mathematical Biology, Vol 2. Springer, 2004.
3. Edelstein-Keshet, L.: Mathematical Models in Biology, SIAM Classics in Applied Mathematics 46, 2005.

Lógica Fuzzy: Conjuntos Fuzzy. Relações Fuzzy. Lógica Fuzzy. Aplicações.

Bibliografia:

1. Barros, L.C. e Bassanezi, R.: Tópicos de Lógica Fuzzy e Biomatemática. Editora do IMECC-UNICAMP, 2006.
2. Kaufmann, A.: Introduction a la Theorie des Sous-ensembles Flous. Masson et Cie, Grenoble, 1973.
3. Klement, E.P.: Some mathematical aspects of fuzzy sets: triangular norms, fuzzy logics and generalized measures. Fuzzy Sets and Systems, 90(2): 133-140, september 1997.
4. Klir, G. J., Clair, U. H. S. and Yuan, B.: Fuzzy Set Theory, foundations and applications. Prentice-Hall, Upper Saddle River, 1997.
5. Nguyen, H. T. and Walker, E. A.: A First Course in Fuzzy Logic. CRC Press, Boca Raton, 1997.

Programação Linear: Modelos de programação linear. Geometria da programação linear. O método simplex. Dualidade em programação linear. O método dual simplex. Métodos clássicos de pontos interiores. Métodos primal-dual de pontos interiores. Implementações de algoritmos.

Bibliografia:

1. Bazaraa, M. S.; Jarvis, J.J. and Sherali, H. D.: Linear Programming and Network Flows. New York: John Wiley & Sons, 2nd edition, 1990.
2. Fampa, M.C.H. and Maculan, N.: Otimização linear. Brasília: Editora da UnB. 2006.
3. Fang, S.-C and Puthenpura, S.: Linear Optimizations and Extensions: Theory and Algorithms. New Jersey: AT&T, Prentice Hall.
4. Frederick S. Hillier and Gerald J. Lieberman: Introdução à Pesquisa Operacional, 8ª Ed., McGraw-Hill do Brasil, 2010.
5. Gill, P. E.; W. Murray, W. and Wright, M. H.: Practical Optimization. New York: Academic Press, 1981.
6. Luenberger, D. G.: Linear and Nonlinear Programming. New York: Kluwer Academic, 2nd edition, 2003. ISBN 1402075936.
7. Winston, W. L.: Operations Research: Applications and Algorithms, 4 ed., Duxbury Press, 2003.
8. Wright, S. J.: Primal-Dual Interior-Point Methods, Philadelphia: SIAM, 1997, pp. 289. ISBN 0-89871-382-X.

Elementos de Otimização: Introdução à otimização, Condições de otimalidade sem restrições, condições de otimalidade com restrições para problemas com restrição de Igualdade, Condições de Otimalidade de primeira e segunda ordem, Conjuntos convexos e propriedades, Teorema de separação, operador de projeção, pontos extremos, teoremas de alternativas, funções convexas e propriedades, funções convexas diferenciáveis e não diferenciáveis.

Bibliografia:

1. Ademir A. Ribeiro, Elizabeth W. Karas. Otimização Contínua: Aspectos Teóricos e Computacionais. Cengage Learning, 2013.
2. Izmailov, A. and Solodov, M.: Otimização, volume 1. Condições de otimalidade, elementos de análise convexa e dualidade. 2. ed. Rio de Janeiro, IMPA, 2009.
3. Rockafellar, R.T.: Convex Analysis. Princeton Univ. Press, 1970.

Otimização II: Métodos para otimização com restrições (métodos do gradiente projetado, métodos de direções viáveis, métodos de penalização, Lagrangianas aumentadas, programação quadrática sequencial). Métodos para otimização não-diferenciável (métodos de subgradiente, o método de planos cortantes, métodos de feixe)

Bibliografia:

1. Bazaraa, M.S.; Sherali, H. D. and Shwttty, C. M.: Nonlinear programming: Theory and algorithms. 3nd ed. Wiley-Interscience, John Wiley & Sons, Hoboken, Nj, 2006.
2. Bertsekas, D. P.: Nonlinear programming, Belmont, Mass.: Athena Scientific, 1995.
3. Izmailov, A. and Solodov, M.: Otimização, volume 1. Condições de otimalidade, elementos de análise convexa e dualidade. 2. ed. Rio de Janeiro, IMPA, 2009.

4. Izmailov, A. and Solodov, M.: Otimização, volume 2. Métodos Computacionais. 3.ed. Rio de Janeiro, IMPA, 2018.
5. Luenberger, D. G.: Linear and nonlinear programming. 2nd ed. Kluwer Academic Publishers, Boston, MA, 2003.
6. Peressini, A. L.; Sullivan, F.E and UHL, J.J., JR: The mathematics of nonlinear programming. Undergraduate Texts in Mathematics. Springer-Verlag, New York, 1988
7. Rockafellar, R.T.: Convex Analysis. Princeton Univ. Press, 1970.

Otimização Vetorial: Espaços lineares e conjunto convexos, espaços lineares parcialmente ordenados, análise em cones. Pontos eficientes e minimização vetorial. Aplicações convexas e aplicações diferenciáveis. Problemas de otimização vetorial não diferenciável. Escalarização: condições necessárias e suficientes de otimalidade. Teoremas de existência. Multiplicadores de Lagrange generalizados. Dualidade. Algoritmos de minimização em otimização vetorial.

Bibliografia:

1. Jahn, J.: Vector optimization: Theory, applications and extensions. 2nd ed. Springer, New York, 2011.
2. Luc, D.T.: Theory of vector optimization, Springer, Berlin, 1989.

Tópicos de Otimização: Tópicos avançados de Otimização escolhidos pelo professor responsável pela disciplina. O conteúdo é variável e abrange resultados de pesquisas recentes.

Bibliografia:

1. Escolha do professor responsável pela disciplina.

Tópicos de Matemática Aplicada: Tópicos avançados escolhidos pelo professor responsável pela disciplina. O conteúdo é variável e abrange resultados de pesquisas recentes.

Bibliografia:

1. Escolha do professor responsável pela disciplina.

Seminário de Otimização: Tópicos avançados escolhidos pelo professor responsável pela disciplina. O conteúdo é variável e abrange resultados de pesquisas recentes.

Bibliografia:

1. Escolha do professor responsável pela disciplina.

Seminário de Matemática Aplicada: Tópicos avançados escolhidos pelo professor responsável pela disciplina. O conteúdo é variável e abrange resultados de pesquisas recentes.

Bibliografia:

1. Escolha do professor responsável pela disciplina.

Introdução à Teoria da Regularização: Exemplos clássicos e modelagem. Definição de Método de regularização. Métodos de regularização contínuos. Regularização de Tikhonov (Operadores lineares, Operadores não lineares).

Bibliografia:

1. Engl, H. W.; Hanke, M.; Neubauer, A.: Regularization of inverse problems. Kluwer, Dordrecht, 1996.
2. Groetsch, C.: The theory of Tikhonov regularization for Fredholm equations of the first kind. Pitman, Boston, MA, 1984.
3. Groetsch, C.: Generalized inverses of linear operators: representation and
4. approximation. Marcel Dekker, New York, 1977.
5. Groetsch, C.: Elements of applicable functional analysis. Marcel Dekker, Inc., New York, 1980.
6. Groetsch, C.: Stable approximate evaluation of unbounded operators. Springer-Verlag, Berlin, 2007.
7. Kirsch, A.: An introduction to the mathematical theory of inverse problems. Springer-Verlag, New York, 1996.
8. Kreyszig, E.: Introductory functional analysis with applications. John Wiley & Sons, New York, 1989
9. Schuster, T.; Kaltenbacher, B.; Hofmann, B.; Kazimierski, K.: Regularization methods in Banach spaces. Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, Berlin, 2012.

Métodos em Otimização Convexa e não Convexa: Algoritmos para otimização convexa: Otimização diferenciável: método de gradiente composto, método de Nesterov e suas variants, Otimização não-diferenciável: métodos de subgradiente e extensões para problemas mix-max, Otimização estocástica: versão estocástica dos métodos de subgradiente e proximal, Métodos acelerados de Nesterov, Métodos de gradiente randomizado de Nesterov para problemas estruturados em blocos. Algoritmos para desigualdades variacionais monótonos, problemas de ponto de sela min-max e problemas de inclusão monótono: Método de ponto proximal, Métodos MFBS de Korpelevich e Tseng, e Forward-Backward, Métodos de decomposição em blocos, ADMM (método de multiplicadores de direção alternada), Métodos de ponto proximal de segunda ordem. Algoritmos para problemas de otimização não convexa: Método de gradiente acelerado (AG), Métodos de ponto proximal inexato, Métodos de Lagrangiano aumentado para problemas com restrições convexas, ADMM (método de multiplicadores de direção alternada).

Bibliografia:

1. Bauschke, H, Z. and Combettes, P. L., Convex Analysis and Monotone Operator Theory in Hilbert Spaces, CMS Books in Mathematics, Springer, 2011.
2. Beck, A. First-Order Methods in Optimization, vol. 25, SIAM, Philadelphia, 2017.
3. Hiriart-Urruty, J. B and Lemaréchal, C. Convex Analysis and Minimization Algorithms II, Advanced Theory and Bundle Methods, Springer, Berlin, 1993.
4. Nesterov, Yurii. Lectures on Convex Optimization, Springer Optimization and Its Applications, volume 137, 2nd edition, 2018.
5. Nesterov, Yurii. Introductory Lectures on Convex Optimization: A basic course, vol. 87. Springer Science & Business Media, NYC, 2013.

ANEXO III

EMENTÁRIO DOS EXAMES DE QUALIFICAÇÃO ESCRITO

MESTRADO

Exame de conhecimento em Análise no $\mathbb{R}^n$ e Análise Complexa: Topologia do espaço euclidiano. Caminhos no espaço euclidiano. Funções reais de n variáveis. Aplicações diferenciáveis. Integrais Múltiplas. Integrais de superfície: teorema de Stokes. Números complexos. Funções analíticas: séries de potências, fórmula integral de Cauchy. Séries de Taylor e de Laurent. Singularidades. Teorema de resíduos e aplicações. Aplicações conforme. Teorema da representação conforme de Riemann. Funções harmônicas. Fórmula de Poisson.

Exame de conhecimento em Estruturas algébricas e Geometria Diferencial: Anéis euclidianos, inteiros de Gauss. Anéis fatoriais, critério de Eisenstein, lema de Gauss. Polinômios simétricos, algoritmo de Newton. Resultante, teorema de Bezout. Módulos sobre domínios principais, forma canônica de Jordan. Teorema da base de Hilbert. Teorema dos zeros de Hilbert. Grupos, grupos quocientes. Teorema de Lagrange. Grupos finitos com dois geradores. Grupos de permutações. Teorema de Sylow. Teorema de Jordan-Hölder. Grupos solúveis. Teoria de módulos finitamente gerados. Curvas planas; Desigualdade isoperimétrica. Curvas no espaço: curvatura e torção, Triedro de Frenet, teorema de existência e unicidade de curvas. Superfícies no $\mathbb{R}^3$: primeira forma fundamental e área. Aplicação normal de Gauss; direções principais, curvatura de Gauss e curvatura média, linhas de curvatura. Geometria intrínseca, exemplos clássicos de superfícies. Derivada covariante, o teorema Egregium; curvatura geodésica; equações das geodésicas, cálculo de geodésicas em superfícies; a aplicação exponencial, o teorema de Gauss-Bonnet.

DOUTORADO

Exame em Análise: Espaços vetoriais normados. Espaços de Banach. Espaço quociente. Espaços de Lebesgue, Teorema de Fischer-Riesz, Reflexividade e Separabilidade, Convolução e Regularização, Densidade de funções suaves. Operadores lineares e seus adjuntos. Teorema de Hahn-Banach. Teorema da limitação uniforme. Teorema do gráfico fechado. Teorema da aplicação aberta. Topologia fraca. Teorema de Banach-Alaoglu. Espaços reflexivos. Espaços de Hilbert. Conjuntos ortonormais. Teorema da representação de Riesz. Operadores compactos. Teoria espectral de operadores compactos auto-adjuntos.

Exame em Geometria e Topologia: Variedades diferenciáveis e aplicações diferenciáveis. Espaço tangente. Submersão, imersão e mergulho. Subvariedades. Grupos de Lie. Campos Vetoriais. Tensores e métricas Riemannianas. Formas diferenciais. Orientação. Integração em variedades. Cohomologia de De Rham.

Exame em Matemática Aplicada: Condições de otimalidade para problemas sem restrições. Métodos para otimização irrestrita (métodos de descida e busca linear, o método do gradiente, o método de Newton, métodos quase-Newton, métodos de direções conjugadas). Conjuntos convexos. Teoremas de separação. Teoremas de alternativa. Funções convexas. Método subgradiente e método do ponto proximal. Condições de otimalidade no caso das restrições de igualdade e desigualdade (condições de Karush-Kuhn-Tucker, condições de segunda ordem). Elementos da Teoria de Dualidade. Teoria de Operadores Monótonos.



Ministério da Educação
Universidade Federal do Piauí
Gabinete da Reitoria

RESOLUÇÃO CEPEX/UFPI Nº 889, DE 18 DE SETEMBRO DE 2025

Aprova a reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, vinculado ao Centro de Ciências da Educação “Professor Mariano da Silva Neto”, do *Campus* Universitário Ministro Petrônio Portella, da Universidade Federal do Piauí.

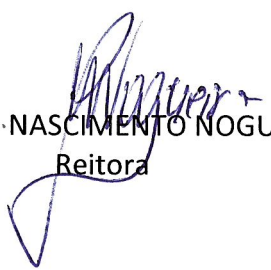
A REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI e PRESIDENTE DO CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – CEPEX, no uso da atribuição que lhe confere o art. 15, *caput*, inciso XXI, do Regimento Geral da UFPI, de acordo com o que consta do processo nº 23111.027720/2023-66 da UFPI, e tendo em vista decisão do mesmo Conselho em reunião de 15 de setembro de 2025,

RESOLVE:

Art. 1º Fica aprovada a reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, vinculado ao Centro de Ciências da Educação “Professor Mariano da Silva Neto”, do *Campus* Universitário Ministro Petrônio Portella, da Universidade Federal do Piauí, conforme Projeto Pedagógico do Curso anexo.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data da sua publicação.

Teresina, 18 de setembro de 2025


NADIR DO NASCIMENTO NOGUEIRA
Reitora

PROJETO PEDAGÓGICO

CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS



NADIR DO NASCIMENTO
NOGUEIRA:18257135372

Assinado de forma digital por
NADIR DO NASCIMENTO
NOGUEIRA:18257135372
Dados: 2025.09.19 11:15:41 -03'00'



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO



COORDENADORIA DE DESENVOLVIMENTO E ACOMPANHAMENTO CURRICULAR - CDAC

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

TERESINA, 2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ



PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - Mariano da Silva Neto
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Projeto Pedagógico do Curso de Graduação da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Piauí do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portella, Teresina – Piauí, a ser implementado/implantado no 1º semestre de 2026 (2026.1).

ELABORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO TÉCNICA

Téc. Dra. Djanira do Espírito Santo Lopes Cunha

Coordenadora de Desenvolvimento e Acompanhamento Curricular - CDAC

Adelaide Maria de Sousa Costa

Francisca Beatriz da Silva Sousa

Maira Danuse Santos de Oliveira

Técnicos em Assuntos Educacionais

Vando Milhomen Santos

Assistente em Administração

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

REITORA

Profa. Dra. Nadir do Nascimento Nogueira

VICE-REITOR

Prof. Dr. Edmilson Miranda de Moura

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO

Prof. Dr. Marcos Antônio Tavares Lira

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO

Profa. Dra. Larissa Naiana Mendes de Sousa

PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Profa. Dra. Gardênia de Sousa Pinheiro

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Prof. Dr. Rodrigo de Melo Souza Veras

PRÓ-REITOR DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Dr. Carlos Sait Pereira de Andrade

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Profa. Dra. Waleska Ferreira de Albuquerque

PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS E COMUNITÁRIOS

Prof. Dr. Emídio Marques de Matos Neto

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Profa. Dra. Gardênia de Sousa Pinheiro
Pró-Reitora de Ensino de Graduação - PREG

Profa. Dra. Marli Clementino Gonçalves
Coordenador Geral de Graduação - CGRAD

Profa. Dra. Poliana Cristina de Almeida Fonseca
Coordenadora Geral de Estágio - CGE

Téc. Esp. Rita de Cássia Alves da Silva
Coordenadora de Estágio não Obrigatório - CGE

Téc. Dra. Djanira do Espírito Santo Lopes Cunha
Coordenadora de Desenvolvimento e Acompanhamento Curricular - CDAC

Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Diretor de Administração Acadêmica - DAA

Prof. Dr. Edivan Carvalho Vieira
Coordenador de Administração Acadêmica Complementar - CAAC

Prof. Dr. Willian Mikio Kurita Matsumura
Coordenador de Seleção e Programas Especiais - CSPE

Danielle Maria de Brito Aragão
Assistente da Pró-Reitora

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO/CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA

DIRETORA

Profa. Dra. Eliana de Sousa Alencar Marques

COORDENADORA DO CURSO (01/12/20 a 01/12/22)

Profa. MSc. Núbia Suely Canejo Sampaio

COORDENADORA DO CURSO (12/06/23 a 21/02/24)

Profa. MSc. Larissa Rachel Gomes Silva

COORDENADOR DO CURSO (22/02/24 a 12/06/25)

Prof. Dr. Odailton Aragão Aguiar

COMPOSIÇÃO DO COLEGIADO DO CURSO

(20/01/21 a 20/01/23)

Presidente

Profa. MSc. Núbia Suely Canejo Sampaio

Membros Docentes Titulares

Profa. Dra. Francilene Brito da Silva

Profa. Espec. Iolanda Costa Carvalho

Prof. MSc. José Ribamar Santos Costa Júnior

Prof. Dr. Odailton Aragão Aguiar

Profa. Dra. Pollyanna Jericó Pinto Coêlho

COMPOSIÇÃO DO COLEGIADO DO CURSO

(10/07/23 a 10/07/25)

Presidente

Profa. MSc. Larissa Rachel Gomes Silva

Vice-Presidente

Prof. Dr. Odailton Aragão Aguiar

Membros Docentes Titulares

Profa. Dra. Francilene Brito da Silva

Profa. MSc. Lucia de Fatima de Araújo e Silva Couto

Profa. MSc. Maria Raquel Alves da Rocha

Profa. MSc. Núbia Suely Canejo Sampaio

Profa. Dra. Pollyanna Jericó Pinto Coêlho

Membro Discente

Nicolas Armando de Castro Lacerda Leão

**COMPOSIÇÃO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE – NDE
COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO**

Membro Nato

(02/03/21 a 02/03/23)

Profa. MSc. Núbia Suely Canejo Sampaio

Membro Nato

(14/08/23 a 22/02/24)

Profa. MSc. Larissa Rachel Gomes Silva

Membro Nato

(23/02/24 a 30/10/24)

Prof. Dr. Odailton Aragão Aguiar

Membro Nato (Em substituição)

(31/10/24 a 06/05/25)

Profa. MSc. Lucia de Fatima de Araújo e Silva Couto

Membros

Profa. MSc. Adriana Galvão (04/02/21 a 23/10/22)

Profa. Dra. Francilene Brito da Silva (04/02/21 a 03/02/23)

Prof. MSc. José Ribamar Santos Costa Júnior (04/02/21 a 03/02/23)

Profa. MSc. Larissa Rachel Gomes Silva (24/10/22 a 23/10/24)

Profa. MSc. Lúcia de Fátima de Araújo e Silva Couto (04/02/21 a 03/02/23)

Profa. MSc. Neila Tanísia Rocha Matias Siqueira (04/02/21 a 03/02/23)

Prof. Dr. Odailton Aragão Aguiar (04/02/21 a 03/02/23)

Profa. Dra. Pollyanna Jericó Pinto Coêlho (04/02/21 a 03/02/23)

Membros

Prof. Espec. Evaldo Santos Oliveira (22/06/23 a 21/06/25)

Profa. Dra. Francilene Brito da Silva (22/06/23 a 21/06/25)

Profa. MSc. Lúcia de Fátima de Araújo e Silva Couto (22/06/23 a 30/10/24)

Prof. MSc. Núbia Suely Canejo Sampaio (22/06/23 a 21/06/25)

Profa. Dra. Pollyanna Jericó Pinto Coêlho (22/06/23 a 21/06/25)

PORTARIA DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Portaria PREG/UFPI Nº 076, DE 25 de outubro de 2022

IDENTIFICAÇÃO DA MANTENEDORA

MANTENEDORA: FUFPI

RAZÃO SOCIAL: Universidade Federal do Piauí

SIGLA: UFPI

NATUREZA JURÍDICA: Pública

CNPJ: 06.517.387/0001-34

ENDEREÇO: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella – Bairro Ininga s/n CEP: 64049-550

CIDADE: Teresina

TELEFONE: (86) 3215-5511

E-MAIL: scs@ufpi.edu.br

PÁGINA ELETRÔNICA: www.ufpi.br

IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

DENOMINAÇÃO DO CURSO: Licenciatura em Artes Visuais

CÓDIGO DO CURSO: 1105133 (INEP)

CRIAÇÃO DO CURSO

Resolução: 170/08 CEPEX/UFPI (Portaria de Criação) Publicação: 07.08.2008

Resolução: 006/10 CEPEX/UFPI (Portaria de Alteração) Publicação: 27.01.2010

RECONHECIMENTO DO CURSO

Portaria MEC: 114/2017 Publicação: 20.02.2017

RENOVAÇÃO DE RECONHECIMENTO DO CURSO

Portaria MEC: 922 Publicação: 28/12/2018

TÍTULO ACADÊMICO MASCULINO: Licenciado em Artes Visuais

TÍTULO ACADÊMICO FEMININO: Licenciada em Artes Visuais

MODALIDADE: Ensino Presencial

DURAÇÃO DO CURSO:

Mínima: 4 anos

Média: 5 anos

Máxima: 6 anos

Máximo para discentes com necessidades educacionais especiais: 9 anos *

* Para alunos com necessidades educacionais especiais o prazo máximo de permanência no curso é acrescido em até 50%, conforme Art. 8º da Resolução UFPI/CEPEX nº 054/2017.

ACESSO AO CURSO: Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) com aprovação obrigatória no Teste de Habilidades Específicas (THE) de acordo com edital específico da UFPI

REGIME LETIVO: Créditos/Semestral

TURNOS DE OFERTA: Vespertino e Noturno

VAGAS AUTORIZADAS e-MEC: 40 vagas anuais (apenas uma entrada por ano, no 1º semestre)

OFERTA DO CURSO:

SEMESTRE LETIVO	TURNO(S)	VAGAS
1º SEMESTRE	Vespertino/Noturno	40

QUADRO RESUMO DA CARGA HORÁRIA DO CURSO:

COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA	CRÉDITOS
Disciplinas Obrigatórias	2.370	197
Disciplinas Optativas	120	08
Atividade de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	60	4
Atividade de Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório	405	27
Atividades Complementares	120	-
Atividades Curriculares de Extensão*	341	-
TOTAL	3.416	236

* As Atividades Curriculares de Extensão correspondem a 10% da carga horária do Curso.

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas;
AC – Atividades Complementares;
ACE – Atividades Curriculares de Extensão;
ANFOPE – Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação;
AUDITÓRIO/CCE – Auditório Profa. Salomé Cabral;
BC – Biblioteca Comunitária;
BNCC – Base Nacional Comum Curricular;
BS/CCE – Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação;
CA – Centro Acadêmico;
CCE – Centro de Ciências da Educação;
CCP/CCE – Coordenação do Curso de Pedagogia/CCE;
CEPEX – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão;
CNE – Conselho Nacional de Educação;
DAA – Diretoria de Administração Acadêmica;
DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais;
DEFE – Departamento de Fundamentos da Educação;
DGOV – Diretoria de Governança;
DMTE – Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino;
DPM – Divisão de Programação e Matrícula;
EJA – Educação de Jovens e Adultos;
ENADE – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes;
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio;
FORLIC – Fórum das Licenciaturas;
FORPEDAG – Fórum Permanente Interinstitucional de Pedagogia;
LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais;
LIG/CCE – Laboratório de Informática da Graduação/CCE;
MEC – Ministério da Educação;
NAU – Núcleo de Acessibilidade;
NDE – Núcleo Docente Estruturante;
PCC – Prática como Componente Curricular;
PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional;
PET – Programa de Educação Tutorial;
PIBEX – Programa Interno de Bolsas de Extensão;
PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica;
PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Docência;
PNAES – Programa Nacional de Assistência Estudantil;
PNE – Plano Nacional de Educação;
PPC – Projeto Pedagógico do Curso;
PPGED – Programa de Pós-Graduação em Educação;
PRAD – Pró-Reitoria de Administração;
PRAEC – Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários;
PREG – Pró-Reitoria de Ensino e Graduação;
PREUNI – Prefeitura Universitária;
PREX – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura;
PROPESQ – Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação;
PROPLAN – Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento;
SESu/MEC – Secretaria de Educação Superior do MEC;

SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior;
SISU – Sistema de Seleção Unificada;
SV/CCE – Sala de Vídeo do CCE;
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso;
UFPI – Universidade Federal do Piauí.

LISTA DE GRUPOS DE PESQUISA DO CCE/UFPI

CORE – Núcleo de Estudos em Cultura, Arte e seu Ensino na Contemporaneidade
Coordenador(a) – Pollyanna Jericó Pinto Coêlho e Núbia Suely Canejo Sampaio

Educação e Representação Social
Coordenador(a) – Luís Carlos Sales e Josélia Saraiva e Silva

FORMAÇÃO – Núcleo de Formação de Professores
Coordenador(a) – José Augusto de Carvalho Mendes Sobrinho

FORMAR – Formação de Professores na Perspectiva Histórico Cultural
Coordenador(a) – Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina e Hilda Maria Martins Bandeira

GEODUC – Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica
Coordenador(a) – Armstrong Miranda Evangelista e Josélia Saraiva e Silva

GRUPEC – Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Professores de Ciências
Coordenador(a) – José Augusto de Carvalho Mendes Sobrinho e Antonina Mendes Feitosa Soares

História da Educação no Piauí
Coordenador(a) – Antônio de Pádua Carvalho Lopes

NEFORPE – Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Formação de Professores e Práticas Educativas
Coordenador(a) – Mirtes Gonçalves Honório

NEESPI – Núcleo de Estudos em Educação Especial e Inclusiva – UFPI
Coordenador(a) – Ana Valéria Marques Fortes Lustosa

NEHME – Núcleo de Educação, História e Memória
Coordenador(a) – Maria do Amparo Borges Ferro e Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti

NEPEIEC – Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão sobre Infância e Educação da Criança
Coordenador(a) – Disnah Barroso Rodrigues

NEPSH – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação na Psicologia Sócio-Histórica
Coordenador(a) – Maria Vilani Cosme de Carvalho e Eliana de Sousa Alencar Marques

NEPEGECI – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania
Coordenador(a) – Shara Jane Costa Adad

NESPEM – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Emancipação Humana
Coordenador(a) – Maria Escolástica de Moura Santos

NIPPC – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Práticas Curriculares e Formação de Profissionais da Educação – UFPI
Coordenador(a) – Maria da Glória Carvalho Moura e Josania Lima Portela Carvalhêdo

NIPSEC–Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise, Educação e Contemporaneidade
Coordenador(a) – Cássio Eduardo Soares Miranda e Valdinar da Silva Oliveira Filho

NIPEPP Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação e Epistemologia da Prática Profissional
Coordenador(a) – Antônia Dalva França Carvalho e Ágata Laisa Laremborg Alves

NUFAGEC –Núcleo de Estudos sobre Formação, Avaliação, Gestão e Currículo
Coordenador(a) – Neide Cavalcante Guedes e Hilda Mara Lopes Araújo

NUPPED – Núcleo de Pesquisa sobre Formação e Profissionalização em Pedagogia
Coordenador(a) – Antônia Edna de Brito e Carmem Lúcia de Oliveira Cabral

NUPPEGE – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas e Gestão da Educação
Coordenador(a) – Rosana Evangelista da Cruz e Luís Carlos Sales

RODA GRIÔ-GEAfro- Núcleo de Estudos sobre gênero, educação e afrodescendência
Coordenador(a) – Francis Musa Boakari e Francilene Brito da Silva

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	16
1.	INTRODUÇÃO.....	18
1.1	Justificativa	18
1.2	Contexto regional e local	20
1.3	Histórico e estrutura organizacional da UFPI e do Curso de Licenciatura em Artes Visuais	21
2.	CONCEPÇÃO DO CURSO.....	23
2.1	Princípios curriculares e especificidades do curso.....	23
2.2	Objetivos do curso.....	25
2.3	Perfil do egresso	27
2.4	Competências e habilidades	28
2.5	Perfil do corpo docente	29
3.	PROPOSTA CURRICULAR.....	31
3.1	Estrutura e organização curricular.....	31
3.1.1	Prática como componente curricular.....	33
3.2	Matriz Curricular.....	35
3.2.1	Quadro das disciplinas obrigatórias	35
3.2.2	Quadro das disciplinas optativas	39
3.3	Fluxograma	42
3.4	Estágio Obrigatório, Atividades Complementares, Extensão (ACE) e Trabalho de Conclusão de Curso	43
3.4.1	Estágio Obrigatório	43
3.4.2	Atividades Complementares	45
3.4.3	Extensão (ACE)	54
3.4.4	Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	56
3.5	Metodologia	59
4.	POLÍTICAS INSTITUCIONAIS	61
4.1	Políticas institucionais de ensino, pesquisa e extensão	61
4.2	Apoio ao discente.....	63
5.	SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO	65
5.1	Avaliação da aprendizagem	65
5.2	Avaliação do Projeto Pedagógico do Curso	66
6.	EMENTÁRIO E BIBLIOGRAFIA DAS DISCIPLINAS	68
6.1	Ementário e bibliografia das disciplinas obrigatórias	68
6.2	Ementário e bibliografia das disciplinas optativas	113
7.	INFRAESTRUTURA FÍSICA E INSTALAÇÕES ACADÊMICAS	142
7.1	Biblioteca	147
8.	DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS	148
8.1	Equivalência entre projetos pedagógicos	148
8.2	Cláusula de vigência	152
	REFERÊNCIAS.....	153

Pintura: Eulália Pessoa, Acrílica sobre tela, 2023.



APRESENTAÇÃO 

APRESENTAÇÃO

O Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais consiste na reformulação do Projeto Pedagógico criado em 29 de agosto de 2008, pela Resolução 170/08 CEPEX/UFPI, que foi alterado pela Resolução 006/10 CEPEX/UFPI de 27 de janeiro de 2010 e, reconhecido pela Portaria MEC 114/2017, publicada em 20 de fevereiro de 2017, cuja criação deveu-se à necessidade de substituição do curso de Licenciatura Plena em Educação Artística, instituído pela Resolução nº. 01/77 CCE/UFPI, CONSUN.

Da mesma forma, esta reformulação que ora apresentamos, atende à necessidade de adequação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) à legislação em vigência e às transformações ocorridas na sociedade brasileira, ao longo desses anos. Ademais, é fruto de permanentes indagações, investigações e sentidos dados às artes visuais e suas maneiras de aprender/ensinar, na contemporaneidade, tendo como suporte os preceitos curriculares e aporte teórico-metodológico, ético e político que orienta o perfil profissional do docente graduado na Licenciatura em Artes Visuais da UFPI. Ressaltamos que esta licenciatura é a única formação de professores de Arte do estado do Piauí.

Trata-se de um trabalho coletivo, participativo e democrático realizado pela Coordenação do Curso, pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) e pelos professores do Departamento de Artes, além do diálogo estabelecido com o corpo discente, representado pelo Centro Acadêmico do Curso Arnaldo Albuquerque - CARNAL.

O Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais tem como fundamentação legal a Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial Professores para a Educação Básica e Institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação), bem como a Resolução nº 1/2009 de 16 de janeiro de 2009 do Conselho Nacional de Educação (CNE), que estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Artes Visuais.

No âmbito da regulamentação da UFPI, este Projeto tem por base, a Resolução Nº 220/2016 CEPEX/UFPI, que define as diretrizes curriculares para a formação em Nível Superior de Profissionais do Magistério para a Educação Básica; a Resolução Nº 054/2017 CEPEX/UFPI, que regulamenta sobre o atendimento educacional a estudantes com necessidades especiais na UFPI; a Resolução Nº 7/18 CEPEX/UFPI, que traz as diretrizes para a Extensão na Educação Superior; a Resolução Nº 53/19 CEPEX/UFPI, que regulamenta a inclusão das atividades de extensão como componente curricular obrigatório nos cursos de graduação da UFPI; Portaria PREG/CAMEN Nº 330/17 que aprova as diretrizes para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a Resolução Nº 22/09 que define o Estágio Curricular Supervisionado.

Além dos documentos supracitados, este projeto está ancorado no PDI UFPI- 2020/2024, que apresenta a missão de “promover a educação superior de qualidade, com vista à formação de sujeitos comprometidos com a

ética e capacitados para atuarem em prol do desenvolvimento regional, nacional e internacional” (PDI,2020-2024).

Em virtude da dinâmica que caracteriza a vida em sociedade, entendemos que a atualização curricular do PPC deve ser um processo flexível e permanente. Desse modo, este projeto responde à conjuntura atual em meio aos novos desafios, pela formação profissional em Artes Visuais, através da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, pilares desta Instituição de Ensino Superior (IES), promovendo assim, constantes interações entre docentes, discente e a comunidade piauiense.

Este projeto apresenta importantes inovações, como a redistribuição da carga horária formativa, anteriormente distribuída em quatro anos e meio, foi alterada para quatro anos, com o objetivo de otimizar o processo formativo, ao tempo que preserva a sua qualidade. Além disso, possibilita a participação dos discentes em experiências práticas (trabalhos de campo); incentiva a participação em grupos de pesquisa, em projetos de pesquisa e de extensão, coordenados por professores do curso; e, a inserção nos Programa Institucionais de Bolsas e Programas de monitoria. Enfim, esta Proposta Pedagógica incentiva a interação social, bem como a articulação teoria e prática, essencial para a formação docente em Artes Visuais.

1. INTRODUÇÃO



1. INTRODUÇÃO

Este documento apresenta a proposta de reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, o qual revela preocupação do seu corpo docente com a formação humana, ética, estética, educativa e profissional do sujeito estudante e futuro professor de arte nas fronteiras do cotidiano e de Arte nas fronteiras dos escritos sobre esta. Essa preocupação não se restringe a uma forma de poder entender a arte e suas nuances técnicas ou laborais como algo separado de suas formas epistemológicas e sociais de existência. Dentro de um mundo globalizado e localizado ao mesmo tempo, os desafios de ensinar e de aprender arte são também complexos. Assim, justificamos adiante nossa proposta para formar professores de Arte na contemporaneidade piauiense, nordestina e brasileira.

1.1. Justificativa

O curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portella, em Teresina – Piauí, foi criado em 2008 pela Resolução 170/08 CEPEX/UFPI em substituição do Curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação Artes Plásticas, devido a necessidade de sua adequação à legislação vigente. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB nº 9.394/96, em seu Artigo 26, parágrafo 2º, alterou a “Educação Artística”, que fazia parte dos currículos escolares como atividade educativa na LDB 5692/71, transformando-a em disciplina, sob a nomenclatura Arte. A partir de então, o ensino de Arte passou a ser obrigatório na Educação Básica.

Esta alteração foi definida e referendada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, no qual a área do conhecimento Arte, foi apresentada sob o viés das linguagens artísticas Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, determinando assim, a necessidade de formação docente nestas linguagens específicas.

Daí, a criação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, como forma de adequação às normas vigentes, na perspectiva da democratização e aprofundamento dos conhecimentos artísticos, cuja atenção se volta, em especial, para a formação docente do licenciando em Artes Visuais.

E, por entendermos que o currículo deve estar em constante processo, dada a dinâmica da própria sociedade, o PPC do Curso de Licenciatura em Artes Visuais foi alterado pela Resolução 006/10 CEPEX/UFPI em 2010 e reconhecido pela Portaria MEC 114/2017 em 2017.

É então, neste sentido de constante atualização, que propomos a reformulação do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de Licenciatura em Artes Visuais, buscando alinhar sua estrutura com as determinações nacionais, como a Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a

Formação Inicial Professores para a Educação Básica e Institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação), bem como a Resolução nº 1/2009 de 16 de janeiro de 2009 do Conselho Nacional de Educação (CNE), que estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Artes Visuais.

A adequação do PPC à regulamentação na esfera da UFPI tem por base: a Resolução Nº 220/2016 CEPEX/UFPI, que define as diretrizes curriculares para a formação em Nível Superior de Profissionais do Magistério para a Educação Básica; a Resolução Nº 054/2017 CEPEX/UFPI, que regulamenta sobre o atendimento educacional a estudantes com necessidades especiais na UFPI; a Resolução Nº 7/18 CEPEX/UFPI, que traz as diretrizes para a Extensão na Educação Superior; a Resolução Nº 53/19 CEPEX/UFPI, que regulamenta a inclusão das atividades de extensão como componentes obrigatório curricular nos cursos de graduação da UFPI; Portaria PREG/CAMEN Nº 330/17 que aprova as diretrizes para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); a Resolução 22/09, que estabelece o Estágio Supervisionado no âmbito da UFPI e, o Plano de Desenvolvimento Institucional PDI UFPI 2020/2024.

Apresentamos a seguir os principais pontos de alterações nesta proposta de reformulação do PPC da Licenciatura em Artes Visuais:

- a. Ampliação da carga horária total do Curso de 3.345 para 3.416 conforme a legislação vigente e redução da duração do curso de 9 para 8 períodos;
- b. atualização do perfil dos (as) graduandos (as), destacando competências e habilidades que o curso deve desenvolver para outorga de diploma;
- c. alteração da Estrutura Curricular, em atendimento à Resolução CNE/CP 2, de 2019, que estabelece a distribuição da carga horária em três grupos, a saber: I - Grupo I (Base Comum), com 810 (oitocentas) horas, destinado às disciplinas de conhecimentos científicos, educacionais e pedagógicos; Grupo II (Conhecimentos Específicos), com 1.620 (mil e seiscentas) horas, para a aprendizagem dos conteúdos específicos das áreas, componentes, unidades temáticas e objetos de conhecimento da BNCC; e, Grupo III (Prática Pedagógica), com 810 (oitocentas) horas, divididas entre os Estágios Supervisionados (405 horas) e a Prática como Componente Curricular (405 horas);
- d. inclusão de novas disciplinas optativas, compreendendo essas como componentes de aprofundamento e diversificação dos conteúdos obrigatórios e em sintonia com a proposta pedagógica do Curso;
- e. inclusão de duas novas disciplinas obrigatórias: Arte e Educação, voltada para conhecimentos específicos referentes ao ensino de arte no Brasil, em seus vários aspectos; e, História da Arte no Piauí, que aborda aspectos da regionalidade da arte e da cultura piauienses;
- f. atualização de disciplinas obrigatórias, atinentes à nomenclatura, ao ementário, às referências bibliográficas, aos créditos e à carga horária;
- g. movimentação de disciplinas entre obrigatórias e optativas;

- h. exclusão disciplinas da estrutura curricular, substituindo-as por novas disciplinas, visando uma formação mais ampla e abrangente para nossos discentes.
- i. redução das horas das Atividades Complementares de 225 para 120 horas, considerando a legislação vigente interna desta IES;
- j. inclusão da modalidade “Artigo” no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, devidamente acompanhado de defesa pública com Banca Examinadora, em conformidade com a Portaria nº 330/17, da PREG/CAMEN, que trata das diretrizes gerais para o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, na UFPI;
- k. atualização do fluxograma, conforme as alterações propostas para o novo currículo da Licenciatura em Artes Visuais;
- l. Exclusão do componente “Estágio extracurricular não obrigatório”, código DEAV648 das Atividades Complementares.

Destacamos, por fim, a importância desta proposta de reformulação do Projeto Pedagógico de Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPI, a qual se estabeleceu a partir de um processo contínuo e democrático, cujas discussões foram iniciadas entre os representantes do Núcleo Docente Estruturante – NDE, em reuniões programadas, ao longo de 10 meses, entre julho de 2022 e maio de 2023. Enfatizamos, que os professores do Curso que não fazem parte do NDE, encaminharam suas sugestões para análise, de acordo com suas áreas de estudo e atuação, nas várias modalidades de conhecimento artístico. Após sistematizada a proposta de reformulação do PPC, o NDE apresentou aos discentes (representados pelos membros do Centro Acadêmico do Curso), para discussão e possíveis alterações. Na sequência, a referida proposta foi apresentada ao Colegiado do Curso para discussão e análise. Após finalização da proposta de reformulação, esta foi encaminhada à Coordenadoria de Desenvolvimento e Acompanhamento Curricular (CDAC), da qual deverá seguir para os respectivos trâmites.

1.2. Contexto regional e local

O Piauí é um estado brasileiro caracterizado por aspectos socioeconômicos, políticos, ambientais e culturais muito peculiares. Rico em manifestações artístico-culturais, tem uma potência criativa e estética nordestina a partir do trato com sua diversidade natural e humana (ASCOM, 2015; MEU PIAUÍ, 2017). Nossas potências e criatividades artísticas vêm de muito longe. Os nossos ancestrais que há mais de 100.000 anos habitaram o território dos atuais municípios de Canto do Buriti, Coronel José Dias, São João do Piauí e São Raimundo Nonato, há mais de 500 Km de Teresina, deixaram um dos mais imponentes acervos de pinturas rupestres do Brasil. Nesta região, foi criado em 1979, o Parque Nacional da Serra da Capivara, para preservar vestígios arqueológicos da mais remota presença do homem na América do Sul. O Parque foi tombado pelo Iphan em 1993. O Parque Nacional Serra da Capivara é uma unidade de conservação brasileira de proteção integral à natureza e de proteção dos

vestígios arqueológicos e pinturas rupestres que datam de mais 50.000 anos. Hoje o Parque conta com dois importantes projetos, o Museu do Homem Americano e o Museu da Natureza.

Nossas raízes culturais e artísticas ressoam nas produções da atualidade, através de sua riqueza estética, originalidade e diversidade, como podemos ver nos trabalhos em argila, encontrados por todo o estado; na produção de joias com as opalas, encontradas em apenas dois pontos em todo o mundo: na Austrália e nas minas de Pedro II; na arte santeira, esculpida em madeira; nos figurinos do Bumba-Meu-Boi, nos Congos de Oeiras; nas Festas Juninas; na diversificação dos meios artísticos, desenvolvidos por desenhistas, escultores, pintores, performistas, gravadores, fotógrafos, multimídias, etc. Ressaltamos que muitos dentre destes, são egressos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, o qual apesar de ser um curso de formação docente em Arte, possui disciplinas que favorecem a construção de conhecimentos artísticos.

Ao todo, o Piauí tem 224 municípios, sendo Teresina a capital, cidade situada entre dois rios: Poti e Parnaíba, a mesopotâmia nordestina. É a única do Nordeste que não possui praia e, também única capital planejada da região. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado, segundo dados do IBGE (2010) é de 0,646.

1.3. Histórico e estrutura organizacional da UFPI e do curso de Artes Visuais

A Universidade Federal do Piauí (UFPI) é uma Instituição de Educação Superior de natureza federal, com autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial mantida pelo Ministério da Educação por meio da Fundação Universidade Federal do Piauí (FUFPI), com sede e foro na cidade de Teresina.

A UFPI, instituída nos termos da Lei no 5.528, de 11 de novembro de 1968 e oficialmente instalada em 12 de março de 1971, tem como sede o Campus, denominado Ministro Petrônio Portella, situado na Av. Universitária s/n, Bairro Ininga, CEP 64049-550, em Teresina, Estado do PI.

Além do campus anteriormente citado, a UFPI conta com quatro campi, sediados nas cidades de Parnaíba, Picos, Bom Jesus e Floriano. Todos têm em comum a administração central.

A administração central da UFPI é composta pela Reitoria, Vice-Reitoria e por sete Pró-Reitorias, que são: Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PREG); de Pró-Reitoria Pesquisa (PROPESQ); Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PRPG); de Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREXC); Pró-Reitoria de Administração (PRAD); Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento (PROPLAN); e, Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC).

Na estrutura da UFPI existem 10 unidades acadêmicas, representadas pelos 04 campi do interior e pelas 06 unidades ou centros de ensino que formam a estrutura do Campus de Teresina. São eles: Centro de Ciências da Educação (CCE); Centro de Ciências da Saúde (CCS); Centro de Ciências da Natureza (CCN); Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL); Centro de Ciências da Agrárias (CCA); e, Centro de Tecnologia (CT).

Como Instituição de Ensino Superior, ancorada na pesquisa, ensino e extensão, objetiva, de acordo com o

artigo 3º do seu Estatuto, “cultivar o saber em todos os campos do conhecimento puro e aplicado” e, dentre as suas funções específicas, estimular a criação cultural e o desenvolvimento da pesquisa científica e do pensamento reflexivo, divulgar conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade, além de comunicar o saber através do ensino. (PDI – 2020/2024 p. 24)

O curso de Licenciatura em Artes Visuais foi criado em atendimento a LDB, nº. 9394/96, que extinguiu o Curso de Educação Artística com suas habilitações em todo território brasileiro. O atual curso tem seu nascedouro no curso de Educação Artística, com habilitações em Artes Plásticas, Música e Desenho criado na década de 70, como curso de curta duração em atendimento a LDB 5.691/72 que cria em todo território nacional o curso de Lic. em Educação Artística, com as habilitações a seguir: Artes Plásticas, Música, Desenho e Artes Cênicas. Ressalta-se que após a nova LDB nº. 9394/96, que trazia em seu bojo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o presente curso passou por uma alteração curricular periférica. Essas alterações foram restritas a alguns ementários, sem atender a Nova LDB nº. 9394/96, que recomendava a criação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. A partir daí, só em 2008, foi alterada a nomenclatura do curso, passando a ser Licenciatura em Artes Visuais, por meio da Resolução 170/08, CEPEX/UFPI. Embora o referido curso tenha sido criado no ano de 2008, seu funcionamento teve início somente em 2010. A partir de então, o curso de Licenciatura em Artes Visuais forma licenciados que irão atuar no mercado de trabalho.

MEU DEUS,
PORQUE ESSE
CALOR TÃO
GRANDE?!!

2. CONCEPÇÃO DE CURSO



2. CONCEPÇÃO DO CURSO

2.1. Princípios curriculares e especificidades do curso

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais (CLAV) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) tem como pressupostos teórico-metodológicos curriculares: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; formação profissional para a cidadania; fundamentação da docência em Arte como cognições/sentidos e táticas de apreender o mundo (BARBOSA, 2015; CERTEAU, 1994); articulação orgânica dos componentes curriculares; construção de referências baseada em éticas, estéticas, práxis-pedagógicas e políticas do conhecimento em Arte e do seu ensino.

Desta forma, neste Projeto Pedagógico de Curso, a tríade ensino-pesquisa-extensão consiste em um princípio que concebe a formação docente como espaço de produção do saber que permita a compreensão de fenômenos, relações e movimentos de diferentes realidades e, se necessário, transformar tais realidades.

Essa compreensão de fenômenos e as possíveis transformações da realidade, exigem uma formação profissional para a cidadania. Assim, o CLAV/UFPI enseja contribuir para o desenvolvimento da reflexão crítica e da autonomia intelectual dos discentes, no processo construtivo da pessoa e do profissional, por meio do questionamento permanente dos fatos e memórias criativas (BENJAMIN, 2002). Nesse sentido, visa contribuir para o atendimento das necessidades sociais/locais/globais. Para tal contribuição, a proposta triangular apresentada por (BARBOSA, 2015), bem como outras propostas de ensino de arte, através de leituras de imagens e produção de sentidos, podem ser contextualizadas e estudadas na relação com a prática e com suas formas de resistências em arte.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento de uma formação docente em Artes Visuais precisa da articulação orgânica entre os componentes curriculares, modo flexível e criativo, para que seja minimizada a percepção de fracionamento, e, para fazer emergir a noção de unidade a partir da harmonia dialética entre teorias e práticas (FOUCAULT, 2014).

Assim, os princípios curriculares que nortearão o curso de Licenciatura em Artes Visuais estão em conformidade com o PDI/UFPI 2020-2024, o qual destaca que a proposta pedagógica deve ser baseada princípios que reforçam a sua função social e o seu papel como instituição pública. Evidenciamos a seguir, alguns destes princípios:

- a. Concepção de formação e desenvolvimento da pessoa humana, levando em consideração os pressupostos axiológico-éticos, a dimensão sócio-política, a dimensão sociocultural, a dimensão técnico-científica e técnico-profissional;
- b. Observância à ética e respeito à dignidade da pessoa humana e ao meio ambiente, por meio da construção de projetos coletivos dotados de sustentação ética e respeito à dignidade e às diferenças, procurando responder à complexidade das relações sociais e minimizar as desigualdades e tensões decorrentes de um

contexto social em permanente transformação;

- c. Articulação entre ensino, pesquisa e extensão, relaciona os processos de ensinar e aprender com a pesquisa científica e com as atividades de extensão, articulando teoria e prática, Universidade e comunidade. Desta forma, a formação do discente no Curso de Licenciatura em Artes Visuais deve ir além dos cumprimentos das disciplinas obrigatórias e optativas do currículo, oportunizando a busca sistemática, crítica, reflexiva e criativa como atividade cotidiana no processo formativo;
- d. Multirreferencialidade, Transversalidade e Interdisciplinaridade são inerentes à complexidade do fenômeno educativo e por esta razão, compõem a concepção curricular deste PPC, de forma a promover abordagens integradas e integradoras das várias áreas do conhecimento. A Multirreferencialidade, nas intervenções didáticas do Curso, amplia as apropriações sobre linguagens, cultura e formas emergentes de produção do conhecimento ou aquelas ainda não reconhecidas no contexto acadêmico, vistos de modo transversal e interdisciplinar, como forma de responder aos desafios da complexidade da sociedade contemporânea.
- e. As Tecnologias de Comunicação e da Informação (TIC's) objetivam a conexão entre educação, comunicação, tecnologias inteligentes e construção do conhecimento em Artes Visuais no sentido de promover reflexão crítica e criativa sobre mídias, representações, linguagens e estratégias colaborativas de elaboração da aprendizagem relativas ao campo da arte na formação docente;
- f. A Avaliação inclui as experiências sistematizadas de registro e acompanhamento humanizado do processo de aprendizagem que ultrapassem a concepção quantitativa e classificatória;
- g. Articulação entre teoria e prática, é compreendida neste documento como um princípio de aprendizagem que se afasta da lógica positivista e possibilita que aos discentes seu envolvimento com problemas reais em seus diferentes aspectos fomentando as possíveis soluções dos problemas epistemológicos e práticos. Assim, o discente assume a condição de sujeito no processo formativo e na produção do conhecimento. Importante destacar que a prática não se limita ao estágio, e que deve ir além das práticas profissionais previstas no âmbito do curso. Além do exposto, a prática como componente curricular permeia toda a formação da licenciatura em arte. Nesta linha, o projeto pedagógico do curso tem como princípio, o conhecimento e a compreensão sobre o mundo contemporâneo e o respeito à missão da universidade, a fim de que o discente alcance sua autonomia intelectual.
- h. A Flexibilização curricular deste PPC prevê tempo livre amplo e suficiente entre os componentes curriculares para permitir ao discente a incorporação de outras formas de aprendizagens e a formação social, a fim de permitir o exercício de sua autonomia;
- i. A Ética é princípio basilar dos processos de ensino e aprendizagem no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, no desenvolvimento de pesquisas e na produção e socialização do conhecimento em arte historicamente acumulado pela humanidade.

2.2. Objetivos do curso

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPI visa promover o intercâmbio cultural entre instituições de ensino superior do estado e do país, propiciar condições adequadas para o uso dos materiais expressivos (autóctones). Tem como objetivo geral formar professores de Artes Visuais para exercer a docência no ensino de arte em âmbitos institucionais educativos e como objetivos específicos:

- 2.2.1. Dominar conhecimentos em Artes Visuais e seu ensino de modo a favorecer maior flexibilidade em sua atuação profissional;
- 2.2.2. Desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe;
- 2.2.3. Desenvolver e praticar atitudes que possibilitem o aprender a aprender;
- 2.2.4. Exercer com ética e proficiência suas atribuições profissionais no campo do ensino da arte, consoante a legislação específica;
- 2.2.5. Buscar atitudes inovadoras e criativas;
- 2.2.6. Dominar diferentes fontes de informações e de recursos tecnológicos para construir/reconstruir conhecimento em Artes Visuais e seu ensino;
- 2.2.7. Saber intervir na realidade revelando consciência, espírito crítico positivo e autonomia, seja na condição de indivíduo, seja na condição de integrante de uma coletividade;
- 2.2.8. Integrar conhecimentos amplos e especializados, para aplicá-los em situações concretas e contextualizadas, no campo das Artes Visuais e seu ensino;
- 2.2.9. Desconstruir preconceitos culturalmente herdados e/ou impostos pelas formas de organizações historicamente estabelecidas;
- 2.2.10. Compreender a diversidade cultural para inserção no mundo globalizado, inclusive nas relações de trabalho;
- 2.2.11. Ampliar e atualizar o conhecimento e as práticas da vida, incluindo as práticas profissionais em Artes Visuais e seu ensino, de forma permanente, ao longo da vida profissional;
- 2.2.12. Desenvolver técnicas apropriadas de Artes Visuais e seu ensino, visando o acompanhamento e a avaliação constante, buscando interagir com o mercado de trabalho docente, na perspectiva de continuidade de sua formação;
- 2.2.13. Empreender ações inovadoras que promovam o desenvolvimento econômico, político, social e cultural, no contexto local, regional e nacional;
- 2.2.14. formar o profissional comprometido com as questões educacionais locais, regionais e nacionais e com a realidade social de um modo crítico, reflexivo, criativo e transformador;
- 2.2.15. oferecer possibilidade de atualização curricular, visando a uma formação continuada que busque

- atender às necessidades do contexto sócio- histórico-cultural e político onde o egresso atuará profissionalmente;
- 2.2.16. fomentar a atividade de pesquisa em Arte, como um dos aspectos relevantes para a compreensão do ser humano e de suas possibilidades expressivas;
 - 2.2.17. formar profissionais habilitados para desenvolvimento de processos de produções contextualizadas, comprometidas com as questões acadêmicas e com postura crítica, atuante;
 - 2.2.18. ampliar os conhecimentos do educando, bem como seu contato com a realidade social, possibilitando a solução de problemas a partir da articulação entre ensino, pesquisa e extensão;
 - 2.2.19. estimular o exercício da percepção e da leitura crítica do discurso estético/ético visual;
 - 2.2.20. desenvolver a sensibilidade, intuição, criatividade, domínio dos códigos culturais e conhecimentos específicos da linguagem das Artes Visuais;
 - 2.2.21. estreitar vínculos entre o Curso de Licenciatura em Artes Visuais e a sociedade;
 - 2.2.22. contribuir para construção dos saberes docentes em Artes Visuais;
 - 2.2.23. promover ações de inclusão social;
 - 2.2.24. formar o profissional comprometido com as questões educacionais locais, regionais e nacionais e com a realidade social de um modo crítico, reflexivo, criativo e transformador;
 - 2.2.25. oferecer possibilidade de atualização curricular, visando a uma formação continuada que busque atender às necessidades do contexto sócio- histórico-cultural e político onde o egresso atuará profissionalmente;
 - 2.2.26. fomentar a atividade de pesquisa em Arte, como um dos aspectos relevantes para a compreensão do ser humano e de suas possibilidades expressivas;
 - 2.2.27. formar profissionais habilitados para desenvolvimento de processos de produções contextualizadas, comprometidas com as questões acadêmicas e com postura crítica, atuante;
 - 2.2.28. ampliar os conhecimentos do educando, bem como seu contato com a realidade social, possibilitando a solução de problemas a partir da articulação entre ensino, pesquisa e extensão;
 - 2.2.29. estimular o exercício da percepção e da leitura crítica do discurso estético/ético visual;
 - 2.2.30. desenvolver a sensibilidade, intuição, criatividade, domínio dos códigos culturais e conhecimentos específicos da linguagem das Artes Visuais;
 - 2.2.31. estreitar vínculos entre o Curso de Licenciatura em Artes Visuais e a sociedade;
 - 2.2.32. contribuir para construção dos saberes docentes em Artes Visuais;
 - 2.2.33. promover ações de inclusão social.

2.3. Perfil do egresso

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais visa a formação artística e pedagógica para atuar na docência em arte, na Educação Básica, proporcionando reflexão crítica sobre o fazer artístico, sobre o pensamento visual, com vistas ao desenvolvendo do potencial criativo, a partir de técnicas e procedimentos tradicionais, tecnológicos, experimentais e híbridos.

A trajetória formativa do licenciado em Artes Visuais tem como meta desenvolver competências inscritas nos âmbitos artísticos, científicos, tecnológicos, pedagógicos e profissionais, de forma articulada indispensável para o efetivo exercício das vivências ética, estética, ecológica e crítico-reflexiva. Desta forma, o egresso da Licenciatura em Artes Visuais, deve, entre outras, deter as seguintes competências e habilidades:

- I. - interagir com as manifestações culturais da sociedade na qual se situa, demonstrando sensibilidade e criticidade, na produção, transmissão e recepção do fenômeno visual;
- II. - desenvolver pesquisa científica e tecnológica em Artes Visuais, objetivando a criação, a compreensão, a difusão e o desenvolvimento da cultura visual;
- III. - atuar, de forma significativa, nas manifestações da cultura visual, instituídas ou emergentes;
- IV. - atuar como docente do ensino de arte na educação básica, bem como, nos diferentes espaços culturais;
- V. - estimular criações visuais e sua divulgação como manifestação do potencial artístico, objetivando o aprimoramento da sensibilidade ética e estética dos diversos atores sociais;
- VI. – atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime e igualitária;
- VII. – compreender sua função na docência em arte, na Educação Básica a partir de concepção ampla e contextualizada de ensino e de processos de aprendizagem inclusivos;
- VIII. – dominar os conteúdos específicos das artes visuais, os conteúdos pedagógicos, as abordagens teórico-metodológico do ensino de arte, de forma transdisciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar, adequados às diferentes fases do desenvolvimento humano nas etapas e modalidades da Educação Básica;
- IX. - Estimular o espírito solidário, a consciência planetária, atitude cidadã, numa visão de totalidade que não restrinja apenas às práticas pedagógicas e específicas das docências em Arte, no espaço escolar;
- X. – conhecer arte e cultura Africana, afrodescendente, de povos tradicionais, de povos nativos, dentre os vários entendimentos e seguimentos identitários desenvolvidos como não hegemônicos no mundo da arte devido aos processos de colonialidade de poder, de saber e de ser;
- XI. – relacionar a linguagem dos meios de comunicação à Educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das Tecnologias da Informação e Comunicação para o desenvolvimento da aprendizagem;

- XII. - identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais, de faixas geracionais, de classes, de necessidades especiais;
- XIII. – articular teoria e prática no processo de formação embasada no domínio de conhecimentos científicos, pedagógicos, técnicos e os específicos das Artes Visuais;
- XIV. – compreender criticamente as Diretrizes que norteiam o exercício da docência em Artes Visuais, nos diferentes níveis da Educação Básica, bem como conhecer as políticas culturais locais, regionais e nacionais;

2.4. Competências e habilidades

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais (CLAV) visa desenvolver competências de caráter cognitivo socioafetivo ou psicomotor, que mobilizadas e associadas aos saberes teóricos ou experienciais gerem habilidades, que se consubstanciem em um saber fazer. Estas são as referências para a organização dos conteúdos e para a avaliação do processo de ensino- aprendizagem.

Nessa linha, a formação inicial no CLAV se desenvolve em consonância com as seguintes resoluções: Resolução Nº 1, de 16 de janeiro de 2009, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais da Graduação em Artes Visuais; Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação); a Resolução Nº 220/16 CEPEX/UFPI, que define as diretrizes curriculares para formação em Nível Superior de Profissionais do Magistério para a Educação Básica na UFPI; entre outras.

Estabelecemos como competências e habilidades para a formação profissional da Licenciatura em Artes Visuais:

- I. - Interagir com as manifestações culturais da sociedade na qual se situa, demonstrando sensibilidade e criticidade, na produção, transmissão e recepção do fenômeno visual;
- II. - Desenvolver pesquisa científica e tecnológica em Artes Visuais, objetivando a criação, a compreensão, a difusão e o desenvolvimento da cultura visual;
- III. - Atuar, de forma significativa, nas manifestações da cultura visual, instituídas ou emergentes;
- IV. - Atuar como docente do ensino de arte na educação básica, bem como, nos diferentes espaços culturais;
- V. - Estimular criações visuais e sua divulgação como manifestação do potencial artístico, objetivando o aprimoramento da sensibilidade ética e estética dos diversos atores sociais;
- VI. – Atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime e igualitária;
- VII. – Compreender sua função na docência em arte, na Educação Básica a partir de concepção ampla e

contextualizada de ensino e de processos de aprendizagem inclusivos;

- VIII. – Dominar os conteúdos específicos das artes visuais, os conteúdos pedagógicos, as abordagens teórico-metodológico do ensino de arte, de forma transdisciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar, adequados às diferentes fases do desenvolvimento humano nas etapas e modalidades da Educação Básica;
- IX. - Estimular o espírito solidário, a consciência planetária, atitude cidadã, numa visão de totalidade que não restrinja apenas às práticas pedagógicas e específicas das docências em Arte, no espaço escolar;
- X. – Conhecer arte e cultura Africana, afrodescendente, de povos tradicionais, de povos nativos, dentre os vários entendimentos e seguimentos identitários desenvolvidos como não hegemônicos no mundo da arte devido aos processos de colonialidade de poder, de saber e de ser;
- XI. – Relacionar a linguagem dos meios de comunicação à Educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das Tecnologias da Informação e Comunicação para o desenvolvimento da aprendizagem;
- XII. - Identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais, de faixas geracionais, de classes, de necessidades especiais;
- XIII. – Articular teoria e prática no processo de formação embasada no domínio de conhecimentos científicos, pedagógicos, técnicos e os específicos das Artes Visuais;
- XIV. – Compreender criticamente as Diretrizes que norteiam o exercício da docência em Artes Visuais, nos diferentes níveis da Educação Básica, bem como conhecer as políticas culturais locais, regionais e nacionais.

2.5. Perfil do corpo docente

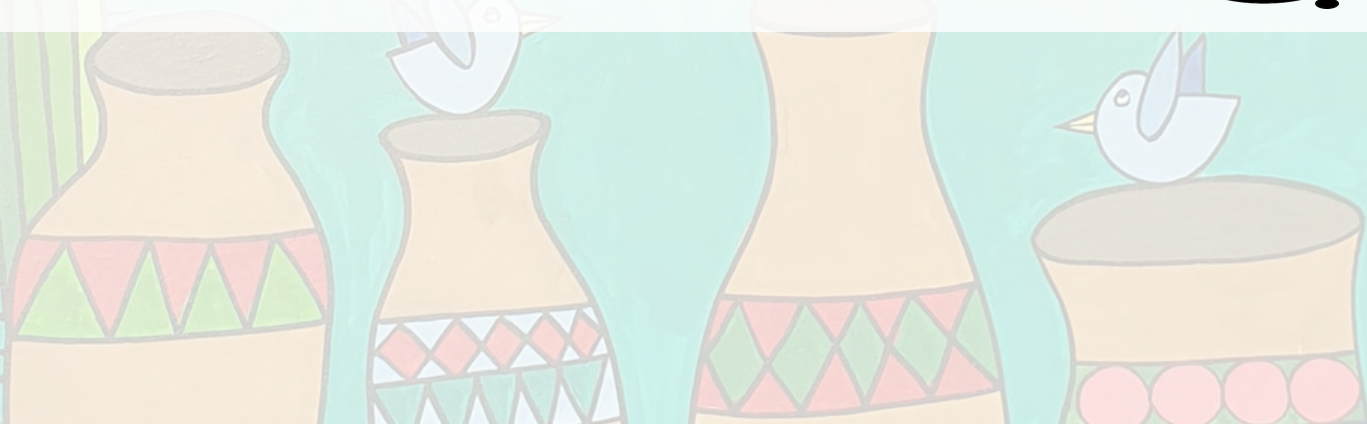
O Curso de Licenciatura em Artes Visuais, atualmente, conta com um total de 13 professores, dentre os quais: 3 professores doutores; 8 professores mestres e 2 professores especialistas, com formação nas áreas específicas: em Ensino de Arte; Educação; História da Arte; Semiótica; Comunicação; Teoria do Conhecimento; Design e Multimídia; Fotografia; Artes do Corpo; Projetos Culturais, Museologia e Curadoria. O quadro a seguir, apresenta os caracteres e perfil do corpo docente do curso, de forma panorâmica.

Quadro: Perfil do corpo docente do Curso de Licenciatura em Artes Visuais

NOME	Titulação	Regime de Trabalho	CPF
Adriana Galvão http://lattes.cnpq.br/1487697162392702	Mestre	DE	171.882.918-37
Evaldo Santos Oliveira http://lattes.cnpq.br/9661462066997447	Especialista	DE	228.077.213-20
Francilene Brito da Silva http://lattes.cnpq.br/9154219626884328	Doutora	DE	730.514.463-00
Iolanda Costa Carvalho http://lattes.cnpq.br/3597593130897999	Mestre	DE	132.346.923-00
José de Ribamar Santos Costa Júnior http://lattes.cnpq.br/7825925640031309	Mestre	TI 40	002.502.897-92
Larissa Rachel Gomes da Silva http://lattes.cnpq.br/4923317424193806	Mestre	DE	619.028.613-53
Lucia de Fátima de Araújo e Silva Couto http://lattes.cnpq.br/6516002133330014	Mestre	DE	099.986.323-15
Maria Raquel Alves da Rocha http://lattes.cnpq.br/9519626769040819	Mestre	DE	843.457.213-34
Neila Tanísia Rocha Matias Siqueira http://lattes.cnpq.br/5669834617609798	Mestre	DE	035.300.314-02
Nubia Suely Canejo Sampaio http://lattes.cnpq.br/9907189965560167	Mestre	DE	463.298.623-20
Odailton Aragão Aguiar http://lattes.cnpq.br/2555010137807631	Doutor	DE	342.169.103-78
Paulo Castello Branco de Vasconcelos Filho http://lattes.cnpq.br/5353220741312444	Mestre	TI 40	739.427.908-15
Pollyana Jericó Pinto Coelho http://lattes.cnpq.br/2688608213187660	Doutora	DE	184.158.813-04



3. PROPOSTA CURRICULAR



3. PROPOSTA CURRICULAR

3.1. Estrutura e organização curricular

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais (CLAV) apresenta estrutura e organização curricular flexíveis, consoantes com o ritmo das mudanças que a sociedade da imagem, da tecnologia, da informação e do conhecimento impõem. Essa estrutura orgânica tem como fundamento básico o paradigma teórico-prático, articulado à ampliação dos saberes artísticos, estéticos e pedagógicos, pelo exercício integrado das ações de ensino, pesquisa e extensão.

Os componentes curriculares devem abordar conteúdos de caráter pedagógico e conteúdos específicos na área de Artes Visuais, os quais devem contemplar, de modo transversal, temas referentes à educação em direitos humanos (Resolução CNE/CP nº 01/2012), às relações étnico-raciais (Resolução CNE/CP nº 01/2004), às relações ambientais (Resolução CNE/CP nº 02/2012), bem como temas relativos ao processo de envelhecimento (Lei federal nº 10.741/2003). Além disso, esses temas poderão ser desenvolvidos nas atividades complementares e nas Atividades Curriculares de Extensão, compondo assim, o processo formativo dos licenciandos em Artes Visuais.

No que se refere às questões ambientais, destacamos que este Projeto Pedagógico de Curso estabelece como componente curricular obrigatório, a disciplina Arte e Meio Ambiente. Outro ponto a ser enfatizado remete à disciplina Língua Brasileira de Sinais – Libras, que permanece como componente obrigatório, em conformidade com o decreto Nº 5.626/2005, de 22 de dezembro de 2005.

Dessa forma, este Projeto Pedagógico de Curso constitui-se de Componentes Curriculares dispostos de modo encadeado e consistente, a fim de promover uma lógica formativa. São eles: Componentes Curriculares Obrigatórios; Componentes Curriculares Optativos; Atividades Complementares, Atividades Curriculares de Extensão e Prática como Componente Curricular, os quais, em consonância com a Resolução/CNE Nº 2, de 20 de dezembro de 2019, encontram-se dispostos nos seguintes grupos:

Grupo I: 800 (oitocentas) horas, para a base comum que compreende os conhecimentos científicos, educacionais e pedagógicos que fundamentam a educação e suas articulações com os sistemas, as escolas e as práticas educacionais.

Quadro: Grupo I/Estrutura Curricular

GRUPO I – BASE COMUM		
N.	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
01	Seminário de Introdução ao Curso de Artes Visuais	15h
02	Filosofia e Ética da Educação	60h
03	História da Educação	60h
04	Psicologia da Educação	60h
05	Legislação e Organização da Educação Básica	60h
06	Didática Geral	60h
07	Sociologia da Educação	60h
08	Avaliação da Aprendizagem	60h
09	Libras (Língua Brasileira de Sinais)	60h
10	Arte e Educação	75h
11	Metodologia do Ensino de Artes Visuais	60h
12	Seminário de Pesquisa em Arte	60h
13	Projeto Orientado	60h
14	TCC	60h
TOTAL		810h

Grupo II: 1.600 (mil e seiscentas) horas, para a aprendizagem dos conteúdos específicos das áreas, componentes, unidades temáticas e objetos de conhecimento da BNCC, e para o domínio pedagógico desses conteúdos.

Quadro: Grupo II/Estrutura Curricular

GRUPO II – CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS EM ARTES VISUAIS		
N.	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
01	Fundamentos da Linguagem Visual	60h
02	Estética e Filosofia da Arte	60h
03	FECH	60h
04	Desenho de Observação	60h
05	Composição	60h
06	Patrimônio Cultural	60h
07	História das Artes Visuais I	60h
08	Desenho Anatômico e Modelo Vivo	60h
09	Análise de Materiais Expressivos	60h
10	Psicologia da Percepção e da Forma	60h
11	Arte e Multimídia	60h
12	Desenho Artístico	60h
13	História das Artes Visuais II	60h
14	Teatro de Formas Animadas	60h

15	Fotografia	60h
16	História da Arte no Brasil I	60h
17	Volume	60h
18	Pintura I	60h
19	História da Arte no Brasil II	60h
20	Modelagem Digital	60h
21	Pintura II	60h
22	História da Arte no Piauí	60h
23	Poéticas Visuais	60h
24	Crítica da Arte Moderna e Contemporânea	60h
25	Gravura	60h
27	Cinema e Vídeo	60h
27	Arte e Meio Ambiente	60h
TOTAL		1.620 H

Grupo III: 810 (oitocentas e dez) horas, prática pedagógica, assim distribuídas: 405 (quatrocentas e cinco) horas para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da instituição formadora; e 405 (quatrocentas e cinco) horas para a prática dos componentes curriculares dos Grupos I e II, distribuídas ao longo do curso, desde o seu início, segundo o PPC da instituição formadora.

Quadro: Grupo III/Estrutura Curricular

GRUPO III – PRÁTICA PEDAGÓGICA		
ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
N.	COMPONENTE CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
01	Estágio Supervisionado I Artes Visuais	135h
02	Estágio Supervisionado II Artes Visuais	135h
03	Estágio Supervisionado III Artes Visuais	135h
TOTAL ESTÁGIO SUPERVISIONADO		405h
PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR		
01	Créditos da Prática como Componente Curricular	405h
TOTAL GERAL		810h

3.1.1. Prática como componente curricular

Em consonância com as Diretrizes Curriculares para formação dos profissionais do magistério (BRASIL, 2015)', a Prática como Componente Curricular (PCC) é obrigatória no curso de Licenciatura em Artes Visuais, diferindo do estágio supervisionado, o qual prevê, necessariamente, tempo de permanência do licenciando no futuro espaço de exercício profissional.

A prática como componente curricular está inserida de forma transversal, com carga horária própria nas disciplinas eleitas que objetivam articular conhecimentos, saberes e experiências diversos adquiridos e vivenciados pelos discentes em diferentes tempos e espaços, no transcorrer do curso, de maneira a aprofundar a compreensão da prática educativa em contextos distintos. Assim, este Projeto Pedagógico elencou algumas de suas disciplinas para integrar o núcleo de PCC a ser desenvolvido no decorrer do curso, as quais estão sumariadas no quadro a seguir:

Quadro Sumário da Prática como Componente Curricular

DISCIPLINA OBRIGATÓRIA	CARGA HORÁRIA (horas)	DISTRIBUIÇÃO DE CRÉDITO	CARGA HORÁRIA DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR - PPC (horas)
Psicologia da Educação	60	3.1.0	15
Didática Geral	60	2.2.0	30
Avaliação da Aprendizagem	60	2.2.0	30
Libras (Língua Brasileira de Sinais)	60	2.2.0	15
Arte e Educação	75	3.2.0	15
Metodologia do Ensino de Artes Visuais	60	1.3.0	30
Fundamentos da Linguagem Visual	60	2.2.0	15
Fundamentos da Expressão da Comunicação Humana (FECH)	60	2.2.0	15
Desenho de Observação	60	0.4.0	30
Composição	60	1.3.0	15
Patrimônio Cultural	60	3.1.0	15
Psicologia da Percepção e da Forma	60	2.2.0	15
Fotografia	60	1.3.0	15
Desenho Artístico	60	0.4.0	30
Teatro de Formas Animadas	60	0.4.0	30
Volume	60	1.3.0	15
Pintura I	60	1.3.0	15
Pintura II	60	1.3.0	30
Gravura	60	1.3.0	15
Arte e Meio Ambiente	60	2.2.0	15
TOTAL	-	-	405

3.2. Matriz Curricular

3.2.1. Quadros das Disciplinas Obrigatórias

1º PERÍODO

COMPONENTES CURRICULARES						PRÉ-REQUISITOS (código e nome)
UNIDADE RESPONSÁVEL	TIPO (disciplina ou atividade)	CÓDIGO	NOME	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA	
DEA	Disciplina		Seminário de Introdução ao Curso de Artes Visuais	1.0.0	15 h	-
DEA	Disciplina		Fundamentos da Linguagem Visual	2.2.0 (*)	60 h	-
DEA	Disciplina		Estética e Filosofia da Arte	2.2.0	60 h	-
DEA	Disciplina		Desenho de Observação	0.4.0 (**)	60 h	-
DEA	Disciplina		Seminário de Pesquisa em Arte	4.0.0	60 h	-
DEA	Disciplina		Fundamentos da Expressão da Comunicação Humana (FECH)	2.2.0 (*)	60h	-
DEFE	Disciplina		Filosofia da Educação	4.0.0	60 h	-
---	---	---	TOTAL	25	375 h	-

(*) 15 horas de Prática como Componente Curricular

(**) 30 horas de Prática como Componente Curricular

2º PERÍODO

COMPONENTES CURRICULARES						PRÉ-REQUISITOS (código e nome)
UNIDADE RESPONSÁVEL	TIPO (disciplina ou atividade)	CÓDIGO	NOME	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA	
DEA	Disciplina		Composição	1.3.0 (*)	60 h	Fund. da Linguagem Visual
DEA	Disciplina		Psicologia da Percepção e da Forma	2.2.0 (*)	60 h	Fund. da Linguagem Visual
DEA	Disciplina		História das Artes Visuais I	4.0.0	60 h	-
DEA	Disciplina		Desenho Anatômico e Modelo Vivo	0.4.0	60h	Desenho de Observação
DEA	Disciplina		Patrimônio Cultural	3.1.0 (*)	60h	-
DEFE	Disciplina	DFE0080	História da Educação	4.0.0	60 h	-
---	---	---	TOTAL	24	360 h	-

(*) 15 horas de Prática como Componente Curricular

3º PERÍODO

COMPONENTES CURRICULARES						PRÉ-REQUISITOS (código e nome)
UNIDADE RESPONSÁVEL	TIPO (disciplina ou atividade)	CÓDIGO	NOME	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA	
DEA	Disciplina		Análise de Materiais Expressivos	2.2.0	60 h	-
DEA	Disciplina		Fotografia	1.3.0 (*)	60 h	Composição
DEA	Disciplina		História das Artes Visuais II	4.0.0	60 h	Hist. das Artes Visuais I
DEA	Disciplina		Desenho Artístico	0.4.0 (**)	60h	Desenho Anatômico e Modelo Vivo
DEFE	Disciplina		Psicologia da Educação	3.1.0 (*)	60 h	Filosofia da Educação
DEFE	Disciplina		Legislação e Organização da Educação Básica	4.0.0	60 h	-
---	---	---	TOTAL	24	360 h	-

(*) 15 horas de Prática como Componente Curricular

(**) 30 horas de Prática como Componente Curricular

4º PERÍODO

COMPONENTES CURRICULARES						PRÉ-REQUISITOS (código e nome)
UNIDADE RESPONSÁVEL	TIPO (disciplina ou atividade)	CÓDIGO	NOME	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA	
DEA	Disciplina		Volume	1.3.0 (*)	60 h	Análise de Materiais Expressivos
DEA	Disciplina		Arte e Multimídia	2.2.0	60 h	Fotografia
DEA	Disciplina		História da Arte no Brasil I	4.0.0	60 h	-
DEA	Disciplina		Teatro de Formas Animadas	0.4.0 (**)	60 h	-
DMTE	Disciplina		Didática Geral	2.2.0 (**)	60 h	Psicologia da Educação
DEFE	Disciplina		Sociologia da Educação	4.0.0	60 h	-
---	---	---	TOTAL	24	360h	-

(*) 15 horas de Prática como Componente Curricular

(**) 30 horas de Prática como Componente Curricular

5º PERÍODO

COMPONENTES CURRICULARES						PRÉ-REQUISITOS (código e nome)
UNIDADE RESPONSÁVEL	TIPO (disciplina ou atividade)	CÓDIGO	NOME	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA	
DEA	Disciplina		Pintura I	1.3.0 (*)	60 h	Análise de Materiais Expressivos
DEA	Disciplina		Modelagem Digital	0.4.0	60h	Arte e Multimídia
DEA	Disciplina		História da Arte no Brasil II	4.0.0	60 h	História da Arte no Brasil I
DEA	Disciplina		Arte e Educação	3.2.0 (*)	75 h	-
DMTE	Disciplina		Metodologia do Ensino de Artes Visuais	1.3.0 (**)	60 h	Didática Geral
DMTE	Disciplina		Avaliação da Aprendizagem	2.2.0 (**)	60 h	Didática Geral
---	---	---	TOTAL	25	375h	-

(*) 15 horas de Prática como Componente Curricular

(**) 30 horas de Prática como Componente Curricular

6º PERÍODO

COMPONENTES CURRICULARES						PRÉ-REQUISITOS (código e nome)
UNIDADE RESPONSÁVEL	TIPO (disciplina ou atividade)	CÓDIGO	NOME	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA	
DEA	Disciplina		Pintura II	1.3.0 (**)	60 h	Pintura I
DEA	Disciplina		Projeto Orientado	2.2.0	60 h	Seminário de Pesquisa em Arte
DEA	Disciplina		História da Arte no Piauí	4.0.0	60h	História da Arte no Brasil II
Chefia do Curso de Libras	Disciplina	LIBRAS010	Libras (Língua Brasileira de Sinais)	2.2.0 (*)	60 h	-
DMTE	Disciplina		Estágio Supervisionado I Artes Visuais	0.0.9	135 h	Didática Geral
---	---	---	TOTAL	25	375h	-

(*) 15 horas de Prática como Componente Curricular

(**) 30 horas de Prática como Componente Curricular

7º PERÍODO

COMPONENTES CURRICULARES						PRÉ-REQUISITOS (código e nome)
UNIDADE RESPONSÁVEL	TIPO (disciplina ou atividade)	CÓDIGO	NOME	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA	
DEA	Disciplina		Optativa	0.4.0	60 h	-
DEA	Disciplina		TCC	0.4.0	60 h	Projeto Orientado
DEA	Disciplina		Crítica da Arte Moderna e Contemporânea	2.2.0	60 h	Estética e Filosofia da Arte
DEA	Disciplina		Poéticas Visuais	2.2.0	60 h	História das Artes Visuais II
DMTE	Disciplina		Estágio Supervisionado II Artes Visuais	0.0.9	135 h	Estágio Supervisionado I Artes Visuais
---	---	---	TOTAL	25	375 h	-

8º PERÍODO

COMPONENTES CURRICULARES						PRÉ-REQUISITOS (código e nome)
UNIDADE RESPONSÁVEL	TIPO (disciplina ou atividade)	CÓDIGO	NOME	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA	
DEA	Disciplina		Optativa	0.4.0	60 h	-
DEA	Disciplina		Gravura	1.3.0 (*)	60 h	-
DEA	Disciplina		Cinema e Vídeo	1.3.0	60 h	Fotografia
DEA	Disciplina		Arte e Meio Ambiente	2.2.0 (*)	60 h	Poéticas Visuais
DMTE	Disciplina		Estágio Supervisionado III Artes Visuais	0.0.9	135 h	Estágio Supervisionado II Artes Visuais
---	---	---	TOTAL	25	375h	-

(*) 15 horas de Prática como Componente Curricular

3.2.2. Quadro das Disciplinas Optativas

COMPONENTES CURRICULARES – DISCIPLINAS OPTATIVAS						PRÉ- REQUISITOS (Código e nome)	NÍVEL VINCULADO (Período letivo que será ofertado)
UNIDADE RESPONSÁVEL	TIPO (disciplina)	CÓDIGO	NOME	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA		
DEA	Disciplina		Antropologia da Arte	0.4.0	60	-	7º Período
DEA	Disciplina		Arte de Vanguarda Brasileira	0.4.0	60	-	7º Período
DEA	Disciplina		Arte-Educação Especial	0.4.0	60	-	7º Período
CCLM	Disciplina	CCLM/CCE014	Canto Coral I	1.1.0	30	-	7º Período
DEA	Disciplina		Criatividade	0.4.0	60	-	7º Período
DEA	Disciplina		Desenho Geométrico	0.4.0	60	-	7º Período
DEA	Disciplina		Gravura em Metal	0.4.0	60	-	7º Período
DEA	Disciplina		Introdução ao Design	0.4.0	60	-	7º Período
DEA	Disciplina		Mediação Cultural	0.4.0	60	-	7º Período

DEA	Disciplina		Oficina de Grafite	0.4.0	60	-	7º Período
DEA	Disciplina		Oficina Interdisciplinar de Artes Visuais	0.4.0	60	-	7º Período
CCLM	Disciplina	CCLM/CCE002	Técnica Vocal I	1.1.0	30	-	7º Período
CCLM	Disciplina	CCLM/CCE001	Teoria Musical e Treinamento Auditivo I	2.2.0	60	-	7º Período
DEA	Disciplina		Tópicos Especiais: arte e decolonialidade	0.4.0	60	-	7º Período
DEA	Disciplina		Tópicos Especiais: pesquisa em arte e seu ensino	0.4.0	60	-	7º Período
DEA	Disciplina		Arte Têxtil	0.4.0	60	-	8º Período
DEA	Disciplina		Artes do Corpo	0.4.0	60	-	8º Período
CCLM	Disciplina	CCLM/CCE020	Canto Coral II	1.1.0	30	Canto Coral I	8º Período
DEA	Disciplina		Cerâmica	0.4.0	60	-	8º Período
DEA	Disciplina		Conservação e Restauração de Bens Culturais	0.4.0	60	-	8º Período
DEA	Disciplina		Curadoria	0.4.0	60	-	8º Período
DEA	Disciplina		Desenho Perspectivo	0.4.0	60	-	8º Período
DEA	Disciplina		Encenação e Cenografia	0.4.0	60	-	8º Período
CCLM	Disciplina	CCLM/CCE017	História da Música Brasileira	0.4.0	60	-	8º Período
DEA	Disciplina		História do Ensino de Arte	0.4.0	60	-	8º Período
DEA	Disciplina		Introdução à Semiótica	0.4.0	60	-	8º Período
DEA	Disciplina		Laboratório de HQ	0.4.0	60	-	8º Período
CCLM	Disciplina	CCLM/CCE008	Técnica Vocal II	1.1.0	30	Técnica Vocal I	8º Período
DEFE	Disciplina		Ética em Educação	0.4.0	60	-	8º Período

Em todo e qualquer período

ATIVIDADE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITOS
Atividades Complementares	-	120	Sem pré-requisito
Atividades Curriculares de Extensão (ACE)	-	341	Sem pré-requisito
TOTAL	-	461h	



FLUXOGRAMA - LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS



1º PERÍODO	2º PERÍODO	3º PERÍODO	4º PERÍODO	5º PERÍODO	6º PERÍODO	7º PERÍODO	8º PERÍODO
SEMINÁRIO DE INTRODUÇÃO AO CURSO DE ARTES VISUAIS 1.0.0 15	COMPOSIÇÃO 1.3.0 60	ANÁLISE DE MATERIAIS EXPRESSIVOS 2.2.0 60	VOLUME 1.3.0 60	PINTURA I 1.3.0 60	PINTURA II 1.3.0 60	OPTATIVA 0.4.0 60	OPTATIVA 0.4.0 60
FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL 2.2.0 60	PSICOLOGIA DA PERCEPÇÃO E DA FORMA 2.2.0 60	(FOTOGRAFIA) 1.3.0 60	ARTE E MULTIMÍDIA 2.2.0 60	MODELAGEM DIGITAL 0.4.0 60	PROJETO ORIENTADO 2.2.0 60	TCC 0.4.0 60	GRAVURA 1.3.0 60
ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARTE 2.2.0 60	HISTÓRIA DAS ARTES VISUAIS I 4.0.0 60	HISTÓRIA DAS ARTES VISUAIS II 4.0.0 60	HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL I 4.0.0 60	HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL II 4.0.0 60	HISTÓRIA DA ARTE NO PIAUÍ 4.0.0 60	CRÍTICA DA ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA 2.2.0 60	CINEMA E VÍDEO 1.3.0 60
DESENHO DE OBSERVAÇÃO 0.4.0 60	DESENHO ANATÔMICO E MODELO VIVO 0.4.0 60	DESENHO ARTÍSTICO 0.4.0 60	TEATRO DE FORMAS ANIMADAS 0.4.0 60	ARTE E EDUCAÇÃO 3.2.0 75	LIBRAS 2.2.0 60	POÉTICAS VISUAIS 2.2.0 60	ARTE E MEIO AMBIENTE 2.2.0 60
SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ARTE 4.0.0 60	PATRIMÔNIO CULTURAL 3.1.0 60	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO 3.1.0 60	DIDÁTICA GERAL 2.2.0 60	METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTES VISUAIS 1.3.0 60	ESTÁGIO SUPERVISIONADO I 0.0.9 135	ESTÁGIO SUPERVISIONADO II 0.0.9 135	ESTÁGIO SUPERVISIONADO III 0.0.9 135
FECH 4.0.0 60	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO 4.0.0 60	LEGISLAÇÃO E ORG. DA EDUC. BÁSICA 4.0.0 60	SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO 4.0.0 60	AValiação DA APRENDIZAGEM 2.2.0 60			
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO 4.0.0 60							

DISCIPLINAS OPTATIVAS			
7º PERÍODO	INTRODUÇÃO AO DESIGN 0.4.0 60	8º PERÍODO	
ANTROPOLOGIA DA ARTE 0.4.0 60	MEDIAÇÃO CULTURAL 0.4.0 60	ARTE TÊXTIL 0.4.0 60	ENCENAÇÃO E CENOGRAFIA 0.4.0 60
ARTE DA VANGUARDA BRASILEIRA 0.4.0 60	OFICINA DE GRAFITE 0.4.0 60	ARTES DO CORPO 0.4.0 60	HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA 0.4.0 60
ARTE-EDUCAÇÃO ESPECIAL 0.4.0 60	OFICINA INTERDISCIPLINAR DE ARTES VISUAIS 0.4.0 60	CANTO CORAL II 1.1.0 30	HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTE 0.4.0 60
CANTO CORAL I 1.1.0 30	TÉCNICA VOCAL I 0.4.0 30	CERÂMICA 0.4.0 60	LABORATÓRIO DE HQ 0.4.0 60
CRIATIVIDADE 0.4.0 60	TEORIA MUSICAL E TREINAMENTO AUDITIVO I 1.0.0 60	CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS 0.4.0 60	INTRODUÇÃO À SEMIÓTICA 0.4.0 60
DESENHO GEOMÉTRICO 0.4.0 60	TÓPICOS ESPECIAIS: ARTE E DECOLONIALIDADE 0.4.0 60	CURADORIA 0.4.0 60	LABORATÓRIO DE HQ 0.4.0 60
GRAVURA EM METAL 0.4.0 60	TÓPICOS ESPECIAIS: PESQUISA EM ARTE E SEU ENSINO 0.4.0 60	DESENHO PERSPECTIVO 0.4.0 60	TÉCNICA VOCAL II 1.0.0 30

CARGA HORÁRIA

Disciplinas Obrigatórias.....	2.370
Disciplinas Optativas.....	120
Trabalho de Conclusão de Curso.....	60
Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório.....	405
Atividades Complementares.....	120
Atividades Curriculares de Extensão.....	341
TOTAL.....	3.416

3.4. Estágio Obrigatório, Atividades Complementares, Extensão e Trabalho de Conclusão de Curso

3.4.1. Estágio Obrigatório

O Estágio Supervisionado Obrigatório do Curso de Licenciatura em Artes Visuais será denominado de Estágio Supervisionado em Artes Visuais. Trata-se de uma atividade acadêmica específica, que prepara o discente para o trabalho produtivo, com o objetivo de aprendizagem social, profissional e cultural, constituindo-se uma intervenção prática em situações de vida e trabalho.

A organização e a operacionalização do Estágio Supervisionado em Artes Visuais observam o que estabelece a Resolução CNE/CP 2, de 20 de dezembro de 2019. Assim, como prática pedagógica, o Estágio será realizado na escola e o licenciando deve, obrigatoriamente, ser acompanhado, constantemente, no seu processo de aprendizagem pelo mentor que deve ser o professor da disciplina Arte, com experiência profissional na área. O professor supervisor/orientador é o docente da IES que orienta a prática do estágio, acompanha o desenvolvimento do estudante durante sua jornada na escola. O diálogo entre o professor mentor, o professor supervisor e o licenciando é essencial para o desenvolvimento profissional do futuro professor, assim como as reuniões sistemáticas entre todos os envolvidos.

Em conformidade com as DCNs e com a Resolução CEPEX/UFPI nº 177/2012, a Universidade Federal do Piauí tem convênio firmado com as redes de ensino e escolas para assegurar a estruturação coerente do estágio supervisionado. A Coordenação Geral de Estágio (CGE) gerencia as ações do Estágio Supervisionado em Artes Visuais, do mentor, do supervisor e do licenciando.

O Estágio Supervisionado em Artes Visuais será desenvolvido nos últimos períodos do curso, nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, em instituições de ensino públicas e/ou privadas, filantrópicas e outros.

O Estágio Obrigatório detém carga horária de 405 horas, distribuída em três componentes curriculares de 135 h, cada um, do sexto ao oitavo período do curso, conforme as seguintes especificações: Estágio Supervisionado em Artes Visuais I, desenvolvido no sexto período, tendo como pré-requisitos as disciplinas Didática e Metodologia do Ensino de Artes Visuais; Estágio Supervisionado em Artes Visuais II, desenvolvido no sétimo período, sendo o Estágio Supervisionado em Artes Visuais I, seu pré-requisito; e, Estágio Supervisionado em Artes Visuais III, no oitavo período, tendo como pré-requisito o Estágio Supervisionado em Artes Visuais II.

Nos estágios deverão ser desenvolvidas as seguintes atividades:

- a. Observação – atividade a ser desenvolvida no Estágio Supervisionado em Artes Visuais I, destinada a propiciar ao estudante estagiário o contato com a realidade educacional, especialmente nos aspectos que dizem respeito às situações que envolvem a relação docente- discente, na área de Artes Visuais;
- b. Participação em aulas de Arte – auxiliando o mentor e/ou desenvolvendo outras ações que possibilitem ao

discente/estagiário interagir e colaborar com o professor no local de estágio sem, contudo, assumir inteira responsabilidade pela aula. Esta atividade deve ser desenvolvida no Estágio Supervisionado em Artes Visuais I;

- c. Docência nos anos finais do Ensino Fundamental – de forma que permita ao discente/estagiário ministrar aulas de Arte ou desenvolver outra atividade relacionada ao processo ensino-aprendizagem em Artes Visuais, sob orientação do mentor e do supervisor, no local de estágio. Esta atividade deve ser desenvolvida no Estágio Supervisionado em Artes Visuais II;
- d. Docência no Ensino Médio – de forma a permitir ao discente/estagiário ministrar aulas de Arte, ou desenvolver outra atividade relacionada ao processo ensino-aprendizagem em Artes Visuais, sob orientação do professor mentor e do supervisor, no local de estágio. Esta atividade deve ser desenvolvida no Estágio Supervisionado em Artes Visuais III;
- e. Elaboração e execução de projetos de intervenção – que visem a melhoria do ensino de Arte, sob orientação do mentor e do supervisor. Estas atividades devem ser desenvolvidas nos Estágios Supervisionados em Artes Visuais II e III.

De acordo com os critérios definidos pela Resolução CEPEX nº 177/2012 e na forma da legislação federal em vigor, o estagiário que exerce atividade de docência regular e comprovada na educação básica poderá ter redução de carga horária em até 50% (cinquenta por cento) das horas do estágio curricular supervisionado obrigatório.

O aluno deverá solicitar redução de carga horária à coordenação do curso o qual está vinculado, apresentando documentos comprobatórios necessários para análise e deliberação. Compete à Coordenação do estágio curricular supervisionado obrigatório das Licenciaturas, juntamente com o professor supervisor, a análise do pedido e a emissão de parecer que deverá ser encaminhado à assembleia do departamento/curso responsável pelo estágio.

A avaliação do estágio curricular supervisionado obrigatório do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Estágio Supervisionado em Artes Visuais, é condicionada à resolução específica no âmbito desta IES. De modo geral, assume caráter formativo durante a sua realização, tendo por objetivo a reelaboração contínua da ação pedagógica.

Será considerado aprovado o discente/estagiário que cumprir integralmente as atividades de estágio, levando-se em consideração os seguintes aspectos:

- A avaliação realizada pelo docente supervisor, com base no formulário específico encaminhado ao mentor, obedecendo ao cronograma da Coordenação de Estágio Obrigatório;
- A avaliação do professor supervisor com base no cumprimento do plano de trabalho e relatório final.

Será considerado aprovado no Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório o discente/estagiário que obtiver média aritmética igual ou superior a 7,0 (sete vírgula zero) e cumprir a carga horária mínima exigida, não

sendo permitido para este componente curricular a realização de exame final. As atividades de estágio não podem ser realizadas através de atividades domiciliares.

3.4.2. Atividades Complementares

As atividades complementares constituem um conjunto de estratégias didático- pedagógicas que permitem, no âmbito do currículo, a articulação entre teoria e prática e a complementação, por parte do estudante, dos saberes e habilidades necessárias à sua formação. Estas Atividades são regulamentadas pela Resolução 177/12 CEPEX/UFPI, a qual estipula que a carga horária das atividades complementares dos cursos de graduação, deve obedecer ao limite mínimo de 120 (cento e vinte) horas e o máximo de até 10% (dez por cento) de sua carga horária total.

Desta forma, para a integralização do Curso de Licenciatura em Artes Visuais o discente deve cumprir 120 horas de carga horária de Atividades Complementares, podendo iniciá-las a partir do primeiro semestre do Curso. A diversidade das Atividades Complementares foi estabelecida em consonância com a Resolução 177/12 CEPEX/UFPI e está sumariadas nas tabelas a seguir:

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

QUADRO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES (Total da Carga Horária das Atividades Complementares a ser integralizadas: 120 (cento e vinte) horas)					
CATEGORIA			CARGA HORÁRIA DA CATEGORIA		
ATIVIDADES DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA E À PESQUISA			180h		
CÓDIGO	COMPONENTE	DESCRIÇÃO	CARGA HORÁRIA (Mínima)	CARGA HORÁRIA (Máxima)	EXIGÊNCIAS
DEAV629	Exercício de monitoria por disciplina (uma participação) - 60h	Exercício de monitoria por, no mínimo, o período de um semestre.	60h	60h	Certificado de monitoria emitido pelo SIGAA
DEAV630	Participação em PET - 60h	Participação em Programa de Educação Tutorial - PET	60h	60h	Certificado ou declaração emitida pelo Coordenador do PET

DEAV631	Participação em PIBID - 60h	Participação em Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência	60h	60h	Certificado emitido pelo coordenador do PIBID
DEAV632	Participação em pesquisa e projetos institucionais - 60h	Participação em pesquisa e projetos institucionais	60h	60h	Certificado ou declaração emitida pelo Coordenador
DEAV634	Participação em grupos de estudo/pesquisa sob a supervisão de professores e/ou aluno dos cursos de mestrado e/ou doutorado - 60h	Participação em grupos de estudo/pesquisa sob a supervisão de professores e/ou aluno dos cursos de mestrado e/ou doutorado	60h	60h	Certificado ou Declaração emitida pelo Coordenador
DEAV635	Participação em viagens técnico-científicas (por evento) representando a ufpi - 60h	Participação em viagens técnico-científicas (por evento) representando a UFPI	60h	60h	Certificado ou declaração emitida pelo Coordenador
DEAV636	Participação em programas de intercâmbio institucional, nacional e/ou internacional (mobilidade estudantil) (apenas um programa) - 30h	Participação em programas de intercâmbio institucional, nacional e/ou internacional	30h	30h	Certificado emitido pelo Programa
DEAV637	Participação em grupos de estudos ou bolsista em projeto de pesquisa e/ou extensão, sob a orientação de um docente, 30h (limite duas 30h participações) - 30h	Participação em grupos de estudos ou bolsista em projeto de pesquisa e/ou extensão, sob a orientação de um docente	30h	60h	Certificado ou declaração emitida pelo Coordenador
DEAV638	Participação em pesquisa de campo sob a orientação de um docente. - 15h	Participação em pesquisa de campo sob a orientação de um docente	15h	15h	Certificado ou declaração emitida pelo Coordenador

DEAV639	Pesquisas desenvolvidas e apresentadas em eventos científicos específicos ou seminários, fóruns externos. - 15h	Pesquisas desenvolvidas e apresentadas em eventos científicos específicos ou seminários, fóruns externos	15h	30h	Certificado emitido pela Coordenação do Evento Científico
	Participação em grupos ou Núcleo de estudos cadastrado na PROPESQI	Participação em grupos ou Núcleo de estudos cadastrado na PROPESQI pelo período de 1 semestre	60h	60h	Declaração emitida pelo Coordenador do Grupo ou Núcleo

QUADRO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES					
CATEGORIA			CARGA HORÁRIA DA CATEGORIA		
ATIVIDADES DE APRESENTAÇÃO E/OU ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS GERAIS			60h		
CÓDIGO	COMPONENTE	DESCRIÇÃO	CARGA HORÁRIA (Mínima)	CARGA HORÁRIA (Máxima)	EXIGÊNCIAS
DEAV646	Organização de eventos técnico-científicos. Organização de congressos, seminários, conferências, simpósios, palestras, fórum, semanas acadêmicas. - 30h	Organização de eventos técnico-científicos. Organização de congressos, seminários, conferências, simpósios, palestras, fórum, semanas acadêmicas	30	60	Certificado emitido pela Coordenação do Evento
DEAV640	Planejamento e organização de mostras, exposições, performances, (limite de duas participações) - 15h	Planejamento e organização de mostras, exposições, performances	15	60	Certificado emitido pela Coordenação do Evento

DEAV641	Participação em cursos, workshops, oficinas, palestras, promovidos pelo curso de licenciatura em artes visuais, pontuam o (limite de duas participações) - 15h	Participação em cursos, workshops, oficinas, palestras, promovidos pelo curso de licenciatura em artes visuais	15	0	Certificado emitido pela Coordenação do Evento
DEAV642	Participação em eventos da licenciatura em Artes Visuais externos a ufpi, (limite de duas participações) - 15h	Participação em eventos da licenciatura em Artes Visuais externos a ufpi,	15	30	Certificado emitido pela Coordenação do Evento
DEAV643	Exposição de trabalhos originados de disciplinas curriculares em eventos específicos (limite de duas participações) - 15h	Exposição de trabalhos originados de disciplinas curriculares em eventos específicos	15	30	Certificado emitido pela Coordenação do Evento
DEAV644	Participação em feiras de arte ou correlatos - 15h	Participação em feiras de arte ou correlatos	15	60	Certificado emitido pela Coordenação do Evento
DEAV645	Organização, realização de cursos, oficinas, workshops e/ou eventos internos e externos (limite de duas participações) - 20h	Organização, realização de cursos, oficinas, workshops e/ou eventos internos e externos	20	40	Certificado emitido pela Coordenação do Evento

QUADRO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES					
CATEGORIA			CARGA HORÁRIA DA CATEGORIA		
ATIVIDADES DE EXTENSÃO			90h		
CÓDIGO	COMPONENTE	DESCRIÇÃO	CARGA HORÁRIA (Mínima)	CARGA HORÁRIA (Máxima)	EXIGÊNCIAS
DEAV657	Atividades como eventos de extensão, cursos e oficinas, seminários registrados no âmbito da PREXC (limite de duas participações) - 15h	Participação em eventos de extensão, cursos, oficinas e seminários registrados no âmbito da PREXC	15h	30h	Certificado emitido pela PREXC
UFP2589	Atividades de extensão - 5h	Participação em atividades de extensão	5h	90h	Certificado emitido pela Coordenação do Evento
DEAV656	Participação em projeto de extensão vinculado à PREXC, com dedicação semanal de 12 a 20h. Inclui a mobilidade estudantil, (um semestre de participação) - 20h	Participação em projeto de extensão vinculado à PREXC, com dedicação semanal de 12 a 20h	20h	40h	Certificado emitido pela PREXC
UFP2563	Seminário, simpósio, colóquio, palestra, mesa redonda etc. - 60h	Participação	60h	60h	Certificado emitido pela Coordenação do Evento
	Participação em Projeto de Extensão com duração de um semestre	Participação em Projeto de Extensão	30h	60h	Certificado emitido pela PREXC
	Participação em Curso de Extensão de 20 h	Participação em Curso de Extensão	10h	30h	Certificado emitido pela PREXC
	Participação em Curso de Extensão de 40 h	Participação em Curso de Extensão	20h	60h	Certificado emitido pela PREXC
	Participação em Curso de Extensão acima de 60 h	Participação em Curso de Extensão	40h	40h	Certificado emitido pela PREXC

QUADRO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES					
CATEGORIA			CARGA HORÁRIA DA CATEGORIA		
VIVÊNCIAS DE GESTÃO			40h		
CÓDIGO	COMPONENTE	ESCRITÃO	CARGA HORÁRIA (Mínima)	CARGA HORÁRIA (Máxima)	EXIGÊNCIAS
DEAV658	Participação como membro de diretório/centro acadêmico, (por semestre com limite de 2 períodos) - 20h	Participação como membro de diretório/centro acadêmico	20h	40h	Declaração ou Ata de posse emitidos pelo Diretório ou Centro Acadêmico
DEAV660	Representação estudantil. Participação como representante no colegiado do curso, conselhos de centro, centro acadêmico ou nos colegiados superiores. - 20h	Representação estudantil. Participação como representante no colegiado do curso, conselhos de centro, centro acadêmico ou nos colegiados superiores	20h	20h	Ato da Reitoria ou Portaria
DEAV659	Participação em Empresa Junior, por semestre de participação, (limite de duas participações) - 20h	Participação em empresa junior, por semestre de participação	20h	40h	Certificado emitido pela Coordenação da Empresa Júnior
UFP2590	Efetiva representação estudantil no colegiado do curso, plenária departamental, colegiados superiores e outros de ordem acadêmico administrativos. - 20h	Efetiva representação estudantil no colegiado do curso, plenária departamental, colegiado superiores e outros de ordem acadêmicos administrativos	20h	40h	Ato da Reitoria ou Portaria
	Participação como membro de Comissão Temporária (Eleição etc.)	Participação como membro de Comissão Temporária	10h	20h	Ato ou Portaria

QUADRO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES					
CATEGORIA			CARGA HORÁRIA DA CATEGORIA		
EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E/OU COMPLEMENTARES			120h		
CÓDIGO	COMPONENTE	DESCRIÇÃO	CARGA HORÁRIA (Mínima)	CARGA HORÁRIA (Máxima)	EXIGÊNCIAS
DEAV652	Participação em concurso com classificação; premiação na área de formação (comprovante de edital), limite de duas participações. - 15h	Participação em concurso com classificação; premiação na área de formação	15h	30h	Resultado do edital do Concurso ou Certificado da premiação
DEAV649	Proposição artística e produção de cartazes, capas de livros, ou arte para eventos do ensino da arte com finalidade de vivenciar e exercitar a criação - 15h	Proposição artística e produção de cartazes, capas de livros, ou arte para eventos do ensino da arte com finalidade de vivenciar e exercitar a criação artística	15h	15h	Declaração de autoria com registro de imagem
DEAV650	Participação em eventos de semana, colóquio, debates ou similar do campo do ensino da arte atuando como apoio da organização. - 15h	Participação em eventos de semana, colóquio, debates ou similar do campo do ensino da arte atuando como apoio da organização	15h	30h	Certificado emitido pela Coordenação do Evento
DEAV651	Participação de visitas técnicas e/ou culturais mediante comprovação de relatórios (até duas participações) - 15h	Participação de visitas técnicas e/ou culturais mediante comprovação de relatórios	15h	30h	Declaração do docente responsável
DEAV647	Atuação como consultoria de ensino da arte, produção artística, palestrante ou ministrante de oficinas e cursos, (limite de duas participações) - 20h	Atuação como consultoria de ensino da arte, produção artística, palestrante ou ministrante de oficinas e cursos	20h	40h	Declaração ou certificado
	Estágio não obrigatório (por semestre) até três participações – 30h	Estágio não obrigatório	30h	90h	Declaração, certificado ou Termo de Compromisso de Estágio Não Obrigatório

QUADRO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES					
CATEGORIA			CARGA HORÁRIA DA CATEGORIA		
ATIVIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS E ESPORTIVAS E PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS			90h		
CÓDIGO	COMPONENTE	DESCRIÇÃO	CARGA HORÁRIA (Mínima)	CARGA HORÁRIA (Máxima)	EXIGÊNCIAS
DEAV667	Participação em grupos artísticos, tais como, os coletivos artísticos, produção de filmes, documentários, vídeos, stop motions (5 min ou mais), insta - 15h	Participação em grupos artísticos, tais como, os coletivos artísticos, produção de filmes, documentários, vídeos, stop motions	15h	30h	Declaração
DEAV665	Participação em projetos sociais e/ou programas de comunidade solidária, polo arte na escola, amigos da escola ou afins. - 15h	Participação em projetos sociais e/ou programas de comunidade solidária, Polo Arte na Escola, amigos da escola ou afins	15h	30h	Certificado emitido pela Coordenação do Projeto e/ou Programa
DEAV663	Criação de cenário artístico, performance, coreografia. (limite de uma participação) - 15h	Criação de cenário artístico, performance, coreografia	15h	15h	Declaração de autoria com registro de imagem
DEAV664	Participação em atividades esportivas. - 15h	Participação em atividades esportivas.	15h	30h	Declaração
DEAV661	Produção de mostra individual: criação e desenvolvimento de proposições artísticas tematizadas (pinturas, fotografias, esculturas). - 15h	Produção de mostra individual: criação e desenvolvimento de proposições artísticas tematizadas (pinturas, fotografias, esculturas).	15h	30h	Declaração de autoria com registro de imagem
DEAV662	Participação em atividades teatrais, danças e performances. (limite de uma participação) - 15h	Participação em atividades teatrais, danças e performances.	15h	15h	Declaração com registro de imagem

DEAV655	Participação como ouvinte em evento local, regional, nacional e internacional. - 15h	Participação como ouvinte em evento local, regional, nacional e internacional	15h	30h	Certificado
DEAV654	Capítulo de livro publicado na área do curso de Licenciatura em Artes Visuais (total de 60h) - 60h	Capítulo de livro publicado na área do curso de licenciatura em artes visuais	60h	60h	Ficha Técnica, capa, sumário, primeira e última página do capítulo correspondente à publicação do autor
DEAV653	Participação com apresentação de trabalhos em eventos técnico-científicos nacionais e internacionais em congressos, seminários, conferências, simpósio - 20h	Participação com apresentação de trabalhos em eventos técnico-científicos nacionais e internacionais em congressos, seminários, conferências, simpósio	20h	80h	Certificado
	Publicação em anais de eventos técnico-científicos nacionais e internacionais (congressos, seminários, conferências, simpósio – 30h	Publicação em anais de eventos técnico- científicos nacionais e internacionais (congressos, seminários, conferências, simpósio)	30h	90h	Ficha Catalográfica, capa, sumário, primeira e última página da publicação
	Participação em Exposição Coletiva de Artes Visuais (virtual ou presencial) – 15h	Participação de Exposição Coletiva de Artes Visuais	15h	30h	Certificado
	Produção Artística Individual 15h	Produção Artística Individual	15h	30h	Certificado ou Declaração
	Curadoria de exposição de Artes Visuais (virtual ou presencial – 20h	Curadoria de exposição de Artes Visuais	20h	40h	Certificado
	Produção audiovisual de curta duração (de 1 a 4 minutos), 15h	Produção audiovisual de curta duração (de 1 a 4 minutos)	15h	30h	Declaração ou Certificado e o link (com os créditos da produção)

	Criação de jogos educativos na área de Arte 15h	Criação de jogos educativos na área de Arte	15h	30h	Certificado ou Declaração
	Participação de Liga Acadêmica cadastrada na PREXC (até 2 semestres)	Participação de Liga Acadêmica	20h	20h	Certificado emitido pela PREXC

3.4.3. Atividade Curricular de Extensão – ACE

As Atividades Curriculares de Extensão (ACE), previstas no Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 são compreendidas como um processo interdisciplinar de caráter educativo, cultural, artístico, científico e político, com intencionalidade transformadora que busca conectar a universidade aos diversos setores da sociedade. Como atividade que se integra à matriz curricular, tem suas diretrizes na Educação Superior brasileira estabelecidas pela Resolução CNE Nº 07/2018.

De acordo com a meta 12.7 constante na Lei 13.005/2014 (PNE), os cursos de graduação devem assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos, para programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social. No âmbito da Universidade Federal do Piauí, as Atividades Curriculares de Extensão estão regulamentadas pela Resolução UFPI/CEPEX Nº 053/2019 que as determina como componente curricular obrigatório nos cursos de graduação.

No Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais as Atividades Curriculares de Extensão (ACE) obedecem a estas regulamentações, constituindo-se em componente curricular obrigatório. Desta forma, considerando que a carga horária total do curso é de 3.416 horas, 10% delas serão destinadas às ACE, somando assim, 341 horas.

As Atividades Curriculares de Extensão de acordo com o Art. 4º da Resolução UFPI/CEPEX Nº 053/2019, são aquelas cadastradas na PREXC/UFPI em umas das modalidades: Programa, Projeto, Curso e ou Evento de extensão; assim como ações de prestação de serviços à comunidade externa, devidamente cadastradas na PREXC/UFPI, ofertadas pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais ou por outro curso da UFPI.

Apresentamos a seguir, um quadro com sugestões de eixos temáticos e carga horária, por semestre. Contudo, esta divisão não estabelece que os discentes sejam obrigados a cumprir a carga horária e os eixos temáticos nos respectivos semestres. Trata-se de uma sugestão, dada a flexibilidade das ACE e da oferta destas ações. Desta forma, os discentes poderão cumprir mais ou menos horas por semestre, desde que, ao final do curso, todas as horas de ACE estejam integralizadas.

Quadro de Organização das Atividades Curriculares de Extensão

CH	ATIVIDADES CURRICULARES DE EXTENSÃO	EIXO TEMÁTICO
60h (/semestre)	Participação em programas ou projetos de extensão, cadastrados na PREXC/UFPI, ofertados pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais ou por outro curso da UFPI (/semestre)	Cultura (Produção Cultural e artística em Artes Visuais)
10h	Participação em cursos de extensão de até 20 horas, cadastrados na PREXC/UFPI, ofertados pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais ou por outro curso da UFPI.	
20h	Participação em cursos de extensão de até 40 horas, cadastrados na PREXC/UFPI, ofertados pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais ou por outro curso da UFPI.	Cultura (Cooperação Interinstitucional; Memória Social)
40h	Participação em cursos de extensão acima de 40 horas, cadastrados na PREXC/UFPI, ofertados pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais ou por outro curso da UFPI.	Educação (Arte-Educação étnico-racial)
10h	Participação em eventos de extensão de 10 horas, cadastrados na PREXC/UFPI, ofertados pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais ou por outro curso da UFPI.	Tecnologia e Produção (Empreendedorismo)
20h	Participação em eventos de extensão de 20 a 30 horas, cadastrados na PREXC/UFPI, ofertados pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais ou por outro curso da UFPI.	Educação (Arte-Educação)
30h	Participação em eventos de extensão acima de 30 horas, cadastrados na PREXC/UFPI, ofertados pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais ou por outro curso da UFPI.	Meio Ambiente (Arte e Meio Ambiente)
20h	Participação em ações de prestação de serviços à comunidade externa; cadastrados na PREXC/UFPI, ofertados pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais ou por outro curso da UFPI.	Outras de interesse do aluno

Observação: Serão aceitos certificados de Atividades Curriculares de Extensão (ACEs) de outras Instituições de Ensino Superior (IES), desde que os certificados estejam devidamente assinados pelo(a) Pró-reitor(a) de Extensão e Cultura, devendo ser validado pelo coordenador(a) do curso ou pelo Coordenador(a) de extensão do curso.

3.4.4. Trabalho de Conclusão de Curso

O Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Piauí, em conformidade com (UFPI, 2012) corresponde a uma produção acadêmica que expressa as competências e habilidades desenvolvidas pelos discentes, assim como os conhecimentos em Artes Visuais e seu ensino, por estes adquiridos durante o curso de graduação.

Este componente consiste em requisito parcial obrigatório para integralização da matriz curricular da Licenciatura em Artes Visuais. Trata-se de um documento oriundo de atividade de produção acadêmica/pesquisa e de sistematização do conhecimento, orientada por um docente, sobre objeto de estudo do âmbito das Artes Visuais e/ou seu ensino, caracterizado pela articulação teoria-prática.

Consiste na pesquisa e na escrita científica, em conformidade com as normas vigentes da ABNT e da UFPI, seguido pela defesa pública diante de Banca Examinadora. O TCC pode ser realizado sob a forma de monografia, artigo ou memorial descritivo. É facultada a flexibilização do formato do trabalho científico, o qual poderá assumir diferentes tipos de diagramação, consoante à modalidade escolhida e em comum acordo com o orientador.

Em conformidade com a Portaria PREG/CAMEN Nº 330, de 22 de junho de 2017, as atividades relativas ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deverão ser desenvolvidas da seguinte forma: Elaboração do projeto de TCC; Desenvolvimento do projeto de TCC, com a produção de monografia, memorial, artigo científico ou outras categorias a ser definida pelo colegiado de curso; e, Apresentação pública do TCC.

O TCC é uma produção textual, dissertativa e individual e deve ser construído em observância às normas da ABNT e da UFPI, em qualquer das modalidades a seguir:

- Monografia – resultante de pesquisa científica cuja temática deve versar sobre artes visuais e ou seu ensino. O texto dissertativo deve conter no mínimo 30 e no máximo 60 páginas;
- Artigo – resultante de pesquisa científica cuja temática deve versar sobre artes visuais e ou seu ensino. O texto dissertativo deve conter no mínimo 12 e no máximo 20 páginas;
- Memorial Descritivo – resultante de uma proposição artística visual, seguido de texto dissertativo que apresente a análise do processo criativo, considerando tema, materialidade, contexto e fundamentação teórica sob a lente subjetiva do discente proponente. O texto deve conter no mínimo 25 e no máximo 50 páginas.

Após a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, o discente deverá realizar os ajustes e as correções, quando indicados pela Banca Examinadora, e, em seguida, deverá depositar seu trabalho junto à Coordenação do Curso e à Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco – BCCB.

Em conformidade com a Portaria PREG/CAMEN Nº 330, de 22 de junho de 2017, os objetivos do TCC, são: Articular os conteúdos curriculares do curso para ampliação do campo de conhecimento; Promover o

aprimoramento da capacidade investigativa, interpretativa e crítica do discente; Ampliar a capacidade do estudante quanto aos aspectos teórico-metodológicos necessários para o seu desenvolvimento pessoal e profissional; e, Consolidar a importância do uso de rigor metodológico e técnico-científico, na organização, na sistematização e no aprofundamento do tema abordado, respeitando o nível de graduação.

A operacionalização do Trabalho de Conclusão de Curso tem a seguinte configuração: componente curricular de 60 horas/aula, situado no sétimo período, cujo pré-requisito é a disciplina Projeto Orientado, devendo ser desenvolvido sob a orientação de um professor da UFPI, preferencialmente do curso de Licenciatura em Artes Visuais. A composição da Banca Examinadora do TCC, deverá contar, com pelo menos, um docente do curso, quando o orientador for externo ao Departamento de Artes.

A orientação deverá ser ratificada por Carta de Aceite, devidamente assinada, na qual o orientando apresenta o seu nome e o título provisório do seu trabalho. Para a escolha do orientador, os discentes deverão considerar a linha de pesquisa dos professores orientadores. O orientador poderá recusar a orientação solicitada, dependendo do número máximo de orientandos que tenha no período e a linha de pesquisa.

É da competência e da responsabilidade do docente orientador programar os horários e calendário de atendimento para orientação dos discentes. A orientação poderá ser individual ou em grupo, dependendo da necessidade. Por fim, o orientador deve preparar o orientando para a defesa pública do TCC e presidir a Sessão de Defesa Pública.

O orientando tem como competência e responsabilidade: atender às metas traçadas pelo orientador; cumprir o que for solicitado, nas datas estabelecidas; participar obrigatoriamente dos encontros de orientação; informar à coordenação do curso, por escrito, sobre possíveis problemas que envolvam o processo de orientação; cumprir pontual e semanalmente às horas destinadas à orientação.

De acordo com o artigo 7º, da Portaria 330/17 PREG/CAMEN, orientando e orientador têm o direito de solicitar à Coordenação do TCC ou coordenação do curso a mudança de orientação, mediante justificativa formalizada, devendo outro docente assumir formalmente a orientação, junto à coordenação.

Na avaliação do TCC serão consideradas(os): assiduidade; interesse; atendimento às metas em tempo hábil; pertinência e discussão atinente às leituras indicadas pelo orientador; desenvolvimento da escrita acadêmica; criatividade, originalidade e desenvoltura na construção do trabalho e apresentação da defesa oral pública. A coordenação do curso disponibilizará aos discentes um manual de apoio atualizado para a elaboração do seu TCC.

O estudante defenderá o TCC perante Banca Examinadora composta por 3 (três) professores, qualificados, titulados, preferencialmente, em nível *stricto sensu*, embora seja permitido a participação de professores com qualificação *lato sensu*, com competência comprovada na área da Educação, das Artes Visuais e afins. Para cada composição de Banca será nomeado um professor suplente. Para os discentes com necessidades especiais será permitida a mediação de intérprete e/ou áudio-descritor.

A Banca Examinadora será organizada e presidida pelo docente orientador, cujos membros serão convidados com antecedência mínima 20 (vinte) dias.

De acordo com o artigo 10º da Portaria 330/17 PREG/CAMEN, compete ao orientando:

- Escolher a linha de pesquisa, conforme disponibilidade do professor
- Elaborar e desenvolver o projeto do TCC, sob a orientação de um professor;
- Cumprir as normas e prazos;
- Entregar 1 (cópia) impressa para cada membro da banca examinadora/avaliadora, com 15 dias de antecedência da apresentação;
- Enviar para o docente orientador a versão final digital do TCC, seguindo as normas da biblioteca central da UFPI;
- Participar de reuniões e outras atividades relativas ao TCC, para as quais for convocado;

- Cumprir o cronograma de trabalho de acordo com o plano aprovado pelo professor orientador;
- Acatar outras atribuições referentes ao TCC.

De acordo com o artigo 9º da Portaria 330/17 PREG/CAMEN, compete ao professor orientador:

- Orientar o desenvolvimento do projeto do TCC em todas as suas etapas;
- Indicar as Comissões Examinadoras/Avaliadoras dos seus orientandos;
- Participar, na condição de presidente da Banca Examinadora/Avaliadora do TCC;
- Contactar o Coordenador do Curso para solucionar possíveis dificuldades, objetivando o bom andamento do trabalho.

A defesa pública do TCC obedecerá às seguintes regras:

- Cabe ao presidente da Banca (orientador), fazer abertura da defesa do TCC, apresentando os membros e as normas, conforme o regulamento;
- O discente terá um tempo de 20 (vinte) minutos para fazer a apresentação oral do seu trabalho de TCC;
- Após a apresentação, o Presidente da Banca Examinadora concede a palavra aos Examinadores para considerações e ou questionamentos. Caberá a cada membro, o tempo médio de 20 (quinze) minutos;
- Após os questionamentos de cada docente Examinador, o discente terá até 5 (cinco) minutos para responder as questões levantadas, ou poderá respondê-las em bloco, ao final das apreciações dos examinadores, tendo 10 (dez) minutos no total;
- Concluída as arguições e respostas, a Banca Examinadora se reunirá, reservadamente, para avaliar e deliberar sobre a nota atribuída ao TCC apresentado pelo discente, devidamente registrada em Ata;
- O Presidente da Banca Examinadora encerrará as atividades de defesa com a leitura da Ata;

- A Banca Examinadora poderá aprovar o TCC com ressalvas, condicionado às correções apontadas. O discente terá até último período para realizar a revisão e a entrega da versão final na Coordenação do Curso, acompanhada de declaração do docente orientador, confirmando a realização dos ajustes;
- Após aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso pela Banca Examinadora e das possíveis correções, o discente encaminhará cópia digital do TCC, contendo ficha catalográfica emitida pela BCCCB, ao orientador do TCC, que o encaminhará à coordenação do Curso.

3.5. Metodologia

Os princípios e/ou diretrizes deste PPC articulam-se a estratégias que visam orientar o processo de ensino aprendizagem em situações concretas, de forma que o graduando possa atingir o perfil desejado para o docente em Artes Visuais. Assim, a construção desta proposta teve como base as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica.

O Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Piauí está em consonância com a Resolução CNE/CP Nº 2/2019, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica, com a Resolução 1/2009, que estabelece as Diretrizes para os Cursos de Graduação em Artes Visuais e com a Resolução nº 220/16 – CEPEX/UFPI que, em seu Capítulo IV, define a Organização Didático-Pedagógica dos PPC dos cursos de Formação de Professores. Outro referencial normativo que norteia este PPC é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) vigente.

Desta forma, as metodologias adotadas nesta proposta estão fundamentadas na articulação teoria-prática, de forma crítico-reflexiva, mediadas pelas TIC's e sob abordagem inter e transdisciplinar, de forma que articule os eixos básicos desta IES – ensino, pesquisa e extensão, a fim de possibilitar o desenvolvimento das competências e habilidades delineadas para a formação docente em Artes Visuais, através da vivência e da aprendizagem de metodologias e estratégias que desenvolvam, nos discentes, a criatividade e a inovação, devendo ser considerada a diversidade como recurso enriquecedor da aprendizagem. De acordo com a DCN, aprovada pela Resolução CNE/CP Nº 2, de 2019

o compromisso com as metodologias inovadoras e com outras dinâmicas formativas que propiciem ao futuro professor aprendizagens significativas e contextualizadas em uma abordagem didático-metodológica alinhada com a BNCC, visando ao desenvolvimento da autonomia, da capacidade de resolução de problemas, dos processos investigativos e criativos, do exercício do trabalho coletivo e interdisciplinar, da análise dos desafios da vida cotidiana e em sociedade e das possibilidades de suas soluções práticas (BRASIL, 2019, p. 5).

A indissociabilidade entre a teoria e a prática, deve permear toda a formação que se propõe ser crítico-reflexiva, haja vista a afirmação de Paulo Freire quando diz que o “discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem

de ser tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu ‘distanciamento’ epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela ‘aproximá-lo’ ao máximo.” (FREIRE, 1996, p. 44).

Essa perspectiva crítico-reflexiva requer a adoção de abordagens transdisciplinares que abranjam a compreensão da realidade pautada na complexidade como recurso epistemológico. Desta forma, este projeto pedagógico assume como caminhos metodológicos a articulação de abordagens gerais de ensino, como as metodologias ativas com abordagens específicas do ensino da arte, como a proposta triangular (BARBOSA, 2010) e a tecnologia rizomática (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA, 2010). Essas abordagens apresentam a concepção de arte conhecimento, como cultura, como reinvenção de sujeito, a partir da leitura subjetiva e criativa de mundos.

O conhecimento concebido como forma dinâmica, complexa e interconectada, requer a tarefa de integrar as disciplinas que compõem a matriz curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais, a partir do diálogo permeado por diferentes configurações epistêmicas. Além do aspecto geral do conhecimento, enfatizamos a necessidade da construção do conhecimento artístico, estético e ético. No que se refere ao fazer artístico, é necessário conhecer e experienciar as diferentes técnicas, materiais, mídias e gêneros que compõem o universo das Artes Visuais, como pressuposto para a formação docente estabelecida como perfil do egresso.

Outro aspecto do ensino da arte, diz respeito à contextualização que deve ser realizada através do estudo histórico e cultural, da estética e do exercício crítico de leitura de propostas artísticas, como também da identificação da realidade sociocultural dos diversos espaços nos quais o ensino das Artes Visuais pode ser desenvolvido.

A articulação ensino, pesquisa e extensão pode ser produzida por intermédio do desenvolvimento de projetos de extensão que incentivem a colaboração entre universidade, espaços diversos de ensino das Artes Visuais e organizações comunitárias, envolvendo equipes multiprofissionais que possam compartilhar o trabalho de pensar, gerenciar e avaliar o ensino e ações educativas com os professores em formação, docentes profissionais da área e a comunidade.

No campo da pesquisa, discentes e docentes do curso de Licenciatura em Artes Visuais são estimulados a participar e ou criar ligas acadêmicas, núcleos de estudos, congressos, encontros etc., como forma de exercício da escrita acadêmica e a consequente publicação dessa produção de conhecimento. Aliado às atividades científicas, o curso também visa promover atividades artísticas e culturais, como exposições, oficinas, proposições artísticas, performances, vídeos, intervenções urbanas e outras, como forma de flexibilização do currículo.

4. POLÍTICAS INSTITUCIONAIS

4. POLÍTICAS INSTITUCIONAIS

4.1. Políticas Institucionais de Ensino, Pesquisa e Extensão.

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) é o principal instrumento de planejamento estratégico desta Instituição de Ensino Superior (IES), cuja missão é “promover a educação superior de qualidade, com vista à formação de sujeitos comprometidos com a ética e capacitados para atuarem em prol do desenvolvimento regional, nacional e internacional” (PDI, p. 31).

Desta forma, o PDI/UFPI 2020-2024, apresenta relação indissociável ensino-pesquisa- extensão, na qual a prática educativa e pedagógica é concebida de forma integrada à “busca sistemática, crítica e criativa e da pesquisa como atividade cotidiana, como princípio científico e educativo” (PDI, p. 45).

As Políticas de Ensino desta IES estão sintonizadas com o desenvolvimento das novas fronteiras científicas, com ênfase na interdisciplinaridade, consoante a sua política de internacionalização, consolidando e ampliando cooperações com instituições internacionais através de programas de mobilidade acadêmica docente, discente e de técnico-administrativo e de programas internacionais, com a inclusão de cursos e disciplinas em línguas estrangeiras. Busca também, continuamente, avaliar as possibilidades de ampliação da oferta de vagas em todos os níveis e modalidades. Outra prioridade das políticas de ensino diz respeito à inserção da temática ambiental em todos os PPCs da UFPI, de forma interdisciplinar.

No que tange às políticas de ensino da pós-graduação *strictu sensu* a UFPI implementou o Comitê de Assessoramento da Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação (PRPG) que tem como objetivo apoiar os processos de Avaliação de Proposta de Cursos Novos (APCN) da Capes, Seminários de Acompanhamento da PRPG, avaliação de projetos interinstitucionais, elaboração do Plano Estratégico da Pós-Graduação e em outros processos de avaliação, proporcionando melhoria nas ações, e, conseqüentemente, fortalecendo os Programas de Pós-Graduação (PPGs) (PDI 2020-2024 p. 52).

Além do exposto, a UFPI apoia propostas de Mestrado Interinstitucional (Minter) e Doutorado Interinstitucional (Dinter), com o objetivo de contribuir para a formação de recursos humanos em instituições conveniadas em diversas regiões do país.

Quanto à política institucional de pós-graduação *lato sensu* a UFPI assessora as coordenações dos cursos de especialização, para reduzir os prazos de emissão dos diplomas e regularizar o envio dos relatórios parciais e finais dos cursos, com o objetivo de otimizar aspectos burocráticos.

É proposta da Universidade Federal do Piauí atender às demandas da sociedade piauiense, cada vez mais ávida por formação continuada que focalize na formação de profissionais para a academia e para o mercado de trabalho. Assim, para o quinquênio 2020- 2024 a UFPI almeja a ampliação e consolidação dos seus Programas de

Pós-Graduação.

Por considerar a extensão como um de seus alicerces e uma de suas marcas institucionais, presente em todas as esferas do contexto social, a UFPI desenvolve Políticas de Extensão como forma de articulação entre universidade e sociedade, através de diversas ações. No PDI 2020/2024 desta IES o qual apresenta políticas de extensão buscam ampliar a integração entre os diferentes níveis e ambientes acadêmicos, tendo como linhas prioritárias o desenvolvimento de programas e projetos diretamente relacionados ao ensino e à pesquisa que se caracterizem como contribuição efetiva da universidade ao seu entorno social, compreendendo o empreendedorismo como forma de estimular o uso de tecnologias sociais especialmente em locais de vulnerabilidade social e econômica, bem como incentivar a produção e difusão da cultura sob as mais diversas formas de expressão.

A UFPI prevê a extensão universitária como atividade que se integra à matriz curricular dos cursos de graduação, como componente obrigatório, constituindo-se um “[...] processo educativo, cultural, científico, tecnológico e político que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade” (PNEX, 2000-2001).

Elencamos a seguir as diretrizes que norteiam a extensão universitária desta IES, definidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), sistematizados em quatro eixos:

- I. Interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade;
- II. Formação cidadã dos estudantes;
- III. Impacto e transformação social, marcada e constituída pela produção de mudanças na própria instituição superior e nos demais setores da sociedade;
- IV. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político, educacional, cultural, científico e tecnológico, de geração e socialização de conhecimento.

Para a organização e construção de sua política de extensão a UFPI utiliza a interação entre ensino e pesquisa baseada nos seguintes aspectos: Identificação e participação em editais para financiamento de programas e projetos de órgãos e agências de fomento dos governos federal, estadual e municipal, atuando junto aos ministérios, prefeituras e secretarias de governo; Participação em editais para atividades de extensão financiadas por empresas estatais, privadas ou de economia mista; Internamente, busca a articulação permanente com Reitoria, Pró-Reitorias, Superintendências, Unidades Acadêmicas, Campi e Núcleos de Extensão, dentre outros.

No que se refere às Políticas de Pesquisa o PDI 2020-2024 da UFPI propõe que as atividades de pesquisa devem envolver toda a comunidade acadêmica, como docentes, técnico- administrativos, acadêmicos de graduação e de pós-graduação, através de estratégias didáticas e metodológicas sérias e éticas, a fim de promover produção de conhecimento consistente. Neste sentido, a UFPI estimula a formação de grupos de pesquisa intra e interdisciplinar,

bem como a associação a outros órgãos nacionais e internacionais, bem como fortalecer os grupos já existentes.

Com o intuito de desenvolver competências e habilidades inerentes à pesquisa em diferentes áreas, abordagens diversas e objetivos voltados para a relevância social, a UFPI incentiva a inclusão do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de graduação, mesmo quando não for obrigatório pelas Diretrizes Curriculares.

Ao considerar as necessidades institucionais na elaboração de estratégias que favoreçam a aproximação dos pesquisadores aos órgãos de fomento, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (Propesqi) tem por objetivo apoiar, formular, coordenar e executar as ações relacionadas à pesquisa, infraestrutura, propriedade intelectual, desenvolvimento tecnológico, inovação, incubação de negócios e empreendedorismo referentes à política de pesquisa, inovação e ao PDI.

Outra ação da política de pós-graduação, diz respeito ao Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), que tem como meta fomentar e consolidar a formação de discentes da graduação, a fim de que tenham continuidade em sua formação na pós-graduação.

No âmbito da inovação e do empreendedorismo, as políticas da UFPI incentivam pesquisas com caráter inovador, com geração de patentes, buscando aumentar a inserção da UFPI na solução de problemas advindos das demandas sociais, e assim, contribuindo para o desenvolvimento regional. Além do exposto, esta IES intenta promover e fortalecer a interação entre a sua capacidade científica e tecnológica com as atividades de pesquisa, transferência de tecnologia e inovação em prol das necessidades da sociedade.

4.2. Apoio ao discente

A UFPI empreende a formulação e execução de políticas afirmativas e estudantis como princípio ético-político, desenvolvidas através da Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos (PRAEC), a qual promove assistência estudantil à comunidade acadêmica, com a finalidade de viabilizar a permanência e a pós-permanência no ensino superior público brasileiro, especialmente de estudantes oriundos de escolas públicas, de afrodescendentes e de índio-descendentes.

Dentre as coordenadorias da PRAEC, destacamos o Núcleo de Acessibilidade (NAU), que tem como finalidade garantir o acesso e a permanência, com o acompanhamento individualizado do processo o desenvolvimento pessoal e a aprendizagem de estudantes, público-alvo da educação especial (deficiências, transtorno do espectro autista – TEA e altas habilidades/superdotação). Além do exposto, o NAU por ser constituído por equipe multidisciplinar formada por assistentes sociais, pedagogos e psicólogos, promove o acompanhamento individualizado do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes público-alvo da educação especial, bem como, presta assistência psicológica aos discentes.

Para promover a acessibilidade, a UFPI construiu a Via Universitária para pedestres e ciclistas, que interliga o Setor de Esportes ao Restaurante Universitário Central (RU 1). Além da acessibilidade, esta Via também fomenta a atividade física, diminui o tempo de deslocamento de um centro a outro, proporciona espaços de lazer e de descanso para a comunidade acadêmica.

A UFPI também possui Laboratório de Acessibilidade e Inclusão (LACI), equipado com computadores, notebooks, teclado colmeia, linha braille, máquina de escrever em braille e scanner, com vistas a oferecer aos estudantes com deficiência um espaço adequado para suas atividades acadêmicas.

As políticas de assistência estudantil desta Universidade visam: o apoio pedagógico ao discente e à sua participação em eventos; mecanismos de nivelamento e de formação inicial; promoção de exposição artística dos trabalhos realizados pelos discentes; participação em intercâmbios; acesso às informações do curso, através do portal da UFPI, SIGAA e das redes sociais.

5. SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO

TEATRO

5. SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO

5.1. Avaliação da aprendizagem

O processo avaliativo consiste em importante componente constitutivo da articulação e da intensidade dos processos de ensinar e de aprender e, por este motivo, sua prática deve oportunizar a reflexão crítica dos sujeitos da aprendizagem. Compreendido como grande campo que abrange diferentes aspectos de sua diversidade: autoavaliação, hetero avaliação, técnicas avaliativas etc., as quais devem promover interação, dialogismo reflexivo, questionamentos, possibilidades de superação e melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem. A avaliação da aprendizagem é concebida no capítulo I, Art. 99, da Resolução 177/2012 CEPEX/UFPI “entende-se por avaliação da aprendizagem o processo formativo de diagnóstico, realizado pelo professor, sobre as competências e habilidades desenvolvidas pelos alunos, assim como sobre os conhecimentos por estes adquiridos”.

Assim compreendida, a avaliação na Licenciatura em Artes Visuais, nesta proposta curricular, surge como instrumento de conscientização, de reflexão, de possibilidade de detecção de fatores que confluam para a melhoria do ensino e da aprendizagem deste curso.

Além do exposto, a avaliação, para além do processo de reflexão sistemática dos conhecimentos alcançados, também possibilita o desenvolvimento de competências, de habilidades, de atitudes e de valores de docentes e discentes que concorrem para a superação de fragilidades indicadas pelo processo avaliativo. A avaliação reflete sobre o processo, as lacunas, os avanços, também para classificar e para a promoção escolar, de acordo com as resoluções em vigor.

Deste modo, a avaliação consiste em instrumento que perpassa todas as instâncias da vida acadêmico-curricular, inclusive o Projeto Pedagógico do Curso, a fim de que sejam atingidas as metas e objetivos traçados com qualidade e consciência.

Neste projeto de implementação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, estamos considerando esta concepção de avaliação tanto para avaliar o próprio Projeto Pedagógico como para o ensino e a aprendizagem. Este processo avaliativo tem como referências os seguintes documentos: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que alinhadas com as diretrizes da BNCC (homologada pela Portaria nº 1.570, publicadas no Diário Oficial da UNIÃO – DOU de 21.12.2017), e articulados ao Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI/2020 2024, da Universidade Federal do Piauí e com a Resolução 177/2012 do CEPEX, de 05 de novembro de 2012, atualizada em 20 de junho de 2018. Esta última estabelece as normas de funcionamento dos cursos de graduação da UFPI. Em seu no capítulo I, Art. 101, determina o número mínimo de avaliações das disciplinas, de acordo com a carga horária:

Para efeito de registro, o número de notas parciais deverá ser proporcional à carga horária da disciplina, respeitado o mínimo de:

- I.– 2 (duas), nas disciplinas com carga horária igual ou inferior a 45 (quarenta e cinco) horas;
- II.– 3 (três), nas disciplinas com carga horária de 60 (sessenta) a 75 (setenta e cinco) horas;
- III.– 4 (quatro), nas disciplinas com carga horária superior a 75 (setenta e cinco) horas.

Os diferentes métodos de avaliação devem garantir a reflexão e o redimensionamento do processo ensino-aprendizagem, o desenvolvimento e a flexibilização do currículo, a sólida formação do Licenciado em Artes Visuais, observando-se os princípios de inovação, coerência com os princípios da UFPI e a natureza do Projeto Político-Pedagógico, de modo a contribuir para formação de profissionais competentes, críticos, éticos e motivados com a escolha em se tornar Professores de Artes Visuais. Quanto à avaliação do rendimento acadêmico, a Resolução 177/12 CEPEX/UFPI, estabelece a realização de, pelo menos, uma avaliação escrita individual.

Além do exposto, o Art. 102 prevê que “será feita por meio do acompanhamento contínuo do desempenho do aluno, sob forma de prova escrita, oral ou prática, trabalho de pesquisa, de campo, individual ou em grupo, seminário, ou outros instrumentos constantes no plano de disciplina”.

Segundo o mesmo documento será aprovado o discente que obtiver frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária do componente curricular e média aritmética igual ou superior a 7 (sete) nas avaliações parciais. De modo geral, a avaliação da aprendizagem prevista neste PPC deve observar os parâmetros estabelecidos pela Resolução 177/12 CEPEX/UFPI.

5.2. Avaliação do Projeto Pedagógico do Curso

A avaliação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais será realizada de forma contínua ao longo da sua vigência. Esta avaliação tem como objetivo identificar falhas e ou defasagens na estrutura e nos diferentes componentes curriculares, considerando então, os princípios, objetivos do curso, perfil, conteúdos, sequência das disciplinas etc.

Outra finalidade desta avaliação permanente consiste em indicar alternativas de ação com vistas à melhoria qualitativa do PPC, o qual sinaliza para o cumprimento e a efetivação das competências e das habilidades que concorram para o desenvolvimento das dimensões do conhecimento em arte preconizadas pela Base Nacional Comum Curricular.

As ações da avaliação do PPC serão operacionalizadas através de:

- Reuniões mensais sistemáticas do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Licenciatura em Artes Visuais;
- Reuniões do Colegiado de Cursos, quando necessário;
- Promoção de encontros de natureza científica advindos dos Núcleos e/ou Grupos de Estudos e Pesquisa, vinculados ao Departamento de Artes;

- Realização de avaliação de desempenho acadêmico, junto a docentes e discentes, com periodicidade semestral, por meio de questionários.



Pintura: Williams Ibiapina, Acrílica sobre parede, 2023.

6. EMENTÁRIO E BIBLIOGRAFIA DAS DISCIPLINAS



6. EMENTÁRIO E BIBLIOGRAFIA DAS DISCIPLINAS

6.1. Ementário e Bibliografia das Disciplinas Obrigatórias

1º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Seminário de Introdução ao Curso de Artes Visuais		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO(S)	
1.0.0	15	-	
EMENTA:			
Perfil, definição, currículo e especificidades do curso de Licenciatura em Artes Visuais e da Universidade Federal do Piauí. Educação e Artes Visuais. Perfil do egresso. Bases institucionais da UFPI: Ensino, pesquisa e extensão. Instâncias e competências do Centro de Ciências da Educação e da UFPI relacionadas ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Programas Institucionais. Normas da graduação.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 1, de 16 de janeiro de 2009. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf . Acesso em: 23 mai. 2023.			
BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC- Formação). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-%202019-pdf/135951-rcp002-19/file . Acesso em: 23 mai. 2023.			
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Regimento Geral da UFPI. Disponível em: http://www.leg.ufpi.br/arquivos/File/estatutos_e_regimentos/regimento_geral_ufpi.pdf . Acesso em: 07 jan. 2018.			
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Plano de Desenvolvimento Institucional 2020-2024. Disponível em: https://proplan.ufpi.br/images/conteudo/PROPLAN/PDI/PDI20202024UFPIvf3.pdf . Acesso em: 23 mai. 2023.			
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Projeto Pedagógico curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Teresina: 2018. Manuscrito.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Normas de funcionamento dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Piauí. Resolução Nº 177. Teresina, 2012.			

1º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Fundamentos da Linguagem Visual		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	-	
EMENTA:			
Teorias e práticas sobre os elementos da linguagem visual. Aplicação de leitura em produções artísticas de vários tempos e lugares. Criação de formas e os elementos da linguagem visual. Enfoque teórico e prático das correntes estilísticas básicas.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. 6 ed. – São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 2013. DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. Tradução Jefferson Luiz Camargo. – São Paulo: Martins Fontes, 2007. OSTROWER, Fayga. Universos da arte. 24 ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
AUMONT, Jacques. A Imagem. Tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio Cesar Santoro. 16 ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012. DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. – São Paulo, SP: Editora Scipione Ltda., 1989. DOCZI, György. O poder dos limites: harmonias e proporções na natureza, arte e arquitetura. – São Paulo: Mercurio, 1987. GOMES FILHO, João. Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma. 8 ed. – São Paulo: Escrituras Editora, 2008. RAMALHO, Sandra e Oliveira. A imagem também se lê. São Paulo: Edições Rosari, 2009.			

1º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Estética e Filosofia da Arte		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	-	
EMENTA:			
Linhas teóricas de pensamentos filosóficos-estéticos. Aportes teórico- práticos e críticos sobre filosofias, estéticas, artes. Estética nas artes e cotidianos de povos eurodescendentes, afrodescendentes, asiáticodescendentes, latino-americanodescendentes, sob a visão decolonial.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BAYER, Raymond. História da estética. Tradução: José Saramago. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. GÓMEZ, Pedro Pablo; MIGNOLO, Walter. Estéticas decoloniales. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012. Disponível em: < https://adelajusic.files.wordpress.com/2012/10/decolonial- aesthetics.pdf >. Acesso em: 15 mai. 2016. SUASSUNA, Ariano. Iniciação à estética. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VOLOCHINOV, V. N. Discurso na vida e discurso na arte. In: Freudianism: a marxist critique. Tradução de Cristóvão Tezza. New York: Academic Press, 1976. BENEDICTO, Ricardo Matheus. As origens africanas da filosofia grega: mito ou realidade? In: II CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES; XII CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES. Eixo 2 – Projetos e práticas de formação continuada; Relato de Pesquisa – Apresentação Oral. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/ricardo_matheus_benedicto-asorigensafricanasdafilosofiagrega.mitoourealidade%C2%BF.pdf . Acesso em: 13 mar. 2017. DUARTE, Rodrigo (Org). O belo autônomo: textos clássicos de estética. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. HAUSER, Arnold. Teorias da arte. Lisboa: Editorial Presença, 1988. RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003			

1º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Desenho de Observação		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Técnicas de representação do desenho de observação.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
EDWARDS, Betty. Desenhando com o artista interior. São Paulo, Claridade, 2002. OSTROWER, Fayga. Universos da arte. Rio de janeiro: Campus, 1989. SOUZA, Edgard Rodrigues de. Desenho e Pintura. São Paulo: Moderna, 1997.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. KNELLER, George Frederick. Arte e ciência da Criatividade. São Paulo: IBRASA, 1978. OSTROWER, Fayga. Criatividade e processo de criação. Petrópolis: Vozes, 1991. RAMOS, Geisiel. desenho de observação. Curitiba: Intersaberes, 2022. 247 p. OLIVEIRA, Jo; GARCEZ, Lucilia. Explicando a arte: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais. 9.ed. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2006. 157 p.			

1º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Seminário de Pesquisa em Arte		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
4.0.0	60	-	
EMENTA:			
Epistemologias/metodologias do trabalho acadêmico em Artes Visuais e seu Ensino. Normas de produção do trabalho científico. Problemática e forma de conhecimento artístico.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CARVALHO, Maria Cecília M. de. (Org.). Construindo o saber: metodologia científica: fundamentos e técnicas. 9ª. ed., Campinas: Papyrus, 2000. LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 2003. ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BARROS, José D’Assunção. O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Tradução Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. GIL, Antonio C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002. PÁDUA, Elisabete Matallo M. de. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-metodológica. Campinas, 4ª. ed., São Paulo: Papyrus, 2016. SEVERINO, Antonio, J. Metodologia do trabalho científico. 20. ed., São Paulo: Cortez, 2013.			

1º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Fundamentos da Expressão da Comunicação Humana - FECH		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	-	
EMENTA:			
Recursos técnicos e humanos; O mito moderno; A comunicação, a psicologia da comunicação, vida social; as manifestações verbais e não-verbais; Semiótica e Criatividade.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CHERRY, Colin. A Comunicação Humana. Cultrix. São Paulo, 1984. NOVAES, Maria Helena. Psicologia da Criatividade. Vozes. Petrópolis, 1975. SANTAELLA, Lúcia. O que é Semiótica? São Paulo, Brasiliense, 1985.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BRAGAGNOLO, Valeria. A Produção do conhecimento e o sujeito deficiente auditivo: as particularidades da área de distúrbios da comunicação. São Paulo, SP: 1995. 97 f. LITTLEJOHN, Stephen W. Fundamentos teóricos da comunicação humana. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1988. 407 p. HAETINGER, Max Gunther. Criatividade: criando arte e comportamento (jogos e brincadeiras). Rio Grande do Sul: Nacional, 1998. 195 p. (Coleção Criar, 1) WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. O Corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 61.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 288 p. SODRÉ, Muniz. A Comunicação do Grotesco. Petrópolis, Vozes, 1977			

1º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Filosofia da Educação		Obrigatória	Departamento de Fundamentos da Educação - DEFE
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
4.0.0	60	-	
EMENTA:			
Filosofia e filosofia da educação: concepções e especificidades da filosofia; concepções de educação; tarefas da filosofia da educação; relação entre educação, pedagogia e ensino.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: 15 ed. Ática, 2018 SILVA, H. A.; MOTA, F. A. B.; NASCIMENTO (Orgs.). Filósofos e perspectivas educacionais: dos clássicos aos contemporâneos. Curitiba: CRV, 2018. SEVERINO, Antonio J. Filosofia. São Paulo: Cortez, 1993. p. 55-66.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. OZMON, Howard A.; CRAVER, Samuel M. Fundamentos filosóficos da educação. 6. ed. Trad. de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004. PAGNI, P. A. Introdução à Filosofia da Educação: temas contemporâneos e história. São Paulo: Avercamp, 2007. SAVIANI, Dermeval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 19. ed. São Paulo/Campinas: Autores Associados, 2021. SUCHODOLSKI, Bogdan. A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: pedagogia da essência e a pedagogia da existência. 5. ed. Trad. De Liliana Rombert Soeiro. Lisboa: Horizontes, 2000.			

2º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Composição		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
1.3.0	60	Fundamentos da Linguagem Visual	
EMENTA:			
Leis e regras que regem a estrutura composicional. Elementos visuais e táteis da composição e sua relação no espaço representacional. Análise formal e iconográfica da composição. Métodos e prática de composição.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 3. Ed. 2007. EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. PEDROSA, Israel. O universo da cor. Rio de Janeiro: Senac, 2004.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
FARINA, Modesto. Psicodinâmica das cores em comunicação. São Paulo: Edgard Blücher, 4. Ed, 1990. GOMES FILHO, João. Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma. São Paulo: Escrituras, 2000. ROCHA, Bettina Gatti Caiado da. Percepção e composição. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e à distância, 2009. OSTROWER, Fayga. Universos da arte. Rio de Janeiro: Campus, 1983. PEDROSA, Israel. Da cor à cor inexistente. Rio de Janeiro: Universidade de Brasília, 1982.			

2º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Psicologia da Percepção e da Forma		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	Fundamentos da Linguagem Visual	
EMENTA:			
Enfoques teóricos e práticos do sistema de leitura de leitura visual da forma. Leis da Gestalt. Conceituação e propriedades da forma. Características e categorias conceituais da forma. Técnicas visuais aplicadas. Leitura de objetos. Criação de formas. Leitura visual.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. 6 ed. – São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 2013. GOMES FILHO, João. Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma . São Paulo: Escrituras Editora, 2000. SCHIFFMAN, Harvey Richard. Sensação e percepção. Tradução Luis Antonio Fajardo Pontes e Stela Machado. 5 ed. Rio de Janeiro: LCT, 2005.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
AUMONT, Jacques. A Imagem. Tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio Cesar Santoro. 16 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2007. DOCZI, György. O poder dos limites: harmonias e proporções na natureza, arte e arquitetura. São Paulo: Mercúrio, 1990. JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. 7 ed. – Campinas, São Paulo: Papirus, 2013. RAMALHO, Sandra e Oliveira. A imagem também se lê. São Paulo: Edições Rosari, 2009.			

2º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
História das Artes Visuais I		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
4.0.0	60	-	
EMENTA:			
Produções artísticas visuais de períodos históricos/sociais/culturais anteriores ao século XIX. Conhecimentos sobre artistas, estilos, heranças, escolas, correntes estilísticas, saberes artísticos (europeus, estadunidenses, latino-americanos, asiáticos, africanos e/ou das diásporas). Análises artísticas formais, iconográficas/iconológicas			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BAUMGART, Fritz. Breve história da arte. Tradução: Marcos Holler. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. GOMBRICH, Ernest Hans Josef. A história da arte. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1999. JANSON, Horst Waldemar. História da arte. Tradução: J. A. Ferreira de Almeida, Maria Manuela Rocheta Santos. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BECKETT, Wendy. História da pintura. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Ática, 2006. CONTI, Flavio. Como reconhecer a arte grega. Lisboa: Edições 70, 1978. ESPAÑOL, Francesca. Saber ver a arte egípcia. São Paulo: Martins Fontes, 1992. MIGNOLO, Walter D. Aisthesis decolonial. Calle14: revista de investigación en el campo del arte [en linea] 2010, 4 (Enero-Junio): [Fecha de consulta: 2 de agosto de 2018]. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=279021528002 . Acesso em: 02 ago. 2018.			

2º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Desenho Anatômico e Modelo Vivo		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	Desenho de Observação	
EMENTA:			
Interpretação do corpo humano de acordo com o estudo de proporção. Variação anatômica masculina e feminina, biótipos, estudo de volume corporal através da luz e sombra. Estrutura óssea e muscular, movimentos corporais e estudo de Modelo Vivo.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
DERDYK, Edith. O desenho da figura humana. São Paulo: Escala, 2007. Disponível em https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=22502 Acesso em 29 de janeiro de 2024			
SILVA, Renato. A Arte de desenhar ossos e músculos do corpo humano. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Conquista, s.d. 15v.			
PERARD, Victor. Desenho e anatomia. São Paulo: Ediouro, 1995.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. 6 ed. – São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 2013.			
JENNY, Peter. Desenho da figura humana. São Paulo: Olhares. 2023.			
LAURICELLA, Michael. Anatomia Artística. São Paulo: Olhares. 2021.			
SILVA, Renato. A Arte de desenhar retratos. s.l: Conquista, s.d. 12v.			
SIMBLET, Sarah. Desenho: Uma forma pratica para desenhar o mundo que nos rodeia. SÃO PAULO. 2004.			

2º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Patrimônio Cultural		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
3.1.0	60	-	
EMENTA:			
Conceito de Patrimônio Cultural, tradição e globalização. A cultura e suas implicações na formação e do cidadão e do professor de Arte. Cultura popular no patrimônio nacional. Manifestações afrodescendentes, indígenas e populares. Arte como identidade cultural. Historiografia da cultura popular. Cultura popular regional, festas populares e religiosas como importante vetor de produção da arte.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
DAMATTA, Roberto da. A casa e a rua: espaço cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1995. RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. Mimese na cultura. Trad. De Eduardo Triandopolis. São Paulo: Annablume, 2004. PEREIRA, Francisco da Silva. Bumba, meu boi! - cultura popular e a política cultural de eventos em Teresina-PI: encontros e desencontros na arena publica da festa. Teresina: 2011. 190 f. MARCONI, Marina de Andrade. Antropologia: uma introdução. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2019. MOURA, Gerson. Relações exteriores do Brasil: 1939- 1915: mudanças na natureza das relações Brasil - Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2012. 277 p.			

2º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
História da Educação		Obrigatória	Departamento de Fundamentos da Educação - DEFE
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
4.0.0	60	-	
EMENTA:			
História da Educação: fundamentos teórico-metodológicos e importância na formação do educador. Principais teorias e práticas educacionais desenvolvidas na história da humanidade. Visão histórica dos elementos mais significativos da educação brasileira e piauiense, considerando o contexto social, político, econômico e cultural de cada período.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ARANHA, Maria Lúcia A. História da educação e da Pedagogia: Geral e Brasil. 3 Ed. São Paulo: Moderna, 2006. BRITO, Itamar de Sousa. História da Educação no Piauí. Teresina: EDUFPI, 1996. FERRO, Maria do Amparo B. Educação e Sociedade no Piauí Republicano. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996. LUZIRIAGA, Lorenzo. História da Educação e da Pedagogia. São Paulo. Editora Nacional, 1980. LOPES, E. M. T. & Ana Maria O. História da educação. São Paulo: DP&A, 2001. SOUSA, Jane Bezerra. Ser e fazer-se professora no Piauí no século XX: a história de vida de Nevinha Santos.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
AZEVEDO, Fernando de. A transmissão da cultura. Parte 3, 5 a. ed. A Cultura Brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1978. FAZENDA, I. C. A. Educação no Brasil nos anos 60: o pacto do silêncio. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1985. FERRO, Maria do Amparo Borges, NASCIMENTO, Francisco de Assis de SOUSA, Lourenilson Leal de (orgs.). História da Educação: novos olhares, velhas questões. Teresina, EDUFPI, 2009. FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de.; LOPES, Antonio de Pádua Carvalho (orgs.). As escolas normais no Brasil: do império à república. Campinas, SP: Alínea, 2008 LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. Das escolas reunidas ao Grupo Escolar. In: VIDAL, Diana Gonçalves. Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006. REIS, Amada de Cássia Campos. História e Memória da Educação em Oeiras Piauí. Dissertação de mestrado. Teresina: UFPI, 2006 RIBEIRO, M. L. S. História da educação brasileira: organização escolar. 12ª. Ed. São Paulo, SP: Cortez Editoras/Autores Associados, 1992. SAVIANI, D. et alii (Orgs.). História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual. 2ª. Ed. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, 1998. STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena C. (Orgs.). História e memória da educação no Brasil. Vol. I (2004), II (2005) e III (2006). Petrópolis: Vozes.			

3º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Análise de Materiais Expressivos		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	-	
EMENTA:			
Produção artística bidimensional e tridimensional. Pesquisa de materiais tradicionais e alternativos na produção artística. Técnicas e aplicações de cada materialidade. Comportamento físico/mecânico das técnicas dos materiais expressivos, possibilidades e versatilidade.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CANTON, Katia. Novíssima Arte Brasileira: Um Guia De Tendências. São Paulo. Editora: Iluminuras; 2000. MAYER, Ralph. Manual do artista: técnicas e materiais. Trad. de Christine Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1996. FISCHER, Ernst. A necessidade da arte. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara S.A., 1987.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
HUYGHE, René. Sentido e destino da arte I. Trad. de João Gama. São Paulo: Martins Fontes, S/d. BORRE, Luciana. Bordando afetos na formação docente. – Conceição da Feira: Andarilha Edições, 2020.=210 p.: il - ebook. Disponível em: https://andarilhaedicoes.com.br/bagagem/bordando-afetos-na-formacao-docente/ Acesso em: 30 de jan de 2024. GROPIUS, Walter. Bauhaus: nova arquitetura. São Paulo: Perspectiva S. A, 1972. DIAS, V. C.; PORTO, J. P.; SILVA, U. R. da. Tecendo poéticas feministas: crochê, bordado e poesia. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 054-070, 2022. DOI:10.5965/24471267832022054. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/22878 . Acesso em: 2 fev. 2023. MALDONADO GURIN, J. I. Dez maneiras de errar o buraco de uma agulha. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 096-107, 2022. DOI: 10.5965/24471267832022096. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/22868 . Acesso em: 2 fev. 2023			

3º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Fotografia		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
1.3.0	60	Composição	
EMENTA:			
Princípio da câmara escura. Noções de física ótica. Luz, olho, visão. História da fotografia e linguagem fotográfica. Tipos de máquinas, lentes e acessórios. O ato de fotografar. Iluminação. Tipos de flashes. Estúdio e laboratório digital. A pós-fotografia. Fotografia como arte e expressão estética pessoal.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
AUMONT, Jacques. A imagem. 16º ed. Trad. de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas, SP: Papirus Ed., 2012. FOLTS, James A. Manual de fotografia. São Paulo: Thomson, 2006. SOULAGES, François. Estética da fotografia – Perda e permanência. São Paulo: SENAC, 2010.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
GOMIDE, C. H. de A. Manual básico de fotografia: dicas para o principiante. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980. HEDGECOE, J. O Manual do fotógrafo. Porto Alegre: Porto Ed, 1982. HUYGHE, René. O poder da imagem. Lisboa: Edição 70, 1990. LIMA, Ivan. A fotografia e a sua linguagem. 2 ed. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1988. ROLAND, Barthes. A Câmara clara: notas sobre fotografia. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.			

3º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
História das Artes Visuais II		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
4.0.0	60	História das Artes Visuais I	
EMENTA:			
Produções artístico-visuais do século XIX à arte Contemporânea. Artistas, estilos, heranças, poéticas visuais. Análises de obras/proposições e produção de sentidos sobre maneiras artísticas. Considerações críticas sobre as produções eurocêntricas, estadunidenses, asiáticas, africanas, latino-americanas, dentre outras maneiras de pensar o mundo através da arte.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. JANSON, H. W. História geral da arte. 2. ed. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2001. STANGOS, Nikos. Conceitos da arte moderna: com 123 ilustrações. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BARROS, José D'Assunção. As influências da arte africana na arte moderna. Afro-Ásia, Salvador, n. 44, 2011. DOI: 10.9771/aa.v0i44.21236. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21236 . Acesso em: 16 jun. 2022. MICHELI, Mario de. As Vanguardas artísticas. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. WILLETT, Frank. Arte africano: uma introdução. Barcelona: Ediciones Destino, 1999. CHRIST, Yvan. A Arte no século XIX. Lisboa (Portugal): Edições 70, 1981. PINTO, Júlio Roberto de Souza. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. Civitas: Revista de Ciências Sociais, 2015.			

3º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Desenho Artístico		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	Desenho Anatômico e Modelo Vivo	
EMENTA:			
Representação gráfica do universo visual. O desenho como modo de “pensar” o espaço e a matéria. Materiais e técnicas de desenho. O desenho como instrumento de observação e análise de formas miméticas. O desenho como meio de expressão do pensamento visual e como análise dos elementos da linguagem visual.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. KANDINSKY, Wassily. Ponto e linha sobre o plano. São Paulo: Martins Fontes, 1997. WONG, Wucius. Princípios de Forma e Desenho. São Paulo: Martins Fontes, 2001			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. 6 ed. – São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 2013. KNELLER, George Frederick. Arte e ciência da Criatividade. São Paulo: IBRASA, 1978. OSTROWER, Fayga. Universos da arte. Rio de janeiro: Campus, 1989. OSTROWER, Fayga. Criatividade e processo de criação. Petrópolis: Vozes, 1991. MAYER, Ralph. Manual do artista, técnicas e materiais. Trad. de Christine Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1996.			

3º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Psicologia da Educação		Obrigatória	Departamento de Fundamentos da Educação - DEFE
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
3.1.0	60	Filosofia da Educação	
EMENTA:			
Ciência Psicológica. Desenvolvimento e Aprendizagem. Teorias do Desenvolvimento e da Aprendizagem.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de. Org. Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão. Fortaleza, CE: UFC, 2009. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de (org). Temas em psicologia e educação. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús (org). Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da educação escolar. 2. ed. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. FERRO, Maria do Amparo Borges org. Educação: saberes e práticas. Teresina, PI: EDUFPI, 2002. LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. MOREIRA, M. A. Ensino e aprendizagem: enfoques teóricos. São Paulo: Moraes, 1999.			

3º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Legislação e Organização da Educação Básica		Obrigatória	Departamento de Fundamentos da Educação - DEFE
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
4.0.0	60	-	
EMENTA:			
A Dimensão política e pedagógica da organização escolar brasileira. A Educação Básica na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB Lei nº. 9.394/96).			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ARELARO, Lisete R. G.; KRUPPA, Sônia M. P. Educação de Jovens e Adultos. In: OLIVERIA, Romualdo Portela de; ADRIÃO, Thereza (orgs.). Organização do Ensino no Brasil: níveis e modalidades. 2.ed. São Paulo: Xamã, 2007. BRZESZINSKI, Íria. LDB/1996: Uma década de perspectivas e perplexidades na formação de profissionais da educação. In: BRZESZINSKI, I. (Org.). LDB Dez anos depois: reinterpretação sob diversos olhares. São Paulo: Cortez, 2008. CARNEIRO, Moaci Alves. LDB fácil: leitura crítico-compreensiva, artigo a artigo. 17. ed. Atualizada. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
SHIROMA, Envita Oto. et al. Reformas de ensino, modernização administrada. In: Política Educacional. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. ADRIÃO, Thereza , PERONI, Vera. (orgs.) Público e Privado na Educação: novos elementos para o debate. São Paulo: Xamã, 2008. FERREIRA, Luiz Antonio Miguel. O Estatuto da Criança e do adolescente e professor: reflexos na sua formação e atuação. São Paulo: Cortez, 2008. GENTILLI, Pablo. O Consenso de Washington e a Crise da Educação na América Latina. In: A falsificação do Consenso. Petrópolis: Vozes, 1998. PEREIRA, E. W. & TEIXEIRA. Reexaminando a educação básica na LDB: o que permanece e o que muda. In: BRZESZINSKI, I. (Org.). LDB Dez anos depois: reinterpretação sob diversos olhares. São Paulo: Cortez, 2008. SOARES, Rosinethe Monteiro. Hierarquia das Leis. Portal da ESSERE Consultoria Política. Disponível em: http://www.essere.com.br/artigos/hierarquia.htm . Acesso em: jun 2020.			

4º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Volume		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
1.3.0	60	Análise de Materiais Expressivos	
EMENTA:			
Linguagem da escultura: contextualização temporal e espacial. Técnicas de escultura e modelagem: adição, subtração, glíptica, entalhe e assemblage. Materiais e instrumentos. Processos criativos e elementares da linguagem tridimensional. Experimentações tridimensionais contemporâneas.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CORBETTA, Glória. Manual do Escultor. Porto Alegre: AGE, 2003 (Solicitar compra) TUCKER, William. A linguagem da escultura. Trad. de Antonio Manfredinni. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999. WITTKOWER, Rudolf. Escultura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. Sao Paulo: Cengage Learning, 2011. 503p. 16 ex BAY, J. Escultura y Modelado en 5 lecciones. Espanha: L.E.D.A, 1985. FILHO, Assis. Manual do Escultor Figurativo Realista. Viver de Escultura. Arcádia. E-book: Escultura para iniciantes. São Paulo: Estúdio e Escola de Artes, 2017. READ, Herbert. Escultura Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2013. SENDIN, Armando Moral. Cerâmica Artística: Técnicas de decoração. São Paulo: Folco Masucci, 1965			

4º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Arte e Multimídia		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	Fotografia	
EMENTA:			
Conexões entre artes visuais e meios digitais através da Ilustração digital, desenho vetorial, tratamento de imagem. Aplicação de conceitos multimídia para realização de trabalhos híbridos na área de programação e comunicação visual. Utilização de softwares como Photoshop, Corel Draw, Gimp, Illustrator e in design.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CHINEN, Nobu Org. Curso básico design gráfico. São Paulo, SP: Escala, 2011. 175 p. MEGGS, Philip B; PURVIS, Alston W. História do design gráfico. 4.ed. São Paulo, SP: Cosacnaify, 2009. 717 p PAULA FILHO, Wilson de Pádua. Multimídia: conceitos e aplicações. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2000. 321 p.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
CONSOLO, Cecilia. Anatomia do design: uma análise do design gráfico brasileiro. São Paulo, SP: Blucher, 2009. 327 p. MIRAVALLE, John-Mark L. Beleza: o que é e porque importa. Trad.: Patrícia Bronislowski Figueiredo. Guarapuava, PR: Editora Mater Verbi, 2021. SANTOS, Adauto Machado dos. Aprendendo arte no CorelDraw 10. Rio de Janeiro, RJ: Brasport, 2001. 240 p. SCRUTON, Roger. Beleza. Trad.: Hugo Langone. São Paulo: É Realizações,2013. PEDROSA, Israel. O Universo da cor. Rio de Janeiro, RJ: SENAC Nacional, 2014.			

4º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
História da Arte no Brasil I		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
4.0.0	60	-	
EMENTA:			
Produções artísticas visuais no Brasil: do período pré-cabralino ao século XVIII. Heranças (África, Ásia, Europa, Ameríndia), estilos e artistas. Iconografia e iconologia.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BURY, John. Arquitetura e arte no Brasil colonial. São Paulo, SP: Nobel,1991. 219 p. PESSIS, Anne-Marie. Imagens da Pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo, SP: FUMDHAM, 2003. ZANINI, Walter. História geral da arte no Brasil. São Paulo, SP: Instituto Walter Moreira, 1983.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BARLÉU, Gaspar. O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau. Tradução de Cláudio Brandão. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1109 Acesso em: 28 mai. 2023. OLIVEIRA, Mário Mendonça de. As Fortalezas e a Defesa de Salvador. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2008. (Roteiros do Patrimônio). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColRotPat3_AsFortalezasDefesasSalvador_m.pdf . Acesso em: 26 jan. 2024. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2010. (Roteiros do Patrimônio). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColRotPat8_BarrocoRococolgrejasOuroPretoMariana_vol1.pdf . Acesso em: 26 jan. 2024. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Os passos de Congonhas e suas restaurações. Brasília, DF : Iphan, 2011. (Grandes Obras e Intervenções). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/congonhas_passos_de_congonhas_restauracoes.pdf . Acesso em: 26 jan. 2024. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. O Aleijadinho e o Santuário de Congonhas. Brasília, DF: IPHAN-MONUMENTA, 2006. (Roteiros do Patrimônio). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColRotPat1_AleijadinhoSantuarioCongonhas.pdf . Acesso em: 26 jan.2024.			

4º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Teatro de Formas Animadas		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Linguagem das Artes Cênicas: Técnicas de teatro de bonecos, de sombras, máscaras e teatro na escola. Potencialidades expressivas e comunicativas da linguagem cênica.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BERTHOLD, Margot. História mundial do teatro. 5.ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2011. 578 p. TELLES, Narciso. Pedagogia do teatro: e o teatro de rua. Ed. Mediação. Porto Alegre, 2008. AMARAL, Ana Maria do. O Ator e seus Duplos (Máscaras, Bonecos,Objetos). São Paulo – Ed. Senae, 2001			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
WILL, Pierre & Roland Tompa Krow. O Corpo Fala. Petrópolis, Vozes, 1986. OSBORNE, Haroldo. Estética e Teoria da Arte. São Paulo, Cultrix, 1988. REVERBEL, Olga. Teatro na Escola. Ed. Scipione, 1997. BOAL, Augusto. 200 exercícios e jogos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989. BOAL, Augusto. Duzentos exercícios e jogos para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do texto. 11.ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1991. 123 p.			

4º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Didática Geral		Obrigatória	Departamento de Métodos e Técnicas - DMTE
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	Psicologia da Educação	
EMENTA:			
Fundamentos epistemológicos da Didática. A Didática e a formação do professor. O objeto de estudo da didática: objetivos; conteúdos; metodologia; relação entre professor e aluno; recursos de ensino e avaliação. O planejamento didático e a organização do trabalho docente.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BEHRENS, Marilda Aparecida. O paradigma emergente e a prática pedagógica. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. CORDEIRO, Jaime. Didática. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2009. CUNHA, Maria Isabel da. A docência como ação complexa: o papel da didática na formação de professor. In: MARTINS, Pura Lúcia Oliver; JUNQUEIRA, Sérgio R. A. (Orgs.). Conhecimento Local e Conhecimento Universal: pesquisa, didática e ação docente. Curitiba: Champagnat, 2004. LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2013. 288p.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
CANDAU, Vera Maria Ferrão. A Didática em questão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 128p. HERNANDEZ, Fernando. A Organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. HAYDT, Regina Célia Cazaux. Curso de Didática Geral. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006. GIL, Antônio Carlos. Metodologia do Ensino Superior. São Paulo: Atlas, 2005. VEIGA, Ilma Passos Alencastro. As dimensões do processo didático na ação docente. In: A aventura de formar professores. Campinas, SP: Papirus, 2009. MARTINS, Pura Lúcia Oliver. As formas e práticas de interação entre professore e alunos. In: VEIGA, Ilma P. A. Lições de didática. Campinas: SP: Papirus, 2006. RIOS, Teresinha Azerêdo. Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade. 4 ed., São Paulo: Cortez, 2003. ZABALA, Antoni. A Prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.			

4º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Sociologia da Educação		Obrigatória	Departamento de Fundamentos da Educação - DEFE
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
4.0.0	60	-	
EMENTA:			
A Sociologia como ciência. Teorias sociológicas clássicas. Conceitos fundamentais para a compreensão da relação Educação/Sociedade. A Educação como objeto de estudo da Sociologia. Teorias contemporâneas em Sociologia da Educação. Campo educativo: sujeitos, currículos, representações sociais, trajetórias escolares e estruturas sociais.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
RODRIGUES, Alberto Tosi. Sociologia da educação. 6 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008; SELL, Carlos Eduardo. Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber. 7a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. MARTINS, Carlos Benedito. O que é Sociologia. São Paulo: Brasiliense, 1994.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BERGER, Peter L; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser membro da sociedade. In: Foracchi, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Sousa. Sociologia e sociedade: leituras de introdução à Sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 169-181. DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1978, p. 33-56; GOMES. Cândido. A educação em novas perspectivas sociológica. 4 ed. Ampliada e revisada. São Paulo: EPU, 2005. MARX. Karl. A ideologia alemã. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986. WEBER. Max. Ciência e política: duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2004.			

5º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Pintura I		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
1.3.0	60	Análise de Materiais Expressivos	
EMENTA:			
Análise e prática das técnicas tradicionais, artesanais e contemporâneas da pintura. Utilização dos médiuns: guache, tempera, nanquim, aquarela e acrílica. Diversos suportes.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
MAYER, Ralph. Manual do artista. São Paulo: Martins Fontes, 1999 KANDINSKY, Wassily. Ponto e linha sobre o plano. São Paulo: Martins Fontes, 1997 PEDROSA Israel. Da cor à cor inexistente. Rio de Janeiro: Leo Christiano, 1982			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. VIGUE, Jordi; BALLESTAR, Vicenc. Curso de desenho e pintura: acrílico. Lisboa Portugal: Editorial Estampa, 2003. 64 p. VIGUE, Jordi; BALLESTAR, Vicenc. Curso de desenho e pintura: aquarela. Lisboa Portugal: Editorial Estampa, 2003. 64 p. VIGUE, Jordi; BALLESTAR, Vicenc. Curso de desenho e pintura: guache. Lisboa Portugal: Editorial Estampa, 2003. 64 p.			

5º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Modelagem Digital		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	Arte e Multimídia	
EMENTA:			
Técnicas de modelagem digital.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
MAESTRI, G. Animação digital em 3D. São Paulo, SP: Market Books, 1999. 364 p. Modelagem 3D com o Blender. São Paulo: Viena Editora. 2019 PAULA FILHO, Wilson de Pádua. Multimídia: conceitos e aplicações. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2000. 321 p. AGUIAR, Fabio Calciolari. 3ds Max 2009: modelagem, render, efeitos e animação. São Paulo, SP: Erica, 2009. 508 p.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
CHINEN, Nobu Org. Curso básico design gráfico. São Paulo, SP: Escala, 2011. 175 p. ESCUDEIRO, Bruna de Freitas, PINHO, Diego Martins de. O Básico da Modelagem 3D com o Blender. São Paulo: Viena Editora. 2019 (Solicitar compra) PAULA FILHO, Wilson de Pádua. Multimídia: conceitos e aplicações. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2000. 321 p. WONG, Wucius. Principios de forma e desenho. 2.ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2010. 352 p. Manual do Blender Disponível em: https://docs.blender.org/manual/en/latest/editors/index.html			

5º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
História da Arte no Brasil II		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
4.0.0	60	História da Arte no Brasil I	
EMENTA:			
Produções artísticas visuais no Brasil: nos séculos XIX e XX. Heranças (África, Ásia, Europa, Ameríndia), estilo e artistas. Iconografia e iconologia.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
AMARAL, Aracy; TORAL, André. Arte e sociedade no Brasil. São Paulo, SP: Callis, 2005. 3v. CANTON, Kátia. Retrato da Arte Moderna: uma história no Brasil e no mundo ocidental (1860-1960). São Paulo: Martins Fontes, 2002. PEREIRA, Sonia Gomes. Arte Brasileira no século XIX. Belo Horizonte: C/Arte, 2008. (Coleção Didática).			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BANDERA, Júlio; XEXÉO, Pedro Martins Caldas; CONDURU, Roberto. A Missão Francesa. Sextante, Rio de Janeiro, 2003. BRITO, Mario da Silva. História do modernismo brasileiro: antecedentes da semana da arte moderna. 6.ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1997. 319 p. (Coleção Vera Cruz. Literatura Brasileira, 63) CANTON, Kátia. Novíssima arte brasileira: um guia de tendências. São Paulo: Iluminuras, 2001. ITAÚ NACIONAL. Coleção Itaú moderno: arte no Brasil 1911-1980. São Paulo, SP: Itaú Cultural, s.d. 1v. REZENDE, Neide. A Semana da arte moderna. São Paulo, SP: Ática, 1993. 80 p. (Princípios, 226)			

5º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Arte e Educação		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
3.2.0	75	-	
EMENTA:			
Conceitos, fundamentos históricos e filosóficos de Cultura, de Arte e seu Ensino. Articulação entre Cultura, Arte e Educação. Linguagem das Artes Visuais. Funções e objetivos da Arte na Educação. A docência em Artes Visuais no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Aspectos metodológicos do ensino das Artes Visuais.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de arte: anos 1980 e novos tempos. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. BARBOSA, Ana Mae. Redesenhando o desenho: educadores, política e história. São Paulo: Cortez, 2015. MARTINS, Mírian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Teresinha Telles. Teoria e prática do Ensino de Arte: A língua do mundo. São Paulo: FTD, 2010.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane. Ensino da arte no Brasil: aspectos históricos e metodológicos. Rede São Paulo de Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP Ensino Fundamental II e Ensino Médio. UNESP: São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf . Acesso em: 26 jan.2024 BARBOSA, Ana Mae. Ensino da arte: memória e história. São Paulo: Cortez, 2008. BARBOSA, Ana Mae (Org.) Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002. HERNANDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000. IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.			

5º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Metodologia do Ensino de Artes Visuais		Obrigatória	Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino - DMTE
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
1.3.0	60	Didática Geral	
EMENTA:			
História do Ensino da Arte no Brasil. Metodologias do ensino das Artes Visuais.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de arte: anos 1980 e novos tempos. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. FERRAZ, M. H. C.; FUSARI, M. F. R. Metodologia do ensino da arte. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. MARTINS, Mírian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Teresinha Telles. Teoria e prática do Ensino de Arte: A língua do mundo. São Paulo: FTD, 2010.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BARBOSA, Ana Mae (Org.) Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002. BARBOSA, Ana Mae. Redesenhando o desenho: educadores, política e história. São Paulo: Cortez, 2015. BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. (Orgs). Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010. HERNANDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000. IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.			

5º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Avaliação da Aprendizagem		Obrigatória	Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino - DMTE
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	Didática Geral	
EMENTA:			
Concepções de avaliação. Tipos, funções e características da avaliação. Avaliação na legislação educacional brasileira e documentos oficiais. Critérios e instrumentos de avaliação da aprendizagem. Práticas avaliativas na Educação Básica.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
LUCKESI, Cipriano. Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011. LUCKESI, Cipriano. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 20. Ed. São Paulo: Cortez, 2009. HOFFMANN, Jussara. Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação. 10. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007. 152p. VILLAS BOAS, Benigna Maria de F. Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 2004.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
HAYDT, Regina C. A avaliação do processo ensino-aprendizagem. São Paulo, Ática, 1995. MELCHIOR, Maria Celina. Sucesso escolar através da avaliação e da recuperação. Porto Alegre: Premier, 2001. 101p. MORETTO, Vasco Pedro. Prova – um momento privilegiado de estudo – não um acerto de contas. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. SANT’ANNA, Ilza Martins. Por que avaliar?: Como avaliar?: Critérios e instrumentos. 3a Edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. VASCONCELLOS, Celso dos S. Avaliação: concepção dialética – libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Liberta, 2005.			

6º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Pintura II		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
1.3.0	60	Pintura I	
EMENTA:			
Técnicas pictóricas de óleo sobre tela. História da Pintura. Análise e prática das técnicas tradicionais e artesanais e contemporâneas de pintura.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
GNECCO, Celso; FERNANDES, Fernando; MARIANO, Roberto. Tratamento de superfície e pintura. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Brasileiro de Siderurgia, 2003. 94 p. SMITH, Ray. Introdução a pintura a óleo. São Paulo, SP: Manole, 1994. 72 p. MAYER, Ralph. Manual do artista, técnicas e materiais. Trad. de Christine Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1996			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BELL, John G. Tecnicas de tiza y pastel. 3.ed. Barcelona Espanha: LEDA, 1974. 46 p. (Como se Hace, 23) PEDROSA Israel. Da cor à cor inexistente. Rio de Janeiro: Leo Christiano, 1982. PEDROSA, Israel. O Universo da cor. Rio de Janeiro, RJ: SENAC Nacional, 2014. 153 p. FRANCASTEL, Pierre. Pintura e sociedade. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1990. 292 p. EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984			

6º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Projeto Orientado		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	Seminário de Pesquisa em Arte	
EMENTA:			
Referências teóricas e metodológicas da pesquisa. Estudos bibliográficos. Pesquisa em arte e suas múltiplas áreas. Origem e evolução das ciências e das artes. Elaboração de trabalhos científicos em arte. Problemáticas e formas de conhecimento artístico. Sistematização, análise e interpretação de dados.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
GIL, Antonio C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1987. SEVERINO, Antonio, J. Metodologia do trabalho científico. 20. ed., São Paulo: Cortez, 2013. ZAMBONI, Sílvio. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
ARAGÃO, José Wellington Marinho de; MENDES NETA, Maria Adelina Hayne. Metodologia Científica. Salvador, UFPA, Faculdade de Educação, Superintendência de Educação à Distância, 2017. https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/174996/2/eBook_Metodologia_Cientifica-Especializacao_em_Producao_de_Midias_para_Educacao_Online_UFBA.pdf . CARVALHO, Maria Cecília M. de (org.). Construindo o saber: metodologia científica – fundamentos e técnicas. 9ª. ed., Campinas: Papirus, 2000. LAKATOS, Eva Maria & Marina de Andrade MARCONI. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 2003. PÁDUA, Elisabete Matallo M. de. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-metodológica. Campinas, 4ª. ed., São Paulo: Papirus, 1999. PEREIRA, Adriana; SHITSUKA, Dorlivete Moreira et al. Metodologia da Pesquisa Científica. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018. e-book Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1 Acesso em 29 de janeiro de 2024.			

6º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
História da Arte no Piauí		Obrigatório	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
4.0.0	60	História da Arte no Brasil II	
EMENTA:			
Produções artísticas visuais no Piauí: da Arte rupestre ao século XXI. Heranças (África, Ásia, Europa, Ameríndia), estilos e artistas. Iconografia e iconologia.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
INSTITUTO CAMILO FILHO. História da Arte e da Arquitetura no Piauí. Teresina, 2005. PESSIS, Anne-Marie. Imagens da Pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo, SP: FUMDHAM, 2003. SANTANA. R. N. Monteiro de. (Org.). Apontamentos para a História Cultural do Piauí. Teresina: FUNDAPI, 2003.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
PESSIS, Anne-Marie. Imagens da Pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo, SP: FUMDHAM, 2003. PINHEIRO, Áurea da Paz. Senhores de seu ofício: arte santeira do Piauí. Teresina: Iphan/Educar: artes e ofícios, 2009. RÊGO, Ana Regina; MENDES, Cecília; QUEIROZ, Teresinha. (Orgs.). Piauí: história, cultura & patrimônio. Teresina: Instituto Camillo Filho, 2010. SAMPAIO, Núbia Suely Canejo.; FRANÇA-CARVALHO, Antônia Dalva. Educação cultura e arte: conexões rizomáticas na pintura “A dança do boi do Piauí” de Afrânio Pessoa. Epistemologia e Práxis Educativa-EPEduc, Teresina, v. 5, n. 1, p. 1-14, Maio, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufpi.br/index.php/epeduc/article/view/2692 . Acesso em: 27 jan. 2024. SILVA, Daniel Oliveira da. Arte santeira do Piauí e a transmissão do saber-fazer: sujeitos e objetos na constituição do campo social. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2012			

6º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Libras (Língua Brasileira de Sinais)	LIBRAS010	Obrigatória	Coordenação do Curso de Letras Libras
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	-	
EMENTA:			
Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS: Conceituação. História da educação dos surdos. Abordagens educacionais, legislação, identidades e cultura da comunidade surda. Aspectos Linguísticos da Libras e o uso da língua. Pedagogia surda.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O Mundo dos Surdos em Libras. São Paulo: Vitae: Fapesp: Capes: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. GESSER, Audrei. Libras?: Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. QUADROS, Ronice Muller de.; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BOTELHO, P. Segredos e Silêncios da Educação dos Surdos. Editora Autêntica. Minas Gerais. 1998. FERNANDES, Eulália. (Org.) QUADROS, Ronice Muller de. [et al]. Surdez e Bilinguismo. Porto Alegre: Mediação, 2005. LIMA, M.S.C. Surdez, bilinguismo e inclusão: entre o dito, o pretendido e o feito. 2004. Universidade Estadual de Campinas Instituto de Estudos da Linguagem. 271f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185053 . Acesso em: 13 abr. 2023. SACKS, Oliver W. Vendo Vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2010.			

6º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Estágio Supervisionado I Artes Visuais		Obrigatório	Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino - DMTE
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.0.9	135	Didática Geral	
EMENTA:			
Observação da docência em Artes Visuais nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Investigação da realidade educacional. Processos interativos de ensino e aprendizagem em Artes Visuais.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003. PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2000. ZABALA, Antoni. A Prática Educativa: como ensinar. Trad. Ernani Rosa, Porto Alegre: Artmed, 1998.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elizangela Silva de; ALMEIDA, Whasgthon Aguiar de. Estágio com pesquisa. São Paulo: Cortez, 2015. SAMPAIO, Núbia Suely Canejo. Estágio Supervisionado: contribuições para a construção da profissão docente em artes visuais. 2018. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2018. Disponível em: https://ufpi.br/component/content/article/485-pgged/ppged-%20ppg/24052-dissertacoes-completas-2018 . Acesso em: 13 abr. 2023. ZABALA, Miguel A. O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária. São Paulo: Cortez, 2014. (Docência em formação: saberes pedagógicos). UFPI (2009). Resolução nº 22/09, de 04 de março de 2009. Dispõe sobre estágio obrigatório, no âmbito da UFPI. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/CT/gradua%C3%A7%C3%A3o/Resolu%C3%A7%C3%A3o-22_09_-_Est%C3%A1gio_obrigat%C3%B3rio.pdf . Acesso em: 13 abr. 2023.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
TCC		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	Projeto Orientado	
EMENTA:			
Atividade orientada de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. ABNT: Guia de formatação de trabalho acadêmicos. Rio de Janeiro: ABNT, out. 2002. BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. RODRIGUES, André Figueiredo. Como elaborar e apresentar monografias. 3. ed. São Paulo, SP: Humanitas, 2008. 92p. (Coleção Metodologias, 3)			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
DIAS, Belidson; IRWING, Rita. (Org.). Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia. Santa Maria: Edufsm, 2013. GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2016. 184p. KOCHE, José Carlos. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 182p. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2011. 1v. RUDIO, Franz Victor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. 35 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 144p.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Crítica da Arte Moderna e Contemporânea		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	Estética e Filosofia da Arte	
EMENTA:			
Tipos de crítica de arte e suas conexões. Relações da crítica com: signos/sociedades, culturas, poéticas, saberes, educações. Conexões entre crítica de arte, história da arte, estética e cotidiano. O profissional crítico de arte entre outros profissionais de arte e de museu, na contemporaneidade.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CAUQUELIN, Anne. Teorias da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2005. GONÇALVES, Lisbeth Rebolo; FABRIS, Annateresa (Org.). Os lugares da crítica de arte. São Paulo: ABCA; Imprensa Oficial do Estado, 2005. RICHARD, André. A crítica de arte. São Paulo: Martins Fontes: 1989.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013. (Solicitar compra) FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. Lisboa: Edições 70, 2006. GALEFFI, Romano. Fundamentos da crítica de arte. Salvador, Bahia: Centro de Estudos Estéticos/Fundação Cultura do Estado, 1981. MARTINS, Maria Helena. (Org.). Rumos da crítica. São Paulo: SENAC; Itaú Cultural, 2000. CHIPP, Herschel B. Teorias da arte moderna. 2.ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996. 675 p.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Poéticas Visuais		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	História das Artes Visuais II	
EMENTA:			
Abordagem, características e reflexões sobre as poéticas visuais. Processos generativos: sistemas, hibridez, fluidez. Teoria e teóricos do campo das Artes Visuais contemporâneas.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008. CANTON, Kátia. Novíssima arte brasileira: um guia de tendências. São Paulo: Iluminuras LTDA, 2001. CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea: uma introdução. São Paulo: Martins, 2005.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
Archer, Michael. Arte contemporânea: uma história concisa 2.ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2013. AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Tradução de Vinicius de Castro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. ARANTES, Priscila. Arte e mídia: perspectivas da estética digital. São Paulo: SENAC, 2005. BAUSBAUM, Ricardo (Org.). Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégicas. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.(SOLICITAR COMPRA). DEMPSEY, Amy. Estilos, escola & movimentos: guia enciclopédico da arte moderna. São Paulo, SP: Cosac & Naify, 2003.3.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Estágio Supervisionado II Artes Visuais		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.0.9	135	Estágio Supervisionado I Artes Visuais	
EMENTA:			
Exercício da docência em Artes Visuais, assistida pelo professor orientador e pelo supervisor de campo, no local do estágio, nos anos finais do Ensino Fundamental.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003. PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2000. ZABALA, Antoni. A Prática Educativa: como ensinar. Trad. Ernani Rosa, Porto Alegre: Artmed, 1998.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elizangela Silva de; ALMEIDA, Whasgthon Aguiar de. Estágio com pesquisa. São Paulo: Cortez, 2015. SAMPAIO, Núbia Suely Canejo. Estágio Supervisionado: contribuições para a construção da profissão docente em artes visuais. 2018. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2018. Disponível em: https://ufpi.br/component/content/article/485-pgged/ppged-ppg/24052-dissertacoes-completas-2018 . Acesso em: 13 abr. 2023. ZABALA, Miguel A. O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária. São Paulo: Cortez, 2014. (Docência em formação: saberes pedagógicos). UFPI (2009). Resolução nº 22/09, de 04 de março de 2009. Dispõe sobre estágio obrigatório, no âmbito da UFPI. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/CT/gradua%C3%A7%C3%A3o/Resolu%C3%A7%C3%A3o-22_09_-_Est%C3%A1gio_obrigat%C3%B3rio.pdf . Acesso em: 13 abr. 2023.			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Gravura		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
1.3.0	60	-	
EMENTA:			
Técnicas de reprodução gráfica. Princípios básicos das técnicas de xilogravura. Linoleogravura e calcogravura. Técnicas variadas de impressão e gravuras alternativas.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
HERKOVITS, ANICO. Xilogravura, arte e técnica. Porto Alegre – RS: Pomar Editorial, 2006. COSTELLA, Antônio F. Breve História Ilustrada da Xilogravura. Campos do Jordão: Ed. Mantiqueira, 2003. COSTELLA, Antônio F. Introdução a Gravura e História da Xilogravura. Campos do Jordão: Ed. Mantiqueira, 1998.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BURTI, Marco; LETYCIA, Anna (Orgs.). Gravura em Metal. São Paulo: EDUSP, 2002. CAMARGO, Iberê. A Gravura. Porto Alegre, RS: Sagra Luzzatto, 1992. 85 p COSTELLA, Antônio F. Xilogravura, Manual Prático. Campos do Jordão: Ed. Mantiqueira, 1998. JORGE, Alice; GABRIEL, Maria. Técnicas da Gravura Artística. 2 Ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2001. MAYER, Ralf. Manual do Artista. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Cinema e Vídeo		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
1.3.0	60	Fotografia	
EMENTA:			
História do Cinema. Escolas de Cinema. A linguagem cinematográfica. Estudo da televisão e do vídeo como processo de comunicação visual.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ANDREW, James Dudley. As principais teorias do cinema: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. BERNADET, Jean-Claude. O que é cinema. São Paulo: Editora Brasiliense,1980. MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas e pós-cinemas. Campinas: Editora Papirus, 1997			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BETTON, Gérard. Estética do Cinema. São Paulo: Editora Martins Fontes,1987. (Coleção Opus 86) COMPARATO, Doc. Da criação ao roteiro. Trad. de Gabriela Alves Neves. Portugal: Editora Pergaminho, 1992. COVALESKI, Rogério. Cinema, publicidade, interfaces. Curitiba, PR: Maxi Editora, 2009 EVANS, Russell. Curtas Extraordinários!: como filmar e compartilhar seus curtas na internet. Tradução de Edson Furmankiewicz. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011 MARQUES, Aida. Ideias em movimento: produzindo e realizando filmes no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2007			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Arte e Meio Ambiente		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	Poéticas Visuais	
EMENTA:			
Enfoques teóricos e práticos na relação sistêmica meio ambiente, arte e artevismo. Características de espaço, lugar, não-lugar, paisagem. Teorias de gaia, ecologia profunda, antropoceno. Eco Art. Museus e musealização do mundo. Teoria e desenvolvimento de práticas lúdicas de jogos educativos.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
AUGÉ, Marc. Os não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 6 ed. Campinas: Papirus, 2012. CANTON, Katia. Espaço e lugar. São Paulo: Editora WMF Martins 2009. COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Nosso futuro comum. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1991			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BOFF, Leonardo. Sustentabilidade: o que é - o que não é. 4 ed. –Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. TEIXEIRA COELHO. A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras, 2008. TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. Eco Art. Disponível em: http://artenaescola.org.br/ecoart/ Acesso em 21.set.2013. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Lei Nº 9.433, de 8 de Janeiro de 1997. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9433.htm . Acesso em 21.set.2013			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Estágio Supervisionado III Artes Visuais		Obrigatória	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.0.9	135	Estágio Supervisionado II Artes Visuais	
EMENTA:			
Exercício da docência em Artes Visuais, assistida pelo professor orientador e pelo supervisor de campo, no local do estágio, nos anos finais do Ensino Médio. Elaboração e execução de projetos de intervenção na escola campo, sob a orientação do professor orientador e do supervisor de campo.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003. PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2000. ZABALA, Antoni. A Prática Educativa: como ensinar. Trad. Ernani Rosa, Porto Alegre: Artmed, 1998.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elizangela Silva de; ALMEIDA, Whasgthon Aguiar de. Estágio com pesquisa. São Paulo: Cortez, 2015. SAMPAIO, Núbia Suely Canejo. Estágio Supervisionado: contribuições para a construção da profissão docente em artes visuais. 2018. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2018. Disponível em: https://ufpi.br/component/content/article/485-ppged/ppged-ppg/24052-dissertacoes-completas-2018 . Acesso em: 13 abr. 2023. ZABALA, Miguel A. O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária. São Paulo: Cortez, 2014. (Docência em formação: saberes pedagógicos). UFPI (2009). Resolução nº 22/09, de 04 de março de 2009. Dispõe sobre estágio obrigatório, no âmbito da UFPI. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/CT/gradua%C3%A7%C3%A3o/Resolu%C3%A7%C3%A3o-22_09_-_Est%C3%A1gio_obrigat%C3%B3rio.pdf . Acesso em: 13 abr. 2023.			

6.2. Ementário e Bibliografia das Disciplinas Optativas

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Antropologia da Arte		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Abordagem antropológica da arte: sociedade, Arte e cultura. Mitologia, lendas e folclore. Estrutura e desempenho nos estudos da etnoestética. A sociedade e a emergência do artista moderno. Arte e artisticidade. Etnografias clássicas, modernas e recentes sobre a arte.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CARVALHO, A. M. A. Imagens, arte e cultura. Porto Alegre: UFRGS, 2012. GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. LARAIA, R.B. Cultura, um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.5.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
CANCLINI, N.G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed. São Paulo: EDUSPI, 2013. CARDOSO, Ruth. A aventura Antropológica: teoria e pesquisa. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. CLIFFORD, J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2014. TELES, Fídias. A construção antropológica do terceiro milênio. Mafra, SC: Nosde, 1997.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Arte de Vanguarda Brasileira		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
História da arte de vanguarda no Brasil. Conceito de vanguarda na arte brasileira. Arte de vanguarda no Brasil: Movimentos e Modalidades.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CANTON, Kátia. Retrato da arte moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2002. CATTANI, Icleia Borsa. Arte Moderna no Brasil: constituição e desenvolvimento nas artes visuais 1900-1950. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. COSTA, Cacilda Teixeira. Arte no Brasil 1950-2000: movimentos e meios. São Paulo: Alameda, 2004.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
CANTON, Kátia. Novíssima arte brasileira: um guia de tendências. São Paulo: Iluminuras, 2001. COELHO, Teixeira. Moderno pós-moderno. São Paulo: Iluminuras, 4a ed, 2001. FABRIS, Annateresa. O Futurismo paulista: hipóteses para o estudo da chegada da vanguarda ao Brasil. São Paulo, SP: Perspectiva, 1994. 296 p. (Estudos, 138) HELENA, Lucia. Modernismo brasileiro e vanguarda. 3.ed. São Paulo, SP: Ática, 2000. 88 p. (Princípios, 60) TELES. Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro. São Paulo: José Olympio, 2022.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Arte-Educação Especial		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Generalidades da Educação Especial e Inclusiva. Fundamentos históricos e legislativos da Educação Inclusiva. Características socioemocionais do Público-Alvo da Educação Especial - PAEE (Pessoas com deficiência em geral; Pessoas com “Transtorno do espectro autista”; Pessoas com altas habilidades ou superdotação). O educando com necessidades educacionais específicas e as linguagens da arte. Teorias e Práticas educativas em Artes Visuais relacionadas com educandos do PAEE, preconizado pela lei BRASIL (2008).			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ALMEIDA, M.L.; RAMOS, I. O. (Org.) Diálogos sobre práticas pedagógicas inclusivas. Curitiba: Appris, 2012. 194 p. BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. MEC/SECADI. 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192 . Acesso em: 4 jul. 2018. REILY, L. Escola Inclusiva: linguagem e mediação. Campinas, SP: Papirus, 2004 (Série Educação Especial).			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
FRANGE, L.B. Noêmia Varela e a Arte. Belo Horizonte: C/Arte, 2001. GARDNER, H. Inteligências múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. KISHIMOTO, T. M. (org.) Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2008. MARQUEZINE, M. C.; TANAKA, E. D. O; BUSTO, R. M. (Orgs.). Atendimento educacional especializado. Marília: ABPEE: Marquezine e Manzini, 2013. MENDES, E. G. M. et al.(Orgs.) Estratégias Inclusivas de escolarização: da teoria à sala de aula. Marília, ABPEE, 2020. ROSADO, R. M. B. Q. Educação especial no Piauí 1968 a 1998: STOBAUS, C. D.; MOSQUERA, J. J. M. Educação especial: em direção a educação inclusiva. 4.ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2012. 196p.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Canto Coral I	CCLM/CCE014	Optativa	Coordenação do Curso de Música
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
1.1.0	30	-	
EMENTA:			
A experiência coral numa perspectiva histórica: a influência da Igreja; a influência da Schola Cantorum; a influência das Sociedades Corais; A atividade coral nos dias de hoje. Estudos sobre os coros: infantil e juvenil. Planejamento e organização dos coros: infantil e juvenil. A voz da criança e do adolescente, a muda vocal, aspectos musicais, sociais e psicológicos. As questões relacionadas a afinação e a desafinação vocal. Atividade de observação de ensaios de corais infanto-juvenis. Música folclórica e popular infantil e renascentistas.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BEHLAU, MARA. Higiene vocal para canto coral. 2.ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008. FRANK, Isolde Mohr. ABC da Música. Porto Alegre: Ed. Age, 2011. WERBECK-SVÄRDSTRÖM, Valborg. A escola do desvendar da voz. São Paulo: Antroposófica, 2001. SOBREIRA, S. Desafinação Vocal. Musimed, RJ: 2004.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. Do coral e sua Projeção na História da Música. Editora Kosmos, RJ: BENEDITO, Rafael. Como se Enseña el Canto y la Musica. Revista de Pedagogia, Madri: 1981, Serie Metodologica n.9. JUNKER, David. A Importância do Canto Coral in Anais da Convenção Internacional de Regentes de Coros. Brasília: 1999. p. 107 - 111. MARTINEZ, Emanuel. Regência Coral: princípios básicos. Curitiba: Dom Bosco/2000. LAKSCHEVITZ, Elza. Coro infantil. In. LAKSCHEVITZ, Eduardo (Org.). Ensaios: olhares sobre a música coral Brasileira. Rio de Janeiro: Oficina Coral, 2006. VERTAMATTI, Leila Rosa Gonçalves. Ampliando o repertório do coro infanto-juvenil: um estudo de repertório inserido em uma nova estética, SP/RJ: UNESP/FUNARTE. NEVES, J. M. Música Contemporânea Brasileira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ricordi Brasileira, 1981.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Criatividade		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
O conceito de criatividade e suas implicações. Enfoques teóricos e práticos das tipologias da criatividade. Características da criatividade e o ensino de Artes Visuais. Desenvolvimento de práticas criativas com enfoque nas poéticas visuais.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
NAKANO, T. C. (2012). Criatividade e inteligência em Crianças: Habilidades Relacionadas? Psicologia: Teoria e Pesquisa, 28 (2), 149-159. PIROLO, Ana Claudia Inacio da Silva. Processo da criatividade. – Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016. SANMARTIN, Stela Maria (Org.) Criatividade, educação e arte: potências e desafios. -Vitória: UFES,PROEX, 2021.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BARREIRO, Carlos. Paradigmas, modelo mental e pensamento sistêmico. 2011. CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Flow: a psicologia do alto desempenho e da felicidade. Tradução Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020. NICOLAU, Marcos. Introdução à criatividade. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2018. OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 9 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1977.WECHSLER, S. M, ; SOUZA, V. L. T., (Orgs.). Criatividade e aprendizagem: caminhos e descobertas em perspectiva internacional. Edições Loyola, 2011.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Desenho Geométrico		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Emprego do instrumental. Linhas convencionais. Escalas. Ponto. Linhas. Superfícies. Volumes, extensão e espaço. Perpendicularismo, paralelismo. Ângulos. Circunferências. Concordâncias. Polígonos. Segmentos proporcionais. Curvas notáveis.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CARVALHO, Benjamim de A. Desenho Geométrico. Rio de Janeiro: Ed Livro Técnico. WONG, Wucius. Princípios de Forma e Desenho. São Paulo: Martins Fontes, 2001. GIONGO, Affonso Rocha. Curso de desenho geometrico. 34.ed. São Paulo, SP: Nobel, 1986. 98 p.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
GIONGO, Afonso. Desenho Geométrico. São Paulo: Ed. Nobel, 1979. MARCHESI JUNIOR, Isaias. Curso de desenho geométrico. 9.ed. São Paulo, SP: Ática, 1998. 1v. MARMO, Carlos M. B. Curso de desenho: geometria descritiva. São Paulo, SP: Humburg, s.d. 355 p. PRÍNCIPE JR, Alfredo dos Reis. Noções de geometria descritiva. São Paulo: Nobel, 1972. ROCHA GIONGO, AFFONSO-CURSO DE DESENHO GEOMÉTRICO, ED. NOBEL,35ª ED, 1986, SÃO PAULO			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Gravura em Metal		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Calcografia: diferentes técnicas. Perfil histórico da gravura em metal. Artistas. Técnicas de gravura em metal: água-forte, verniz-mole, chiné-collê. Técnicas de gravura alternativa em superfícies metalizadas.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BUTTI, Marcos; LETILIA, Anna. Gravura em Metal. USP, 2002. IMPRESSOES. Rio de Janeiro, RJ: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2008 MAYER, Ralf. Manual do Artista. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BACON, Francis; FREUD; MOORE. Figuras e estampas. Curitiba, PR: Museu Oscar Niemeyer, 2008. 86 p. CAMARGO, Iberê. A Gravura. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1ª Edição. 1992. COSTELLA, Antônio F. Introdução a Gravura e História da Xilogravura. Campos do Jordão: Ed. Mantiqueira, 1998 JORGE, Alice; GABRIEL, Maria. Técnicas da Gravura Artística. 2 Ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.(Solicitar compra) LAGE, Ana Luisa Meneses. Grafismos rupestres da Pedra do Letreiro e Toca do Adao - Antonio Almeida, Piaui, Brasil. Teresina: 2011. 166 f.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Introdução ao Design		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
A presença do design em múltiplas esferas da vida e da cultura contemporânea. A especificidade do design de produtos industriais. Desenvolvimento de exercícios de projeto em consonância com aspectos do conhecimento introduzido.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
PHILLIPS, Peter L. Briefing: a gestão do projeto de design. São Paulo, SP: Blucher, 2013. 183 p. MEGGS, Philip B. A history of graphic design. New York: John Wiley & Sons, 1998. 510 p. WILLIAMS, Robin. Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual. 3.ed. São Paulo, SP: Callis, 2006. 144 p.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
CHINEN, Nobu Org. Curso básico design gráfico. São Paulo, SP: Escala, 2011. 175 p BURDEK, Bernhard. Design: história, teoria e prática do design de produtos. 2.ed. São Paulo , SP: Blucher, 2010. 496 p. TAVARES, Lúcia Maria. Design de personagens. Curitiba: Intersaberes, 2022. 199 p. AVELAR, Jorge. Design digital e novas mídias. São Paulo: Reflexão, 2015. 247 p. MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual. São Paulo, SP: Martins Fontes, c1968. 374 p. (Arte e Comunicação ; 1)			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Mediação Cultural		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Compreensão dos entrelaçamentos entre arte, cultura e sociedade. Processos de atuação do educando na área cultura. Compreensão das leis de incentivo à cultura e de inclusão social em instituições de arte. Discussão sobre as diferentes manifestações artísticas da antiguidade à contemporaneidade, perpassando pelos diferentes saberes e manifestações culturais.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. Arte/Educação como mediação cultural e social. São Paulo: Unesp, 2009. MASON, Rachel. Por uma arte-educação multicultural. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. 216 p READ, Herbert. A Educação pela arte. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. 366 p.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
ASSUNÇÃO, Ana Claudia Lopes de. Mediação cultural no Cariri Cearense: um estudo de caso. 2012. 125f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. ADAYME, Shana Lima. A mediação cultural na Bienal de Curitiba de 2015 Luz do Mundo. 2019. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019. ESPÍRITO SANTO, Renan Silva do. Mediação atemporal: materiais educativos institucionais e o acervo docente. 2022. 200f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022. MARTINS, Mirian Celeste (coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9- 27. PINTO, J. R. O Papel Social dos Museus e a Mediação Cultural: Conceitos de Vygotsky na Arte-Educação Não-Formal. Palíndromo, Florianópolis, v. 4, n. 7, 2013. DOI: 10.5965/2175234604072012081. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/3341 . Acesso em: 23 maio. 2023. SHIMIZU, Carina Kotani. Mediação informacional e cultural em museus e exposições: reflexões sobre teoria e prática pela visão dos profissionais de mediação. Dissertação de Mestrado (Cultura e Informação). Escola de Comunicações e Artes. São Paulo, 2021			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Oficina de Grafite		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Definição e contextualização do grafite da pré-história aos dias atuais; o grafite como uma característica da cultura de massa; o grafite como uma forma de comunicação e expressão nos espaços urbanos; técnicas e materiais mais usados e o grafite como um traço da identidade cultural das tribos urbanas.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CUNHA, Sandra. Graffiti: Arte ou Vandalismo? (Processos de Legitimação). 2003. 17 f. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 2006. SILVEIRA, Fabrício. Grafite Expandido. Porto Alegre: Modelo de Nuvem, 2012. 188 p. (Solicitar compra)			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
CELSO, Gitahy. O que é Graffiti. São Paulo: Brasiliense, 1999. LITTLE, Stephen. Ismos: para entender a arte. São Paulo: Globo, 2010. GONÇALVES, Joana Vieira Lopes; Grafite e Pichação:os dois lados que atuam no meio urbano. 2011. 37 f. Universidade de Brasília –UNB. NOGUEIRA, C. A (im)permanência do traço: rastro, memória e contestação. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, América do Norte, 0, jul. 2010. Disponível em: http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/35 . Acesso em: 16 Out. 2014. SANTOS, Paulo Sergio dos. Escritas urbanas: um estudo sobre a pichação e o graffiti na cidade de João Pessoa-PB. 2012, 106 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Oficina Interdisciplinar de Artes Visuais		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Generalidades e campos conceituais da arte: planejamento, criação, produção artística híbrida, de teor e sotaque regional e/ou local. Vivência de planejamento de projeto, criação/produção de oficinas fundadas na diversidade de campos do conhecimento (Música, Teatro, Literatura, Filosofia etc.) articulados às Artes Visuais aplicadas ao Ensino Fundamental.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BARBOSA, Ana Mae Org. Arte/Educação contemporânea: consonância internacionais. 3.ed. São Paulo, SP: Cortez, 2010. CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea: uma introdução. Trad. de Rejane Janowitzer. São Paulo: Martins Fontes, 2005. FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Práticas interdisciplinares na escola. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2001.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008. 709 p. CONNOR, Steven. Cultura pós-moderna: introdução as teorias do contemporâneo. 2.ed. São Paulo, SP: Loyola, 1993. 229 p. CRISPOLTI, Enrico. Como estudar a arte contemporânea. Lisboa Portugal: Editorial Estampa, 2004. 227 p. (Teoria da Arte, 27). DEMPSEY, Amy. Estilos, escola & movimentos: guia enciclopédico da arte moderna. São Paulo, SP: Cosac & Naify, 2003. READ, Herbert. A Educação pela arte. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. 366 p.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Técnica Vocal I	CCLM/CCE002	Optativa	Coordenação do Curso de Música
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
1.1.0	30	-	
EMENTA:			
Estudo prático de elementos da consciência corporal em geral e da psicodinâmica vocal, em especial, com suas aplicabilidades na fala e no canto. Introdução teórica às funções do aparelho fonador em especial, e do corpo em geral, na produção sonoro-vocal. Treino prático respiratório e de apoio, para a fala e para o canto. Introdução a vocalizes. Leituras complementares.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CAMPO, Giuliano, MOLIK, Zygmunt. O Trabalho de Voz e Corpo de Zygmunt Molik. Rio de Janeiro: (2012). FERREIRA, Léslie Piccolotto & Andrade, Marta. Saúde Vocal - Práticas Fonoaudiológicas (2002) RUBIM, Mirna. Voz, Corpo, Equilíbrio. Rio de Janeiro: Thieme Revinter Publicações, 2019.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
ANDREWS, Motta. Terapia Vocal para Crianças- os Primeiros Anos Escolares (1998). DAMÁSIO, António. A Estranha Ordem das Coisas. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018. DAMÁSIO, António. O Sentimento de Si: corpo emoção e consciência. Lisboa: Temas e Debates: 2013. FERREIRA, Léslie Piccolotto & Andrade, Marta. Saúde Vocal - Práticas Fonoaudiológicas (2002). AZEVEDO, S. O Papel do Corpo no Corpo do Ator. São Paulo. Perspectiva, 2014.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Teoria Musical e Treinamento Auditivo I	CCLM/CCE001	Optativa	Coordenação do Curso de Música
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
2.2.0	60	-	
EMENTA:			
Formação aural elementar associada à teoria musical. Princípios básicos da notação musical: normas ortográficas; noção de posicionamento de alturas de acordo com claves no pentagrama; fórmula de compasso; estudo dos aspectos rítmicos em compassos simples e compostos (binários, ternários e quaternários). Teoria harmónica tonal elementar: ciclo das quintas; escalas maiores e suas relativas menores; escalas homónimas; intervalos diatónicos; identificação de acordes triádicos (maiores, menores, aumentados e diminutos). Distinção auditiva dos modos maior e menor. Identificação e entoação dos intervalos de segundas e terças maiores e menores; quarta, quinta e oitava justas. Identificação dos graus na escala diatónica maior. Solfejo de melodias por graus conjuntos e por graus disjuntos nos clichês harmónico-tonais. Apreciação musical com ênfase na identificação melódico-harmónica do conteúdo dado. Solfejo, identificação e aplicação de padrões rítmicos baseados na subdivisão da pulsação em 2 e 3 com pausas e ligaduras em 4.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BENWARD, Bruce; KOLOSICK, Timothy. Percepção musical 1: prática auditiva para músicos. Tradução de Adriana Lopes da Cunha Moreira. São Paulo: Edusp; 2013. HERMES, D.; PINTO, T. Notas introdutórias - exercícios de teoria musical. Vol. 1. São Paulo: Theofilo A. Pinto, 2007. KRUEGER, Carol. Progressive Sight Singing. Nova Iorque: Oxford University Press, 2016.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
MED, Bohumil. Teoria da Música. Vademecum da Teoria Musical. Brasília: MusiMed, 2017. POZZOLI, Ettore. Guia Teórico e Prático Para o Ensino do Ditado Musical - Volume 1 e 2. São Paulo: Ricordi, 1983. PRINCE, Adamo. A arte de ouvir: Percepção Rítmica. Vol. 1. Rio de Janeiro: Vitale, 2001. SCHOENBERG, Arnold. Harmonia. São Paulo: Unesp, 2012 TAYLOR, Eric. Music Theory in Practice. Volume 1 a 5. Ashford: ABRSM, 2008.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Tópicos Especiais: Arte e Decolonialidade		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Colonialidade do poder, do ser, do saber, do gênero e suas relações com a arte. Decolonialidade: na arte e na estética. Arte de pessoas afrodescendentes e nativo descendentes em intersecção com outras identidades, especialmente em territorialidades piauienses. Arte no cotidiano. Arte como narrativa e cuidado.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ALVES, Alcione Corrêa & MELO, Lucas Anderson Neves de. A Fratura no Lugar de Enunciação. Cadernos de Estudos Culturais, Campo Grande, MS, v. 1, p. 9-29, jan./jun. 2021. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/14507/11543 . Acesso em: 23 mai. 2023. MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinariedade e decolonialidade. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/CxNvQSnhxqSTf4GkQvzck9G/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 23 mai. 2023. PINTO, Júlio Roberto de Souza & MIGNOLO, Walter D. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. Dossiê: América Latina como lugar de enunciação. Civitas, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 381-402, jul.-set. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/civitas/a/qqRR8D8df5RKQN9bLmQjFmn/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 23 mai. 2023.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BOAKARI, Francis Musa. Afrodescendência. Curitiba, PR: Editorial Casa, 2022. GÓMEZ, Pedro Pablo & MIGNOLO, Walter. Estéticas Decoloniales. [recurso eletrônico]. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012. Disponível em: https://adelajusic.files.wordpress.com/2012/10/decolonial-aesthetics.pdf . Acesso em: 15 mai. 2016. SILVA, Francilene Brito da & BOAKARI, Francis Musa (Orgs.). Afrodescendentes em narrativas cotidianas [recurso eletrônico]. Teresina: EdUFPI, 2021. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/EDUFPI/AfrodescendentesemNarrativasCotidianas_E-Book_Final_2_1.pdf . Acesso em: 18 jul. 2022. SILVA, Francilene Brito da. Arte Afrodescendente a partir de três olhares de educadoras em Teresina. Teresina: EDUFPI, 2022. Disponível em: https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/edufpi/ARTE_AFRODESCENDENTE.pdf . Acesso em: 13 fev. 2023. VICIAI, Lux. (Orga.). Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: EDUSP, 2007.			

7º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Tópicos Especiais: Pesquisa em Arte e seu Ensino		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Oral, imagens e outras metodologias de pesquisa em arte e seu ensino. Arte no cotidiano. Arte como narrativa e cuidado. Arte e Pesquisa.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
SILVA, Francilene Brito da Silva. Imagens de Mulheres e Crianças Afrodiaspóricas: narrativas piauienses para além do museu brasileiro. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Educação, 2017. SILVA, Francilene Brito da Silva. Oral imagens como Práticas Educativas em Arte. In: FERNANDES, Renata Sieiro, GOUVEIA NETO, João Costa, POSCA, Luís Müller. (Orgs.). Arte e Educação: encontros investigativos na contemporaneidade. Parnaíba, PI: Acadêmica Editorial, 2021.E-book. Disponível em: https://publicacoes.even3.com.br/book/arte-e-educacao-encontros-investigativos-na-contemporaneidade-292445. Acesso em: 13 abr. 2021. SILVA, Francilene Brito da. Arte Afrodescendente a partir de três olhares de educadoras em Teresina. Teresina: EDUFPI, 2022. Disponível em: https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/edufpi/ARTE_AFRODESCENDENTE.pdf. Acesso em:11 abr. 2023			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
ARTE COMO NARRATIVA E CUIDADO: Oralimagens. Áudio: Francilene B. da Silva, Sabyna Pohema,Águida Bomfim e Emanuella Geovana. Teresina-PI: Spotify, 26 de mai. de 2021. Podcast. Disponível em: https://podcasters.spotify.com/pod/show/francilene-brito-da-silva6/episodes/Oralimagens-e11knmi. Acesso em: 11 abr. 2023. COELHO, Pollyanna Jericó Pinto. Tear Identitário: a prática docente em arte como conhecimento compartilhado. Tese (Doutorado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008. SAMPAIO, Núbia Suely Canejo. Estágio Supervisionado: contribuições para a construção da profissão docente em artes visuais. Dissertação (Mestrado em Educação). Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2018. SILVA, Larissa Rachel Gomes. Da Porcelana aos Trapos: bonecas e memórias femininas no processo de poíeses. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPI, 2018. SOUSA, Vicelma Maria de Paula Barbosa. Rap de “Quebrada” [manuscrito]: construção de sentidos e saberes pelos grupos de rap – “Alrmandade” e “Reação do Gueto” de Teresina-PI.			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Arte Têxtil		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Estudo sobre a história e técnica têxtil nas artes visuais, realizando a pesquisa de matérias e de processos artesanais, visando a exploração das possibilidades do material, do tecer ao bordar, buscando trabalhar com temáticas contemporâneas e populares da arte.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BORRE, Luciana; Bordando afetos na formação docente. – Conceição da Feira: Andarilha Edições, 2020.=210 p.: il - ebook. Disponível em: https://andarilhaedicoes.com.br/bagagem/bordando-afetos-na-formacao-docente/ . Acesso em 30 de Janeiro de 2024. GROPIUS, Walter. Bauhaus: nova arquitetura. São Paulo: Perspectiva S. A, 1972. CANTON. Katia. Novíssima Arte Brasileira: Um Guia De Tendências. São Paulo. Editora : Iluminuras; 2000.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
DERDYK, Edith. Linha do horizonte: por uma poética do ato criador. São Paulo: Intermeios. 2ª Edição; 2012. (Solicitar compra) DIAS, V. C.; PORTO, J. P.; SILVA, U. R. da. Tecendo poéticas feministas: crochê, bordado e poesia. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 054-070, 2022. DOI:10.5965/24471267832022054. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/22878 . Acesso em: 2 fev. 2023. MAYER, Ralph. Manual do artista, técnicas e materiais. Trad. de Christine Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1996. MALDONADO GURIN, J. I. Dez maneiras de errar o buraco de uma agulha. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 096-107, 2022. DOI: 10.5965/24471267832022096. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/22868 . Acesso em: 2 fev. 2023.			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Artes do Corpo		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Estudos antropológicos e semiológicos da Performance como Linguagem. Vanguardas Artísticas e Performance. Mitopoética. Poéticas do Corpo e as Novas Tecnologias. Experimentação de processos performáticos de criação.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea: uma introdução. Trad. de Rejane Janowitz. – São Paulo: Martins Fontes, 2005. FREIRE, Cristina. Poéticas do processo: a arte conceitual no museu. São Paulo, SP: Iluminuras, 1999. GREINER, Christine. O corpo: pista para estudos indisciplinados. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2005.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
GREINER, Christine; AMORIM, Claudia. Leituras do corpo. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2010. GREINER, Christine ; KATZ, Helena. Corpo e processos de comunicação. In: Revista Fronteiras estudos midiáticos. Vol. III, nº 2, dezembro de 2001 Disponível em: http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz71314110790.pdf . Acesso em: 04/04/2015. FOUCAULT, Michel. Vontade de saber. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guillon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. Disponível em https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1226/foucault_historiadasesexualidade.pdf . Acesso em: 04/04/2015. HAJMANOVICH, Denise. O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. KATZZ, Helena e GREINER, Christine. A natureza cultural do corpo. In: Lições de dança 3, Rio de Janeiro: UniverCidade, 2001.			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Canto Coral II	CCLM/CCE020	Optativa	Coordenação do Curso de Música
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
1.1.0	30	Canto Coral I	
EMENTA:			
O conjunto coral: aspectos humanos, sociais e musicais. Estudo sistematizado dos principais elementos da prática coral, visando o preparo e a formação do músico como artista/corista e educador. Estudo sobre as vozes: extensão, classificação, diferentes tipos de disposições corais. Técnica vocal para coro. Repertório coral. Prática e planejamento coral. Estudo de grandes obras corais como oratórios e cantatas. Práticas dos diferentes tipos de recitativos. Prática de canto em conjunto. Análise, leitura e execução de obras corais de diferentes gêneros, estilos e formas com ênfase para a música erudita europeia (renascença e barroco) e arranjos de música popular brasileira.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BEHLAU, MARA. Higiene vocal para canto coral. 2.ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008. FRANK, Isolde Mohr. ABC da Música. Porto Alegre: Ed. Age, 2011. WERBECK-SVÄRDSTRÖM, Valborg. A escola do desvendar da voz. São Paulo: Antroposófica, 2001. LEITE, Marcos. Método de Canto Popular Brasileiro para vozes médio-agudas. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 2001.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
CARTOLANO, Ruy Botti. Regência: coral-orfeão-percussão. Vitale Brasil 1968. LEAL, L. P. Missa de B. Virgine Maria (Felipe de Magalhães 1565?-1652) Portugaliae Música. Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal: 1976. SÉRGIO Luiz. A função do ensaio coral: treinamento ou aprendizagem? Opus, Salvador, Ano I, n.1, 1989, p. 72-78. KERR, Samuel. Carta canto coral. In: LAKSCHEVITZ, Eduardo (Org.). Ensaios: olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Oficina Coral, 2006, p.200-238. ZANDER, Oscar. Regência Coral. Editora Movimento, porto Alegre: 1979			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Cerâmica		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Contextualização e elementos constitutivos da cerâmica: massas, tipos e funções, instrumentos e materiais, métodos cerâmicos. Design, utilitários e artesanato cerâmico. Experimentações por adição e produção em escala com moldes em gesso. Técnicas de modelagem, escultura e acabamento. Barbotina e preparo de massas. Métodos, esmaltes e tipos de queima.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
READ, Herbert. Escultura moderna: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 318p. 10 ex SENDIN, Armando Moral. Cerâmica Artística: Técnicas de decoração. São Paulo: Folco Masucci, 1965. WITTKOWER, Rudolf. Escultura. 2. ed. Sao Paulo: Martins Fontes, 2001 301p.2 ed 10 ex			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. Sao Paulo: Cengage Learning, 2011. 503p. CORBETTA, Glória. Manual do Escultor. Porto Alegre: AGE, 2003. BAY, J. Escultura y Modelado en 5 lecciones. Espanha: L.E.D.A, 1985. DONDIS, DONIS A, Sintaxe da linguagem visual. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 TUCKER, William. A linguagem da escultura. Trad. de Antonio Manfredinni. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Conservação e Restauração de Bens Culturais		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Conceito de conservação, preservação e restauração. Princípios que regem a restauração: a bi-polaridade estética e histórica edificada por Césari Brandi. Os primeiros auxílios usados para proteger e conservar um bem cultural móvel (pintura e escultura): execução de emenda, remendo, reforço de borda, recolocação no chassi definitivo. Regras para esticar a tela no chassi.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BRAGA, Márcia. Conservação e restauro: pedra, pintura mural, pintura em tela. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2003. BRANDI, Cesare. Teoria da restauração. Trad. de Beatriz Mugayar Kühl. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004 (Coleção Artes &Ofícios) MENDES, Marilka, BAPTISTA, A. Carlos N. Restauração: ciência e arte. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1996			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
MARTOS, A. Diaz. Restauracion y Conservacion del arte Pictórico. Madrid: Arte Restauro S.A, 1975. RESCALA, João José. Restauração de obras de arte: pintura, imaginaria, obras de talha. Ministério da Cultura e Meio Ambiente da França. Prevenção e segurança nos museus. Trad. de Fernanda de Camargo e A. Moro e Lourdes M. Martins. Rio de Janeiro, 1978 Secretaria do Estado de São Paulo. Manual de orientação Museológica e Museográfica. São Paulo: Sistema de Museus do Estado de São Paulo, 1987. Manual de Prevencion y Primeros auxílios. Bogotá, Colômbia: Litografia Arco, 1985			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Curadoria		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Práticas curatoriais. Diferentes abordagens e concepções de curadoria. Conceitos de montagens e concepções expográficas.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2004.Solicitar. OBRIST, Hans Ulrich. Caminhos da Curadoria. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014. O'DOHERTY, Brian. No interior do cubo branco: A ideologia do Espaço da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
CYPRIANO, Fabio; OLIVEIR, Mirtes Marins. Histórias das exposições/Casos exemplares. São Paulo: EDUC, 2017. CURY; Marília Xavier. Exposição, concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005. HOFFMANN, Jens. (Curadoria) de A a Z. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017. REZENDE, Renato; BUENO, Guilherme. Conversas com curadores e críticos de arte. Rio de Janeiro: Editora Circuito, Lamparina, 2013. OLIVEIRA, Emerson Dionisio G. de; COUTO, Maria de Fátima Morethy (Orgs.) Instituições da arte. Porto Alegre, RS. Zouk, 2012			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Desenho Perspectivo		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Aplicação da perspectiva nas Artes. Breve histórico. Elementos fundamentais da perspectiva linear cônica. Perspectiva de observação. Métodos das artes visuais dominantes. Estudo geométrico das sombras e dos reflexos.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
DOYLE, Michael E. Desenho a cores: técnicas de desenho de projeto para arquitetos, paisagistas e designers de interiores. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002. WHITE, Gwen. Perspectiva: para artistas, arquitetos e desenhadores. 3.ed. Lisboa Portugal: Presença, 1990. 104 p. SZUNYOGHY, András. Desenho, a grande escola. Ed. H. F. ULLMANN, Barcelona, 2011.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
CHIGIR, Margarita. Curso de desenho de perspectiva exata. Taubaté, SP: Gráfica Editorial, 1980. 5v. MAYER, Ralph. Manual do artista, técnicas e materiais. Trad. de Christine Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1996. MONTENEGRO, G. A perspectiva dos profissionais. São Paulo: Edgar Blücker, 1983 OBERG, L. Desenho Arquitetônico. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992. SCHWARZ, Hans. Como desenhar edifícios e paisagens urbanas. 2.ed. Lisboa Portugal: Presença, 1997. 48 p.			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Encenação e Cenografia		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Processos criativos em cenografia. Dimensões do espetáculo (espaço de encenação, dramaturgia, direção, público). Movimentos estéticos. Contexto histórico-social da encenação e cenografia no Brasil e no mundo.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BERTHOLD, Margot. História mundial do teatro. 5.ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2011. 578 p. WILKER, Francis. Encenação no espaço urbano. Vinhedo: Editora Horizonte, 2018. 326 p. STANISLAVSKI, Constantin. A Preparação do ator. 41.ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2021. 368 p. (Teoria e História, 12)			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BARROS, Anna. Arte da percepção: um namoro entre a luz e o espaço. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1999. BROOK, Peter. O teatro e seu espaço. Petrópolis: Vozes, 1970. CORTINHAS, Rosangela. Figurino: Um objeto sensível na criação do personagem. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFRGS, 2010. VIANA, Fausto. Figurino teatral e as renovações do século XX. São Paulo, SP: Estação das Letras e Cores, 2010. 295 p. SOUSA, Ana Luiza Bílio de. Um Estudo do figurino como diferenciador social na série Coisa Mais Linda 2019 da Netflix. 2019. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portela, Bacharelado em Design da Moda e Estilismo, Teresina, 2019.			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
História da Música Brasileira	CCLM/CCE017	Optativa	Coordenação do Curso de Música
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Detalhamento através de uma abordagem histórica e musicológica da formação do patrimônio musical brasileiro do início do período colonial até o século XXI, enfatizando o estudo dos fundamentos teóricos e institucionais que estabeleceram as práticas musicais no Brasil, bem como, suas bases políticas e ideológicas que nortearam a construção da história da música brasileira.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
MACIEL, Emmanuel Coelho. 500 Anos de Música Brasileira. Teresina: EDUFPI, 2014 MARIZ, Vasco. A Canção Brasileira: erudita, folclórica e popular. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. MARIZ, Vasco. História da Música no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
ANDRADE, Mário de. Aspectos da Música Brasileira. São Paulo, Martins, 1975. BARBOSA, Elmer C. Correa. Ciclo do Ouro, o tempo e a música do barroco católico. Rio de Janeiro: Editora da PUC, 1978. DUPRAT, Regis. Música no Brasil Colonial. São Paulo: EDUSP, 1994. KIEFER, Bruno. História da música brasileira: dos primórdios ao início do séc. XX. Porto Alegre, Movimento, 1997. NOGUEIRA, MA; ROMANELLI, G; ZAGO, N. (Orgs.). Família e Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 4ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
História da Ensino de Arte		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Aspectos históricos, legais e políticos do ensino de Arte no Brasil. Articulação entre aspectos históricos, legais e metodológicos da Arte-Educação brasileira.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
BARBOSA, Ana Mae (Org.) Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002. BARBOSA, Ana Mae. Redesenhando o desenho: educadores, política e história. São Paulo: Cortez, 2015. FRANGE, Lucimar Bello Pereira. Noemia Varela e a Arte. Belo Horizonte: C/Arte, 2001. (Coleção Arte &Ensino)			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
BARBOSA, Ana Mae. Ensino da arte: memória e história. São Paulo: Cortez, 2008. BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de arte: anos 1980 e novos tempos. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019 a. BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019 b. BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane. Ensino da arte no Brasil: aspectos históricos e metodológicos. Rede São Paulo de Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP Ensino Fundamental II e Ensino Médio. UNESP: São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf . MARTINS, Mírian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Teresinha Telles. Teoria e prática do Ensino de Arte: A língua do mundo. São Paulo: FTD, 2010.			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Introdução à Semiótica		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Origem da palavra. As linhas da Semiótica: discursiva ou greimasiana, da Cultura ou de linha russa e peirciana ou de linha americana. Principais diferenças e diálogos; métodos de análise de uma obra de arte ou de um objeto artístico seguindo uma dessas linhas da Semiótica.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
COSTA, Zozilena de F.F. Análise semiótica de configurações rupestres do Parque Nacional da Serra da Capivara, PI. Dissertação de Mestrado no Programa de Comunicação e Semiótica, PUC, SP. 178 p. GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. Dicionário de semiótica. Trad. de A.D. Lima ET. AL. São Paulo: Cultriz, s/d. GREIMAS, A. J. Semântica estutural, pesquisa e Método. Trad. de H. Osakabe e I. Blikstein. São Paulo: Cultriz, 1973			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
GREIMAS, A. J. De La Imperfaccion. Apresentação, trad. de R.Dorra. México: Fondo de Cultura Económica, 1990. LANDOWSKI, E. A. A sociedade refletida, ensaios de sociossemiótica. Trad. de E.Brandão. São Paulo: EDUC, 1992. LANDOWSKI, E. A FIORIN,J.L. (Eds). O gosto da gente, gosto das coisas: abordagem semiótica. São Paulo: EDUC, 1997. LANDOWSKI, E.; DORRA, R. OLIVEIRA, A.C. (Eds). Semiótica, estesis, estética. São Paulo: EDUC/’Puebla, UAP, 1999. OLIVEIRA, A.C. As semiose pictóricas. FACE. São Paulo, vol. 4, n.2, PP.104-145, jul/dez, 1995.			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Laboratório de HQ		Optativa	Departamento de Artes - DEA
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
Perfil histórico da História em Quadrinhos (HQ). Estilos, métodos e técnicas narrativas na produção de (HQ). Recursos gráficos dos quadrinhos. Conceitos do HQ. Formas de representação do HQ: visuais, textuais, temporais e espaciais.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ACEVEDO, Juan. Como fazer histórias em quadrinhos. Tradução de Sílvio Neves Ferreira. São Paulo: Global, 1990. CAGNIN, Antonio Luiz. Os quadrinhos: linguagem e semiótica: um estudo abrangente da arte sequencial. 1 ed. São Paulo: Criativo, 2014. CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque; LOMBOGLIA, Ruth. HQ: Uma manifestação de arte. In: LUYTEN, Sonia M. (org.). Histórias em quadrinhos – leitura crítica. São Paulo: Edições Paulinas, 1984			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
EISNER, Will. Quadrinhos e Arte Sequencial. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. FEIJÓ, Mário. Quadrinhos em ação: um século de história. São Paulo: Moderna, 1997. QUELLA-GUYOT, D. A história em quadrinhos. São Paulo: Edições Loyola, 1994. RAMOS, Paulo. A leitura dos quadrinhos. São Paulo: Contexto, 2010. VEGUEIRO, W. (orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012b. p. 31-64			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Técnica Vocal II	CCLM/CCE008	Optativa	Coordenação do Curso de Música
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
1.1.0	30	Técnica Vocal I	
EMENTA:			
Estudo prático de elementos da consciência corporal aplicada a apresentações públicas. Práticas corporais e vocais aplicadas à preparação de performances artísticas que envolvam o canto e a fala, como também à preparação de apresentações orais, aulas e encontros de cunho acadêmico, como seminários, comunicações em congressos e conferências. Leituras Complementares.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
ANDERSON, Chris. TED Talks: o guia oficial do TED para falar em público. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca (2016). CAMPO, Giuliano, MOLIK, Zygmunt. O Trabalho de Voz e Corpo de Zygmunt Molik. Rio de Janeiro: (2012). RUBIM, Mirna. Voz, Corpo, Equilíbrio. Rio de Janeiro: Thieme Revinter Publicações, 2019.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
DAMÁSIO, António. A Estranha Ordem das Coisas. Lisboa: Temas e Debates (2017). FERREIRA, Juliana Grassi Pinto. ‘Preparação Vocal do Corista’. Per Musi, Belo Horizonte. V 5/6, 2002, p.112-119. Disponível em: http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/numeros/05_06/num5_6_cap_09.pdf PÉREZ-GONZÁLEZ, Eládio & PEREIRA, Eugênio T. ‘Técnica e Expressão Vocal: uma conversa com Eládio Perez-González’. São Paulo: Pitágoras 500 (2017). p. 44-54. https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8651452/17533 PÉREZ-GONZÁLEZ, Eládio. Iniciação à Técnica Vocal (2000). TRATENBERG, Lucila. ‘Performance vocal: expressão e interpretação’. Per Musi, Belo Horizonte, n.15, 2007, p. 41-46. Disponível em: http://www.musica.ufmg.br/permusi .			

8º PERÍODO			
COMPONENTE CURRICULAR			
NOME	CÓDIGO	TIPO	UNIDADE RESPONSÁVEL
Ética em Educação		Optativa	Departamento de Fundamentos da Educação - DEFE
CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO	
0.4.0	60	-	
EMENTA:			
O sujeito moral. Concepções de Ética. Ética na profissão docente. Ética ambiental. Formação ético-política do educador.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA:			
HERMANN, Nadja. Pluralidade e ética em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. VASQUEZ, Adolfo S. Ética. 37ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. PELIZZOLI, M. L. Correntes da ética ambiental. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:			
ADORNO, T.W. Educação e emancipação. Petrópolis: Paz e Terra, 2020. AHLERT, Alvorí. A eticidade da educação: o discurso de uma práxis solidária e universal. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia da educação. 3. ed. São Paulo: Moderna. 2006. BENJAMIN, Walter. Documentos de cultura / Documentos de barbárie. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1992. RIOS, Terezinha A. Ética e competência. 20ª. ed. São Paulo: Cortez, 2020.			

7. INFRAESTRUTURA FÍSICA E INSTALAÇÕES ACADÊMICAS



7. INFRAESTRUTURA FÍSICA E INSTALAÇÕES ACADÊMICAS

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais é vinculado ao Departamento de Artes (DEA) e está situado no Centro de Ciências da Educação (CCE). A infraestrutura e equipamentos que estão sob a gestão DEA, visam atender às necessidades de operacionalização do curso, contando com laboratórios, salas de aula, gabinete de professor, sala de convivência e salas de atividades pedagógica e administrativa.

Além dessa estrutura, o curso conta com os espaços e equipamentos comuns do CCE, como laboratório de informática, sala de Vídeo, auditório, lanchonetes, banheiros masculinos e femininos e banheiro com acessibilidade, pátios, estacionamento e biblioteca setorial. Salientamos que todos os espaços são providos de rampas de acesso para pessoas com necessidades especiais. Outro recurso disponibilizado para a comunidade acadêmica é o serviço de rede de internet *wi-fi*. Os equipamentos estão em constante atualização para atender as demandas dos avanços tecnológicos.

O quadro a seguir apresenta de maneira detalhada as instalações, os equipamentos e outros recursos sob a gestão do Departamento de Artes:

INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS		
ITEM	DESCRIÇÃO DO EQUIPAMENTO	QUANTIDADE
Departamento de Artes (Administração) Sala 402	Chefia	
	Computador	1
	Mesa	1
	Ar-condicionado	1
	Mesa para reunião	1
	Cadeiras para mesa de reunião	5
	Cadeira estilo diretor	1
	Armário Pequeno fechado	1
	Armário de prateleira	1
	Armário grande fechado	1
	Aparelho de telefone	1
	Secretaria	
	Computador	3
	Ar-condicionado	1
	Impressora	1
	Mesa	4

	Cadeira estilo secretária	4
	Escaninho	1
	Armário	2
	Balcão	1
	Cadeira estilo sofá	5
	Aparelho de telefone	1
	Sala de Convivência	
	Bebedouro	1
	Frigobar	1
	Liquidificador	1
	Microondas	1
	Mesa redonda	1
	Cadeiras	4
	Pia com balcão	1
Coordenação Pedagógica Sala 403/404	Secretaria	
	Ar-condicionado	1
	Computador	2
	Mesa estilo ilha	2
	Mesa pequena	1
	Cadeira estilo secretária	2
	Longarina (2 lugares)	1
	Longarina (3 lugares)	1
	Balcão	1
	Aparelho de telefone	1
	Sala de reunião	
	Ar-condicionado	1
	Cadeira estilo secretária	8
	Armário fechado médio	1
	Mesa de reunião	1
	Frigobar	1
	Mesa de apoio	1
	Coordenação	
	Armário fechado	2
	Mesa	1
	Cadeira estilo secretária	1
	Computador	1
Laboratório de Mídias (Labmídia) Sala 405	Switch	1
	Computador	15
	Ar-condicionado	1

	Cadeira	15
	Mesa	1
	Bancada	2
Laboratório de Gravura Sala 435	Banqueta alta	28
	Carteira	25
	Cadeira estilo secretária	16
	Computador	7
	Data show	1
	Tela de Projeção	1
	Quadro branco	1
	Lousa digital	1
	Televisão Led	1
	Mesa de reunião	1
	Armário Pequeno fechado	4
	Armário grande fechado	1
	Armário com prateleira	2
	Bancada de madeira	2
	Bancada de granito com pia	1
	Prateleira de granito grande	3
	Prensa manual de gravura pequena	1
	Violão	3
	Ar-condicionado	2
	Teclado	2
Núcleo de Estudos/Polo Arte UFPI Sala 436	Armário	5
	Impressora	1
	Computador	2
	Notebook	1
	Mesa pequena	1
	Mesa de reunião	1
	Pia com bancada de cimento	1
	Bancada de granito	1
	Ar-condicionado	2
	Cadeira	5
Laboratório de Desenho Sala 437	Mesa prancheta	24
	Banqueta	30
	Mesa de professor	1
	Cadeira	1
	Data show	1
	Tela de projeção	1
	Quadro branco	1
	Ar-condicionado	2

Sala de aula 443	Carteira Cadeira Mesa de professor Tela de Projeção Data Show Quadro Branco Ar-condicionado	42 1 1 1 1 1 2
Sala de aula 444	Carteira Cadeira Mesa de professor Tela de Projeção Data Show Quadro Branco Ar-condicionado	42 1 1 1 1 1 2
Sala de aula 445	Carteira Cadeira Mesa de professor Tela de Projeção Data Show Quadro Branco Ar-condicionado Switch	40 1 1 1 1 1 2 1
Sala de aula 450-A	Carteira Cadeira Mesa de professor Tela de Projeção Data Show Quadro Branco Ar-condicionado	20 1 1 1 1 1 1
Sala de aula 450-B	Carteira Cadeira Mesa de professor Tela de Projeção Data Show Quadro Branco Ar-condicionado	20 1 1 1 1 1 1
Laboratório de Teatro de Formas Animadas Sala 450	Bancada Computador Ar-condicionado Armário fechado Armário aberto com prateleira Armário pequeno Banqueta	2 1 1 2 1 1 6

Laboratório de Volume Sala 452/451	Forno para Cerâmica	1
	Armário Arquivo	2
	Cadeira	21
	Banqueta	40
	Switch	1
	Armário	6
	Tela de projeção	1
	Data show	1
	Ar-condicionado	2
	Bancada de granilite	3
	Mesa de professor	1
	Pia e bancada	1
	Prateleira de granito grande	3
Atelier de Dança Sala 485	Camarim	
	Armário	1
	Cadeira	2
	Sala de Dança	
	Ar-condicionado	2
Atelier de Pintura Sala 486	Espelhos/barras/palco	1
	Mesa grande	3
	Mesa pequena	2
	Cadeira com rodas	20
	Tela de Projeção	1
	Ar-condicionado	2
	Data Show	1
	Expositores	2
	Cavalete	33
	Armário de aço	1
	Quadro Branco	1
Galeria de Arte	Expositor	4
	Mesa	1
	Púlpito	1
	Ar-condicionado	2
Reserva Técnica	Expositor	26
	Armário	7
	Banqueta	1
	Mesa	1

Gabinete de Professor	Salas 04, 21, 22 e 23	
	Armário	2
	Ar-condicionado	1
	Cadeira	2
	Mesa	2
	Sala 24	
	Armário	2
	Mesa	2
	Computador	2
Centro Acadêmico de Artes Visuais	Impressora	1
	Cadeira	3
	Ar-condicionado	1
	Sala 32	
	Computador	1
	Mesa	2
	Ar-condicionado	1
	Armário	2
	Cadeira	3
Banheiro	Ar-condicionado	1
	Armário	2
	Mesa	1
	Bancada	1
	Cadeira	3
	Banco	3
	Computador	1
Banheiro	Banheiro (CCE)	7
	Banheiro com acessibilidade (CCE)	1

7.1. Biblioteca

O acervo bibliográfico está disponibilizado em duas bibliotecas da Universidade Federal do Piauí, sendo uma setorial, localizada no Centro de Ciências da Educação (CCE), cujos exemplares contemplam as diversas áreas dos cursos do CCE. A outra, é a Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco. As referidas bibliotecas buscam atualizar seus acervos, e, anualmente, solicitam às coordenações de cursos, a lista de livros a ser adquiridos, com vistas a atender as demandas da relação de proporcionalidade quanto ao número de estudantes.

8. DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

8. DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

8.1. Equivalência entre Projetos Pedagógicos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais

QUADRO DE EQUIVALÊNCIA CURRÍCULO 2 (2018) x PROPOSTA CURRICULAR (2026) DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS							
COMPONENTES CURRICULARES ESTRUCTURA Nº 2 - 2018		PRÉ-REQUISITO (NOME E CÓDIGO)	RECIPROCIDADE	COMPONENTES CURRICULARES ESTRUCTURA - 2026		PRÉ-REQUISITO (NOME E CÓDIGO)	ABRANGÊNCIA (Global ou Específica – Resolução CEPEX 177/12)
CÓDIGO	NOME			CÓDIGO	NOME		
DEA0414	Seminário de Introdução ao Curso de Artes Visuais	-	⇕		Seminário de Introdução ao Curso de Artes Visuais	-	Global
DEA0415	Fundamentos da Linguagem Visual	-	⇕		Fundamentos da Linguagem Visual	-	Global
DEA0416	Estética e Filosofia da Arte	-	⇕		Estética e Filosofia da Arte	-	Global
DEA0417	Fundamentos de Expressão e Comunicação Humana FECH	-	⇕		Fundamentos da Expressão da Comunicação Humana FECH	-	Global
DEA0418	Patrimônio Imaterial e Material	-	⇕		Patrimônio Cultural	-	Global
DFE0081	Filosofia da Educação	-	⇕		Filosofia da Educação	-	Global
DEA0419	Composição	Fundamentos da Linguagem Visual	⇕		Composição	Fundamentos da Linguagem Visual	Global
DEA0420	Desenho de Observação	Fundamentos da Linguagem Visual	⇕		Fundamentos da Linguagem Visual	-	Global

DEA0422	História das Artes Visuais I	Estética e Filosofia da Arte	⇔		História das Artes Visuais I	-	Global
DEA0421	Seminário de Pesquisa em Arte	-	⇔		Seminário de Pesquisa em Arte	-	Global
DEA0423	Psicologia da Percepção e da Forma	-	⇔		Psicologia da Percepção e da Forma	Fundamentos da Linguagem Visual	Global
DFE0084	Sociologia da Educação	-	⇔		Sociologia da Educação	-	Global
DEA0424	Análise e Expressão de Técnicas e Materiais Expressivos I	Composição	⇔		Análise de Materiais Expressivos	-	Global
DEA0425	Multimeios (Fotografia)	Composição	⇔		Fotografia	Composição	Global
DEA0426	História das Artes Visuais II	História das Artes Visuais I	⇔		História das Artes Visuais II	História das Artes Visuais I	Global
LIBRAS010	LIBRAS	-	⇔		LIBRAS	-	Global
DFE0083	Psicologia da Educação	Filosofia da Educação	⇔		Psicologia da Educação	Filosofia da Educação	Global
DEA0428	Análise e Expressão de Técnicas e Materiais Expressivos II	Análise e Expressão de Técnicas e Materiais Expressivos I	⇔		Análise de Materiais Expressivos	-	Global
DEA0432	Desenho Artístico	Composição	⇔		Desenho Artístico	-	Global
DEA0429	História da Arte no Brasil I	História das Artes Visuais II	⇔		História da Arte no Brasil I	-	Global
DEA0430	Gravura	-	⇔		Gravura	-	Global
DFE0080	História da Educação	-	⇔		História da Educação	-	Global
DFE0176	Ética em Educação	-	⇔		Ética em Educação	-	Global
DEA0431	Pintura I	Análise e Expressão de Técnicas e Materiais Expressivos I	⇔		Pintura I	Análise de Materiais Expressivos	Global
DEA0433	Desenho Anatômico e Modelo Vivo	Desenho Artístico	⇔		Desenho Anatômico e Modelo Vivo	Desenho de Observação	Global
DEA0435	História da Arte no Brasil II	História da Arte no Brasil I	⇔		História da Arte no Brasil II	História da Arte no Brasil I	Global

DEA0434	Projeto Orientado	-	⇔		Projeto Orientado	Seminário de Pesquisa em Arte	Global
DMT0157	Didática Geral	Psicologia da Educação	⇔		Didática Geral	Psicologia da Educação	Global
DEA0436	Pintura II	Pintura I	⇔		Pintura II	Pintura I	Global
DEA0437	Desenho Perspectivo	-	⇔		Desenho Perspectivo	-	Global
DEA0438	Crítica da Arte Moderna e Contemporânea	História da Arte no Brasil II	⇔		Crítica da Arte Moderna e Contemporânea	Estética e Filosofia da Arte	Global
DFE0077	Legislação e Organização da Educação Básica	-	⇔		Legislação e Organização da Educação Básica	-	Global
DMT0209	Estágio Supervisionado I – Artes Visuais	Didática Geral	⇔		-	-	Global
DMTE406	Metodologia de Ensino de Artes Visuais	Psicologia da Percepção e da Forma DEA0299	⇔		Metodologia do Ensino das Artes Visuais	Didática Geral	Global
DEA0439	Expressão em Volume I - Modelagem	Análise e Expressão de Técnicas e Materiais Expressivos II	⇔		Volume	Análise de Materiais Expressivos	Global
DEA0440	Introdução à Computação Gráfica	Desenho Perspectivo	⇔		Arte e Multimídia	Fotografia	Global
DEA0441	Poéticas Visuais	-	⇔		Poéticas Visuais	História das Artes Visuais II	Global
DMT0170	Avaliação da Aprendizagem	Didática Geral	⇔		Avaliação da Aprendizagem	Didática Geral	Global
DMT0210	Estágio Supervisionado II – Artes Visuais	Estágio Supervisionado I – Artes Visuais	⇔		Estágio Supervisionado I – Artes Visuais	Didática Geral	Global
DEA0442	Expressão em Volume II - Escultura	Expressão em Volume I - Modelagem	⇔		Volume	Análise de Materiais Expressivo	Global
DEA0443	Laboratório de Programação Visual	Introdução à Computação Gráfica	⇔		Arte e Multimídia	Fotografia	Global
DEA0444	Arte e Meio Ambiente	-	⇔		Arte e Meio Ambiente	Poéticas Visuais	Global

-	Optativa	-	⇔		-	-	Global
DMT0211	Estágio Supervisionado III – Artes Visuais	Estágio Supervisionado II – Artes Visuais	⇔		Estágio Supervisionado II – Artes Visuais	Estágio Supervisionado I – Artes Visuais	Global
-	Optativa	--	⇔		-	-	Global
DEA0446	Cinema e Vídeo	Laboratório de Programação Visual	⇔		Cinema e Vídeo	Fotografia	Global
DEA0445	TCC	Projeto Orientado	⇔		TCC	Projeto Orientado	Global
DEA0455	Teatro de Formas Animadas	-	⇔		Teatro de Formas Animadas	-	Global
DMT0212	Estágio Supervisionado IV – Artes Visuais	Estágio Supervisionado III – Artes Visuais	⇔		Estágio Supervisionado III – Artes Visuais	Estágio Supervisionado II – Artes Visuais	Global
DEA/CCE008	Expressão em Volume 3D	-	⇔		Modelagem Digital	Arte e Multimídia	Global
-	-	-	⇔		Arte e Educação	Didática Geral	Global
-	-	-	⇔		História da Arte no Piauí	História da Arte no Brasil II	Global

8.2. Cláusula de vigência e outros

1. A implementação deste currículo se fará a partir do 1º semestre letivo de 2026, após aprovação nas instâncias administrativas e acadêmicas da UFPI;
2. Dentre os 15 discentes vinculados ao Currículo 1 (2012), aqueles que ainda não integralizaram 70% do curso, deverão migrar, compulsoriamente, para o PPC que entrará em vigência em 2026.1, tendo um prazo previsto de 2 anos para integralizar o currículo;
3. Os discentes que ingressaram antes de 2018.1, que migraram para o Currículo 2, e, que não integralizaram 70% do curso, deverão migrar, compulsoriamente, para o PPC que entrará em vigência em 2026.1;
4. Os discentes que ingressaram a partir de 2018.1 (Currículo 2), que não integralizaram 70% do curso, deverão migrar, compulsoriamente, para o PPC que entrará em vigência em 2026.1;
5. Os discentes que ingressaram a partir de 2018.1 (Currículo 2), que tenham integralizado, no mínimo, 70% (setenta por cento) do curso, poderão permanecer no PPC vigente (Currículo 2), tendo um prazo previsto de 2 anos para integralizar o currículo;
6. Os discentes que ingressaram a partir de 2018.1 (Currículo 2), que permanecerem no PPC (Currículo 2), e, não cumprirem a integração de 100% do curso, no prazo estabelecido de 2 anos (conforme subitem 5, do item 8.2 deste documento) deverão migrar, compulsoriamente, para o currículo que entrará em vigência em 2026.1;
7. As disciplinas referentes aos dois currículos serão oferecidas pela Coordenação do Curso por um período de 2 (dois) anos, especificamente de 2026.1 a 2028.2;
8. O Curso de Licenciatura em Artes Visuais possui condições de implementação do novo currículo, tanto no que se refere à capacidade de instalação física, quanto ao corpo docente, de forma que é viável a convivência dos currículos durante o período de transição, que será de dois anos, especificamente de 2026.1 a 2028.2;
9. Aquelas disciplinas do currículo anterior, que não sofreram alterações de nome ou carga horária, ficam automaticamente equivalentes às suas congêneres no novo currículo, mesmo que tenham sofrido alterações de ementa;
10. As disciplinas do novo currículo deverão ter seus planos de curso elaborados pelos professores e apresentados ao Departamento de Artes, sob orientação da Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, para serem apreciados;
11. Os planos de curso apresentados deverão conter, no mínimo, os seguintes elementos: ementa, objetivos, conteúdos programáticos, metodologia, avaliação e referências;
12. No início de cada ano letivo a Coordenação da Licenciatura em Artes Visuais promoverá um seminário de iniciação ao curso para os novos discentes, com carga horária de 15 horas-aula;
13. Após aprovação do PPC do Curso de Licenciatura em Artes Visuais que entrará em vigência a partir de 2026.1, o

referido Projeto Pedagógico será apresentado a todo o corpo docente, discente e técnico administrativo do Curso.

Os casos omissos serão resolvidos pelo Colegiado do Curso de Licenciatura em Artes Visuais em consonância com a legislação educacional interna vigente desta Instituição de Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- Ascom. Riqueza arqueológica do Piauí é destaque nacional. 14/09/2015. Disponível em: <http://www.capitalteresina.com.br/noticias/piaui/riqueza-arqueologica-do-piaui-e-destaque-nacional-31923.html>>. Acesso em: 04 jul. 2018.
- BARBOSA, Ana Mae. Redesenhando o Desenho: educadores, política e história. São Paulo: Cortez, 2015.
- BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação. Tradução: Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília (DF), 2017. BRASIL. Ministério da Educação. CNE. Resolução 02/2004. Brasília (DF), 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEE. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Música, Dança, Teatro e Design. Brasília (DF), 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CES. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Direito, Ciências Econômicas, Administração, Ciências Contábeis, Turismo, Hotelaria, Secretariado Executivo, Música, Dança, Teatro e Design. Brasília (DF), 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CP. Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura e de graduação plena. Resolução CNE/CP 01/2002. Brasília (DF), 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Comissão de Especialistas de Ensino de Música. Diretrizes Curriculares Para os Cursos de Música. Brasília (DF), 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CP 9/2001. Institui a duração e a carga-horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Brasília (DF), 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP Nº 2 de 20 de dezembro de 2019. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC- Formação). Brasília (DF). 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº.1/2009 de 16 de janeiro de 2009. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Artes Visuais. Brasília(DF).2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC-SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. SESU. Diretrizes Curriculares Gerais para as Licenciaturas. Brasília (DF), 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. SESU. Subsídios para a elaboração de propostas de diretrizes curriculares gerais para as licenciaturas. Brasília (DF), 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CP. Resolução CNE/CP Nº 2 de 20 de dezembro de 2019. Brasília (DF). 2019.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Plano Nacional de Extensão Universitária. Brasília. SESU/MEC, 2000-2001. Disponível em: <https://www.proec.ufg.br/up/694/o/PNEX.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2023.

FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. Ditos e escritos, vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

KLEBER, M. Teorias curriculares e suas implicações no ensino superior de música: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNESP, 2000.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A Topologia do Ser e a Geopolítica do Conhecimento. Modernidade, Império e Colonialidade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula. (Org.). Epistemologias do Sul. Coimbra: ALMEDINA; Rio de Janeiro: CES, 2010.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo. São Paulo: FTD, 2010. (Coleção teoria e prática)

Meu Piauí. 7 Riquezas que Você só Encontra no Piauí. 09/06/2017. Disponível em: <http://meupiauioficial.com/riquezas-que-so-se-encontra-no-piaui/>. Acesso em: 04 jul. 2018. PERRENOUD, P. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro De 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm. Acesso em: 04 jul. 2018.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino- americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 08 jun. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI: 2020-2024 / Universidade Federal do Piauí. – Teresina (PI), 2020. 349 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. CEPEX/UFPI. Resolução Nº 220/2016 CEPEX/UFPI: Diretrizes curriculares para a formação em Nível Superior de Profissionais do Magistério para a Educação Básica. Universidade Federal do Piauí. Teresina(PI). 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. CEPEX/UFPI. Portaria PREG/CAMEN Nº 330/17: Diretrizes para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade Federal do Piauí. Teresina (PI). 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. CEPEX/UFPI. Resolução 177/2012 CEPEX/UFPI. Regulamento Geral da Graduação. Universidade Federal do Piauí. Teresina (PI). 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. CEPEX/UFPI. Resolução Nº 054/2017 CEPEX/UFPI: Atendimento educacional a estudantes com necessidades especiais na UFPI. Universidade Federal do Piauí. Teresina (PI). 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. CEPEX/UFPI. Resolução Nº 53/19 CEPEX/UFPI: Regulamenta a inclusão das

atividades de extensão como componente curricular obrigatório nos cursos de graduação da UFPI. Universidade Federal do Piauí. Teresina (PI). 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Resolução N° 22/09. Dispõe sobre estágio obrigatório no âmbito da UFPI. Universidade Federal do Piauí. Teresina (PI). 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. UFPI/CEPEX. Resolução 115/05. Teresina (PI), 2005.



©